

**SE A  
MÚSICA  
FALASSE  
POR SI SÓ**

**DAVI ROCHA**



**SE A  
MÚSICA  
FALASSE  
POR SI SO**

**DAVI ROCHA**

**Concepção, reportagem e texto**

Davi Rocha

**Revisão**

Renata Penzani

**Diagramação**

Projeto Gráfico - Ana Paula Campos

Imagens - Raphael Bispo dos Santos

**Imagens**

Páginas 10 a 19 - Divulgação

Páginas 176 a 193 e 195 - Arquivo Pessoal/Eduardo Borem

Página 194 - Raphael Bispo

Página 196 - Arquivo Pessoal/Renata de Luna

Página 197 a 201 - Arquivo Móveis Coloniais de Acaju

Página Arte/ André Gonzales - Foto - Eduardo Borem

**Ilustrações**

Diego Morales

# AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente e principalmente aos meus pais, que dão todo o apoio do mundo em meus projetos, por mais malucos ou aparentemente impossíveis de serem realizadas.

A André Gonzáles Martins, Alexandre Almeida Bursztyn, Bruno César Pino Oliveira de Araújo, Eduardo Borém Teixeira, Esdras Augusto Nogueira Filho, Fabio Sucupira Pedroza, Fabricio Ofuji, Gabriel Soares Coaracy, Paulo Rogério dos Santos e Roberto Mejia Avelino, por deixarem um estudante de jornalismo tentar escrever um livro sobre o Móveis Coloniais de Acaju.

À Unesp pelo mundo inteiro de conhecimentos e vivências a que fui apresentado freqüentando seu universo. Aos professores que fizeram meu curso de jornalismo da Unesp Bauru valer à pena: Dino, Pedro Campos, Zarcillo, Fernanda, Cláudio Coração, Danilo Rothberg, Max e Bertolli. Especialmente ao Angelo, verdadeiro mestre do jornalismo em que tive o prazer de ter como professor durante três semestres, e ao Bulhões, pelo inestimável e necessário apoio e estímulo na orientação deste livro.

Aos meus amigos, que pouco ou muito, direta ou indiretamente acompanharam o desenvolvimento deste livro. Especialmente Xico, Helio, Cods, Camilona, Flavinha, Ana, Minhoca pelo apoio e paciência em me ouvir falar, pensar, refletir, sobre este trabalho.

À Ana e ao Helio pelo precioso tempo deles dedicado a deixar este trabalho tão bonito. Ao casal c\_mpl\_to Re e Tchi, que melhor entendem o que seria a vida “se a música falasse por si só”. Mais especialmente de todos os especialmentes à Letícia, que além de todo apoio e paciência, foi parte importante para fazer de meu 2010 um ano incrivelmente inesquecível.

À Isa e sua linda família “brasiliense”: Célio, Eliane e Igor, pela paciência e receptividade em minha estadia na capital do Brasil.

Às cupins do Móveis, Bianca, Dani, Rafaela, Milla, Tânia e Renata, que mesmo de longe ajudaram e apoiaram a realização deste livro.

Sem todos eles, este livro jamais estaria C\_mpl\_to.

Aos meus pais, por tudo.

— Parece que vocês se divertem muito – digo ao flautista Beto.

— Tem que se divertir sempre – Beto, sobre o Móveis.

— Principalmente se divertir – completa o baterista Coaracy.





# Índice

<b>Prefácio.....</b>	<b>20</b>
<b>Nada existe sem Cclassificar(não!).....</b>	<b>22</b>
<b>Um céu pontilhado em negrito.....</b>	<b>46</b>
<b>Revolta do Acaju.....</b>	<b>56</b>
<b>Entrevistas I.....</b>	<b>68</b>
<b>Tudo que parece ser eu é um bocado de alguém.....</b>	<b>82</b>
<b>Quando eu vivo este encontro.....</b>	<b>102</b>
<b>Idem.....</b>	<b>112</b>
<b>Tira o lar do lugar, vem pra cá.....</b>	<b>128</b>
<b>Eu trago meus sonhos para somar aos seus.....</b>	<b>202</b>
<b>Entrevistas II.....</b>	<b>210</b>
<b>Pósfacio.....</b>	<b>224</b>

## ANDRÉ GONZÁLES

André Gonzáles Martins, 28 anos, nascido em Brasília-DF.  
O que toca? Nada, apenas emite ondas sonoras graves acompanhadas de movimentos corpóreos incompreensíveis. E canta;  
Formado em Desenho Industrial - Programação Visual;  
Nunca teve outra banda;

Um dos fundadores do Móveis, já comandava a banda no *show* de estreia, na Embaixada da Venezuela, em Brasília, no dia 10 de outubro de 1998, e até hoje só não comandou os vocais em duas ocasiões;

Time de futebol: *Bahia*;

Atividades extramusicais: desembaraçar o cabelo, rolar no chão acreditando que isso é dança contemporânea, e ser designer mesmo achando que deve ser outra coisa;

É responsável pelo visual do Móveis, em todos os encartes dos discos, do DVD, do site do grupo e nas dezenas de camisetas da banda vendidas em seus shows pelo Brasil;

Se fosse um móvel seria um cabideiro.



## XANDE BURSZTYN

Alexandre Almeida Bursztyn, 26 anos, nascido em Brasília;  
Formado em Biologia;  
Toca trombone;  
Aprendeu a tocar o instrumento para convencer seu irmão mais velho de que merecia entrar no Móveis;  
Mesmo antes de estar na banda, acompanhou todos os passos do início da carreira do grupo;  
Influências musicais: *Skatalites*;  
Time de futebol: *Vasco*;  
Como o único integrante solteiro, é o terror das meninas;  
Se fosse um móvel seria a rack do som.



## BC

Bruno César Pino Oliveira de Araújo, 28 anos, nascido em Recife, casado.

Toca guitarra, cavaquinho e bandolim;

É mestre em Economia;

Além do Móveis, trabalha no *IPEA*;

É pai do Heitor, nascido em 2009;

Primeiro *show* no Móveis: no festival Porão do *Rock*, em 2005;

Influências musicais: *Rush*, *Stevie Ray Vaughan*;

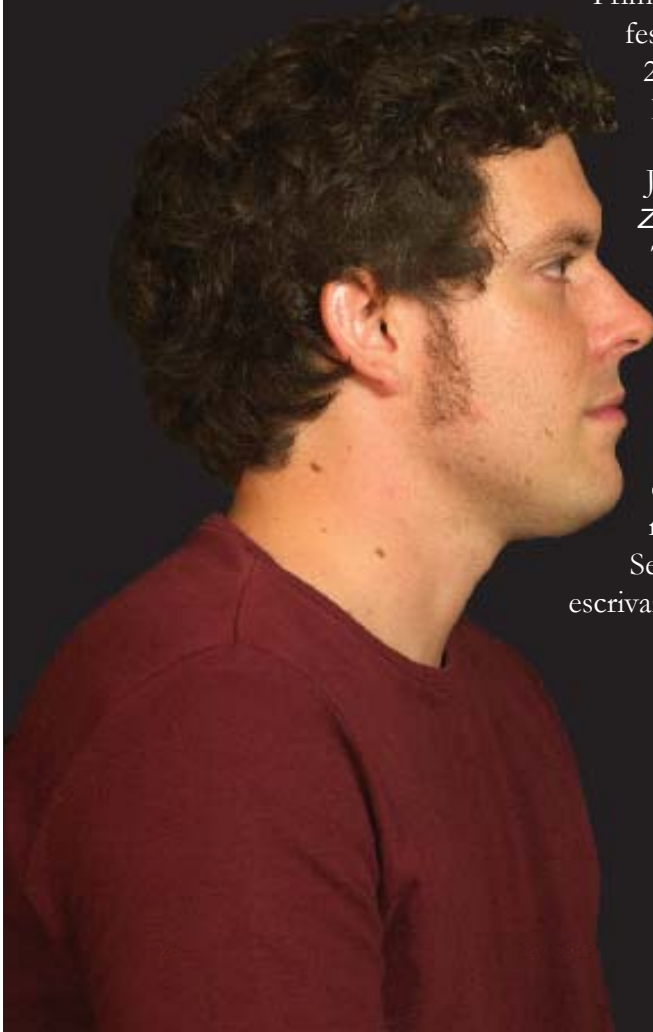
Já foi guitarrista na banda *Zoe*;

Time de futebol: *Sport*, do Recife;

É um dos três integrantes da banda que é canhoto.

Coaracy sobre BC: “Olha que tudo de bom esse rapaz!”;

Se fosse um móvel seria uma escrivaninha.



## EDUARDO BORÉM

Eduardo Borém Teixeira, 28 anos, nascido em Montes Claros – MG, é casado.

Toca gaita cromática, escaleta e teclados;

Formado em Desenho Industrial - Design de Produto;

É um dos integrantes canhotos da banda;

Responsável pelo site do grupo desde os tempos em que foi feito usando um domínio gratuito, com aqueles endereços gigantes...

Time de futebol: *Seleção*

*Brasileira;*

Música: *Trio Mocotó;*

“Mas amo. Amo o trabalho.

Amo criar e compor.

Amo tocar. Amo os shows. Amo as pessoas. O público. O apoio. Os aplausos. Amo meus sócios.

Meus colegas. Meus

Amigos. Amo. Amo.

Amo.”, Borém, sobre seu tra-

balho no blog

do Móveis.;

Se fosse um móvel

seria um sofá chique.



## ESDRAS NOGUEIRA

Esdras Augusto Nogueira Filho, 31 anos, nascido em Brasília

Toca saxofone barítono;

Formado em Música;

Time de futebol: *Palmeiras*

Influências musicais: *Djavan, Tokyo Ska Paradise Orchestra, Paralamas do Sucesso, Emir Kusturica, Karnak, Skatalites;*

No Móveis também cuida dos vídeos, desde os bastidores aos clipes dos projetos *Adoro Couve e Agora ou Pra Viagem*.

De toda a mobília, é o mais vidrado em culinária, se aventura na cozinha em casa e publica algumas de suas receitas no *blog* do Móveis;

Se fosse um móvel, seria: “um armário, claro”.



## FABIO PEDROZA

Fabio Sucupira Pedroza, 29, nascido em Lund, na Suécia

Toca baixo;

Formado em Ciências Sociais – Antropologia;

Foi professor de Sociologia no Ensino Médio;

Antes de entrar no Móveis Coloniais de

Acaju, Fabio era o principal fã

da banda e assistia a todos

os shows. Até hoje é

quem mais esteve nas

apresentações, dentro e

fora do palco;

Influências: *Beatles*,

*Dave Matthews Band*,

*Squirrel Nut Zippers*,

*Toquio Paradise Or-*

*chestra*, *Emir Kusturica*

e *The No Smoking Band*,

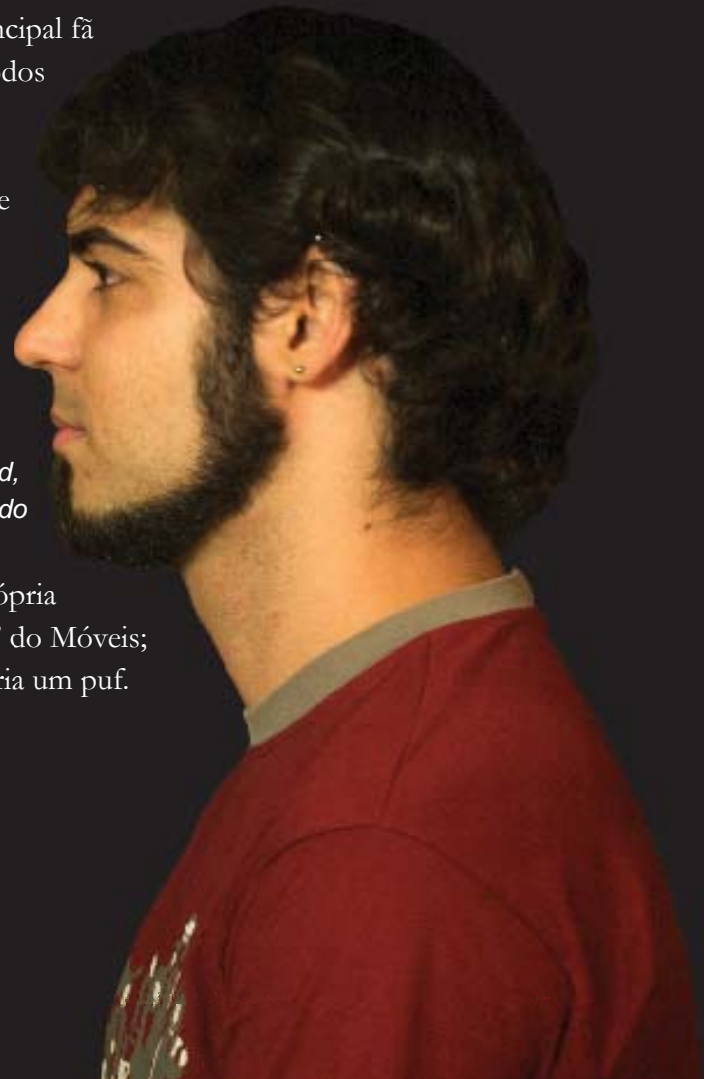
*Pato fu*, *Os Paralamas do*

*Sucesso*;

É considerado pela própria

mobília o “presidente” do Móveis;

Se fosse um móvel, seria um puf.



## FABRICIO OFUJI

Fabrcio Ofuji, 28, solteiro;

O que toca? No Móveis nada, cuida da produção;

Formado em Jornalismo pela *UnB*;

Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero, defendeu o projeto “*A Internet livre como meio de gestão da carreira de músico*”;

Antes do Móveis passou por várias bandas, entre elas o Ganza, que tocava punk *rock* no fim dos anos 90;

Entrou no Móveis para assessorar o grupo e com o tempo passou a cuidar de toda a produção;

Time de futebol:

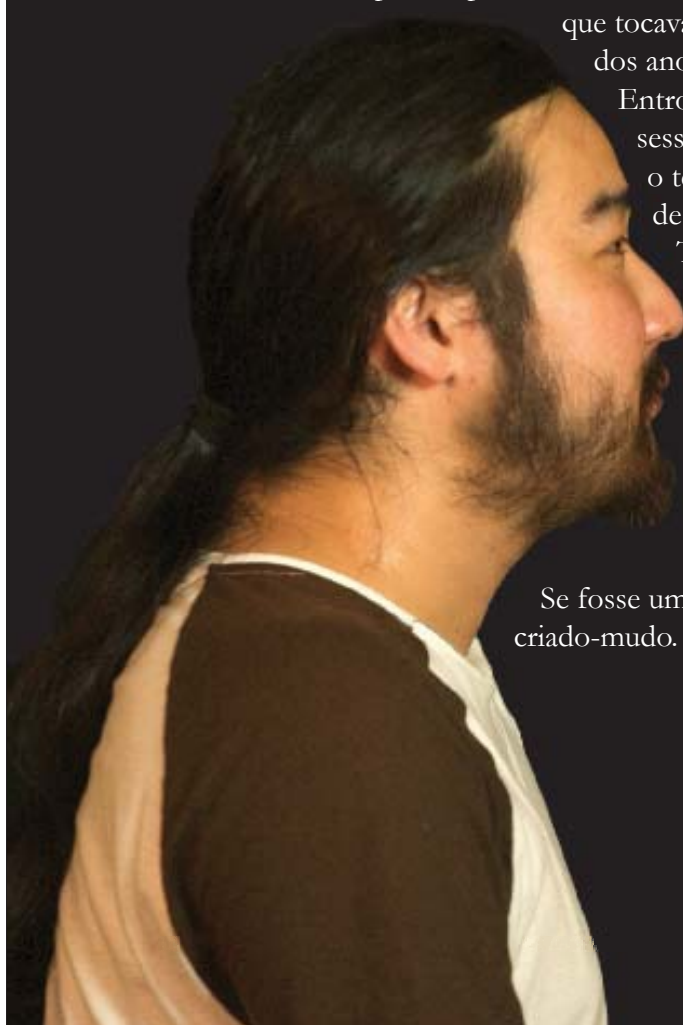
*Vasco*;

Uma música do

Móveis: *Adeus*;

“Se você conversar com o pessoal vão dizer que eu falo pouco”, Ofuji, sobre ele mesmo;

Se fosse um móvel seria um criado-mudo.





## GABRIEL COARACY

Gabriel Soares Coaracy, 28 anos, nascido em Brasília

Toca bateria;

Formado em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda, é especialista em Arquitetura da Informação;

Antes do Móveis: era baterista da banda *Bois de Gerião*;

Influências musicais: *Squirrel Nut Zippers*;

Time de futebol: Nenhum;

Atividade física: Pedalar e correr;

É um dos canhotos do Móveis;

“Como eu sempre falo, são dois casamentos, cara, um com a banda e outro com a Tuca (esposa do Coaracy).

Tem que conciliar”, ele mesmo, sobre seus casamentos;

Se fosse um móvel seria uma cama redonda.



## PAULO ROGÉRIO

Paulo Rogério dos Santos, 38 anos, nascido em São Paulo,  
Toca saxofone tenor;

Formado em Música pela *Universidade de Brasília*;

Antes do Móveis: tocou em uma banda de baile chamada Terminal Zero e em um grupo de *reggae*;

Entrou na banda a convite do  
Esdras;

O primeiro *show* com o  
Móveis foi no festival  
*Rolla Pedra*, em 2000;

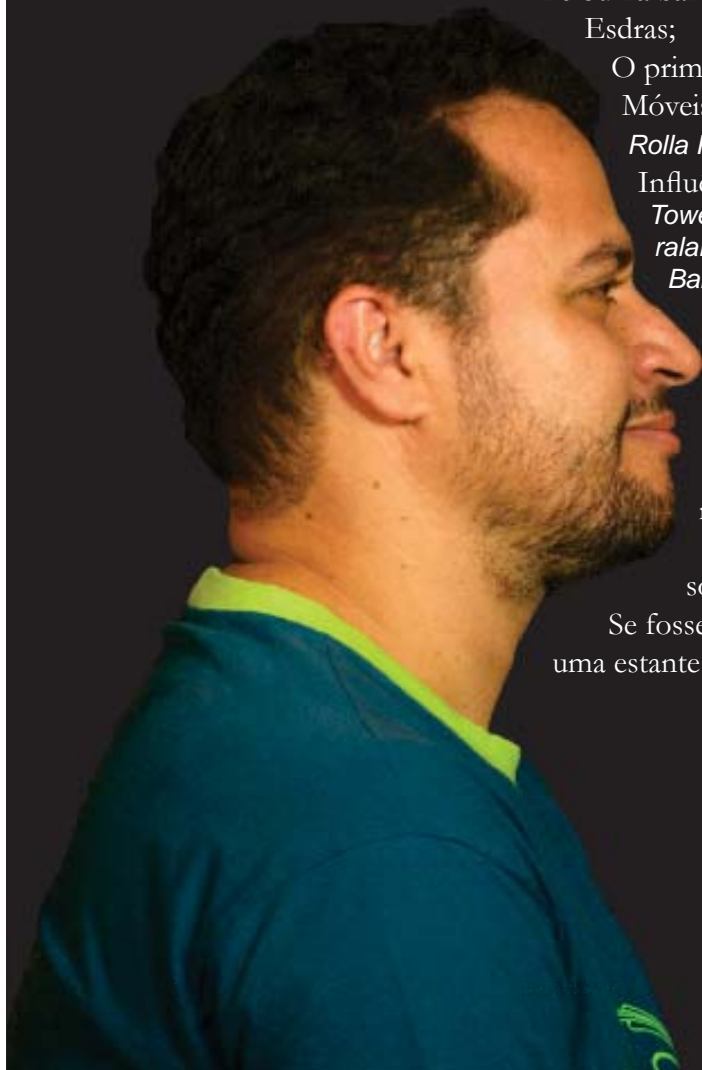
Influências musicais:  
*Tower of Power*, *Os Paralamas do Sucesso*,  
*Babau do Pandeiro*,

*Macaco Bong*;

Time de futebol: *Flamengo*;

“Paulo, você é o cara mais velho mais novo que conheço!”, Xande sobre e para Paulo

Se fosse um móvel seria  
uma estante de TV.



## BETO MEJIA

Roberto Mejia Avelino, 28 anos, nascido em Quito, no Equador;  
Toca flauta transversal e canta em algumas músicas do grupo;  
É formado em Ciências Biológicas pela *Universidade de Brasília* e  
tem formação musical completa pela Escola de Música de Brasília;  
Antes do Móveis tocou nas bandas  
*Humanita Muscada, Ganza* - junto  
com o OFuji, *Breque em Breque*,  
entre outras;

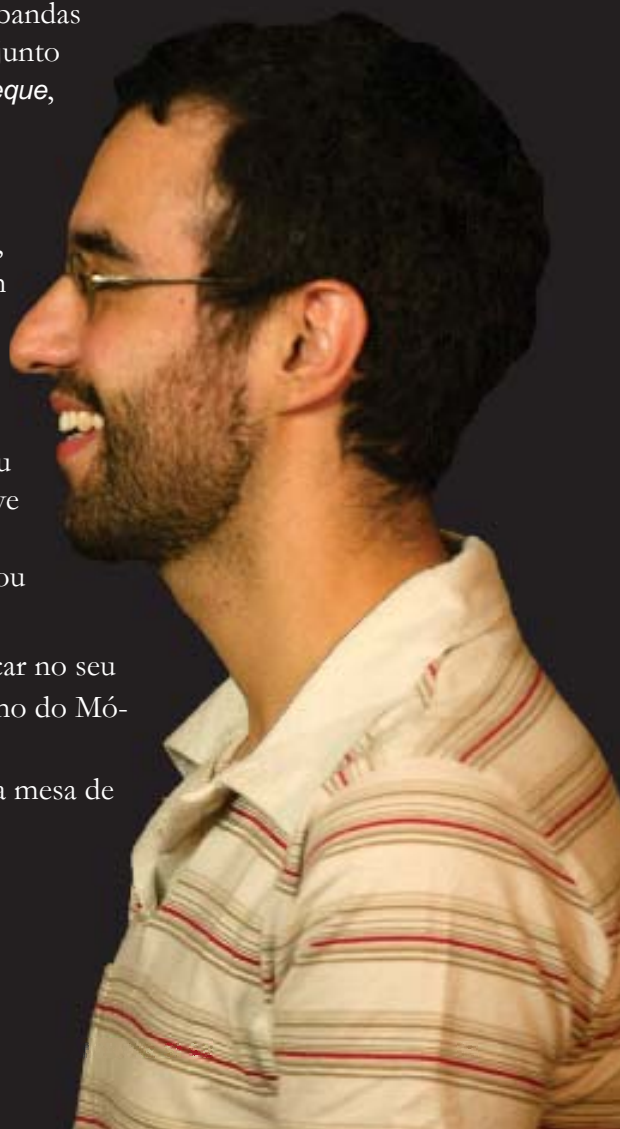
Time de futebol: *Flamengo*;  
Beto é reconhecido por suas  
performances de “flautarra”,  
ou seja, pratica *air guitar* com  
sua flauta;

Influências musicais: *Fla-  
ming Lips, Beatles, Beach  
Boys, Beirut*;

Na verdade, ele nunca entrou  
no Móveis: “como nunca teve  
uma formalização, o povo  
brinca até hoje que eu não sou  
da banda”;

“Ô, Davi, você precisa colocar no seu  
livro que o Beto é o mordomo do Mó-  
veis” – me avisa Esdras.

Se fosse um móvel seria uma mesa de  
centro.



# PREFÁCIO

“Depois do silêncio, o que mais se aproxima de expressar o inexprimível é a música”, essa é a frase que o escritor *Aldous Huxley* escolheu para explicar essa arte cheia de significações que é a música. E se a música pode expressar o inexprimível, este livro é uma tentativa de alcançar essa capacidade, de congelar os momentos em que ela acontece para entender que fascinação é essa que ela exerce sobre as pessoas.

Partindo da observação de um momento específico, a rotina da banda Móveis Coloniais de Acaju, *Se A Música Falasse Por Si Só* não é somente um livro, mas um questionamento, como sugere o seu título. E se a música falasse mesmo por si só? Um pouco jocosa e outro tanto ingênua, essa pergunta guarda em si um pouco de ironia, afinal, sabemos que a música muitas vezes fala, grita e esperneia por vontade própria. E, mais do que isso, se a música pudesse ter essa autonomia, não precisaria de nós, humildes receptores, para compor a sua força. Por que, então, este livro?

Em três anos de amizade e convivência, nunca vi Davi de todo sossegado. Sempre houve em seu rosto algo de “preciso conquistar o mundo hoje”, uma presença intranquila de algo que ainda deveria ser feito. Uma pontinha de inquietação de aflição. Foi essa afita inquietação – incômoda, mas sempre saudável – que o fez escrever este livro. Quase posso vê-lo sentado em frente ao computador se perguntando como é que pode uma banda pop tão fora dos padrões comerciais chegar onde chegou? Influenciado também pelo apreço pela música dos Móveis, Davi não esperou e foi descobrir. Munido apenas de bloquinho, vontade e criatividade, ele sabia – e sabemos nós também – que esgotar o assunto e responder a todas as perguntas que surgem no caminho é uma tarefa quase impossível. Mas acreditemos em Huxley: se algo ou alguém pode ter sucesso nessa empreitada, esse algo ou alguém só pode ser a música.

Um livro, então, seria o único formato possível de contemplar a rotina

da banda como o fragmento de um todo, o retrato de um momento que já existia antes deste livro e vai continuar existindo depois dele. *Se A Música Falasse Por Si Só* não só expõe o cotidiano de uma banda pop, mas se apropria de 10 vidas que se anulam enquanto indivíduos comuns que pagam contas e acordam no domingo para comprar pão para se dedicar somente a tocar e fazer as pessoas dançarem. Tudo converge num mesmo ponto: a música. Por que fazer? Como fazer? Até quando fazer?

Num primeiro capítulo que apresenta a banda, já é possível perceber os tons e as cores que tudo assume neste livro. Se tudo na vida é mesmo vontade e movimento, a tônica do trabalho da banda é a paixão. Fazer tudo com inspiração e motivação parece ser o único propósito que leva 10 rapazes a deixarem para trás inúmeras possibilidades de profissões sólidas para se lançarem nessa areia movediça de idas e vindas que é o mundo da música.

Este livro é a concretização de uma vontade imensa de passar para as pessoas a energia que esses Móveis Coloniais de Acaju transmitem a qualquer um que assista a um de seus *shows*. Será que ela se dissipa? Ou será que é algo natural que existe no palco assim como existe no dia a dia da banda? Aqui, podemos dar respostas a estas perguntas e perceber como funcionam esses móveis que parecem ligados a pilhas de infinita energia. A coletividade, o clima familiar, a alegria de tocar, a disposição para fazer quase tudo – desde os bottons e camisetas, até os textos que abastecem o *blog* da banda – a hospitalidade para receber estranhos interessados em escrever sobre eles: está tudo aqui. Dosagens exatas de uma fórmula nem sempre inofensiva: trabalho + intimidade + música = uma banda-empresa de apenas dois álbuns gravados que arrasta multidões homéricas para os seus *shows*. Não importa: deu certo.

“*Sem música, a vida seria um erro*”, se a frase que abre este livro é verdade, *Se A Música Falasse Por Si Só*, mais do que uma oração adverbial condicional, é um imenso e vibrante acerto. Quanto à música, esta vai continuar – ainda bem! – inexprimível. O resto é silêncio.

**Renata Penzani**

**Nada existe  
sem classificar  
(não!)**



FORMADA EM 1998, MÓVEIS COLONIAIS DE ACAJU É UMA BANDA BRASILIENSE QUE TOCA A CHAMADA “FEIJOADA BÚLGARA”, UMA MISTURA DE SKA E SWING COM pop, rock, brega, samba, forró, funk e ritmos do Leste Europeu. É considerada por críticos musicais como uma das maiores e mais importantes bandas independentes do Brasil – vide o número de integrantes e sua importância musical. Com dois discos lançados, *Idem*, de 2005, e *C\_mpl\_te*, de 2009, quase ninguém fica parado em seu empolgante e interativo *show*. Em 2010, venceram o *Prêmio Multishow de Música Brasileira*, na categoria *Experimentalmente*, e a música *O Tempo* entrou na trilha sonora da novela global *Araguaia*.

Se quiser descrever o Móveis Coloniais de Acaju em um parágrafo, o escrito acima pode ser suficiente. Entretanto, doze anos de história vão além de algumas linhas. A história de uma banda, sua rotina, fãs, cidade, família e outros detalhes ficam melhor escritas em um livro de maneira completa em um livro, muito além da música. Além do que a música fala por si só.



“Aqui é a casa do Móveis”, diz Paulo Rogério, saxofonista do Móveis Coloniais de Acaju, apontando para grande espaço no *Centro Comunitário* da *Universidade de Brasília*. A “casa” numa tarde de quarta-feira é grande galpão coberto por uma tenda feita de lona. Naquele espaço, são realizados eventos culturais da Universidade, onde o Móveis tocou muitas vezes.

Na *UnB*, eles conviveram por muitos anos como estudantes - de diferentes cursos, o que ajudou a formar parte da identidade do Móveis que conhece-



mos hoje. Mas a história deles começa oficialmente alguns anos antes, no dia 10 de outubro de 1998, em show realizado na *Embaixada da Venezuela*, em Brasília. O evento foi organizado pelos próprios integrantes e aconteceu com apoio de Juan Carlos, que não está mais na banda, e era filho do embaixador da Venezuela.

Da primeira formação de 1998 ao Móveis de doze anos depois, há algumas mudanças. Atualmente, estão na banda André Gonzáles, nos vocais; Bruno Cesar Araújo, o BC, na guitarra; Beto Mejía, na flauta transversal; Eduardo Borém, na gaita cromática e teclados; Esdras Nogueira, no sax barítono; Fabio Pedroza, no baixo; Fabrício Ofuji, na produção; Gabriel Coaracy, na bateria; Paulo Rogério, no sax tenor; Alexandre Bursztyn, o Xande, no trombone.

Somente Eduardo Borém, tecladista, e André Gonzáles, vocalista, estavam no palco na estreia do grupo. Dois atuais integrantes estavam na plateia, o baixista e “presidente” Fabio Pedroza, desde sempre o maior fã do grupo. Outro presente era Alexandre Bursztyn, o Xande, irmão mais novo do Leo, um fundador do grupo. Mesmo não tocando, Xande foi uma das testemunhas oculares da história do Móveis:

— Eles fizeram alguns *shows*, eu ia em todos, o Fabio também. Fui em muitos *show* no *Sigma* (um colégio brasiliense), em churrascos, festas, formaturas de curso de inglês - lembra o irmão mais novo da família Bursztyn. Parte da história começou com a amizade entre a família dele e o vocalista André.

— Minha família e a do André são amigas há muito tempo. Um dia quando a gente voltou da escola, o André estava lá em casa. Os pais dele o deixaram em casa um dia que precisavam sair de casa e não tinham com quem ficasse com ele. Foi amizade à primeira vista. A gente passou por muitas fases juntos – a de jogar basquete, de jogar futebol americano, de comprar revistas. Quando surgiu a internet, ficávamos vendo o *site* da *Playboy*. Aí neguinho entrou na onda de fazer música e formou a banda – o vocalista André Gonzáles também conta sobre esse início e começo:

— Eu, o Leo e o Xande éramos amigos desde moleques, e íamos muito a *shows* de ska no final da década de 1990. As bandas mais fortes da cena eram o *Bois de Gerião* e *A Vaca Foi Pro Brejo*. Nessa época, surgiu um interesse de formar uma banda e eu era o cara que não tocava nada, mas cantava. Eu sempre fui o

menos ligado à música, era o cara que ficava só curtindo. Já o Leo e o Xande eram muito musicais. Eu cheguei a estudar piano, mas era uma coisa muito superficial. Também tinha o Borém, que era amigo de escola e tocava gaita. E tinha o Ian, o Jordaci, o Hugo, na bateria, e o Juan Carlos na guitarra.

— A ideia era ter uma banda de amigos só para curtir?

— Era também. Mas apesar de ter começado de uma forma bem despreziosa, a gente queria participar de uma cena que estava acontecendo em Brasília, com temática bem adolescente.

A primeira mudança na formação do Móveis veio com a entrada do Fabio. Quando o ex-baixista resolveu que iria sair da banda, entregou o instrumento direto para as mãos dele. Depois, o Xande comprou um trombone e começou a estudar.

— Foi em 1999, meu irmão tinha ciúmes, eu não sabia tocar muito bem ainda não, mas entrei – lembra Xande. Ele conta que o saxofonista Esdras Nogueira foi escolhido depois de colocarem um anúncio no jornal. — A gente sempre procurava na *Correio Braziliense* professores de sax, aulas de música, essas coisas. Um dia, vimos um anúncio do Esdras falando que dava aula de música. Meu irmão ligou perguntando se ele queria tocar na banda. Ele disse: “você tocam *Djavan*?” A gente disse: “não só não tocamos *Djavan*, como temos que pagar para poder tocar. Não tem dinheiro algum, trata-se de um investimento”. Ele não quis. Mas depois que a gente tocou no Porão do Rock, ele ligou de volta querendo tocar com a gente. Entrou, fez alguns *shows* e foi viajar para fora do país um tempo e quando voltou para o Brasil retornou para a banda. Quem diria que ele seria um cara tão empenhado. Pra gente, era o supassumo era ter na banda um cara que tocava sax barítono, porque a gente ouvia *Big Bad Voodoo Daddy*, bandas com metaleira jump swing, e sax barítono era tudo. Aí, ele entrou, e depois convidou o Paulo, que ele conhecia da UnB.

Neste resumo sobre a entrada dos integrantes no grupo, o mais curioso é a não-entrada do flautista Beto Mejía.

— Tem essa brincadeira porque eu já tocava com o Fabio em outra banda e ele me mostrou algumas músicas. Eu falei: “pô, deixa eu gravar alguma coisa”, e ele falou: “Vem gravar, vem tocar”. Eu gravei e comecei a ir aos ensaios

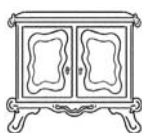
na cara dura. Como nunca teve uma formalização que afirmasse ‘você é da banda’, o povo brinca até hoje que eu não sou do Móveis.

Foi o pseudo-móvel Beto quem convidou o Fabrício Ofuji, produtor e décimo integrante da mobília. Eles eram amigos há tempos, estudaram juntos a vida toda e tocaram juntos em outra banda. Beto chamou Ofuji depois que o Móveis se apresentou no *Brasília Music Festival*, um divisor de águas na carreira deles, que conquistaram espaço num palco grande pela primeira vez. Na ocasião, Ofuji trabalhou na assessoria de imprensa do evento e ajudou o André a tocar saltando de bungee jumpie - em uma de suas performances mais marcantes. Foi quando o Móveis sentiu necessidade de ter alguém só para exercer essa função:

— Eu lembro de comentar com o Fabrício que precisava de alguém para fazer assessoria de imprensa. Depois eu passei na casa dele para convidá-lo para entrar na banda para fazer isso e foi uma das melhores coisas que aconteceu com o Moveis, dar a iniciativa da produção para ele. A gente está construindo tudo isso junto até agora. Tanto que a gente não apresenta o Móveis como uma banda de nove pessoas, nós temos dez integrantes. Talvez seja bom para ele se sentir parte disso tudo, saber que tudo que a gente está construindo depende muito dele.

Alguns anos mais tarde, outra necessidade foi ter um segundo guitarrista e BC entrou para o grupo, que acabou ficando oficialmente sozinho após a saída do Leo Burzstyn, irmão do Xande.

O publicitário por formação Gabriel Coaracy foi o último a entrar para a banda. Antes, ele era baterista da Bois de Gerião, uma das bandas mais importantes de ska do Brasil, grande influências do Móveis. Ele entra na mobília substituindo o ex-baterista Renato em algumas ocasiões. Quando Renato sai, Coaracy assume oficialmente as baquetas.



— Então o Móveis sempre teve muitos integrantes? – pergunto.  
— E isso sempre foi visto como um problema – conta Fabio.

— Problema para quem?

— Isso é mais um problema para os outros do que pra gente mesmo.

Nos *shows*, era sempre a mesma coisa, nunca tinha microfone para todo mundo, e às vezes a gente tocava sem passagem de som porque não dava tempo de montar tudo. Todo mundo achava que era difícil. Imagine: uma banda com nome estranho, som esquisito, dez pessoas... esquece, não tinha condições.

— Mas e para vocês, ser uma banda grande é um problema?

— Eu sempre tive bandas grandes, nenhuma tão grande assim, claro.

Mas o Móveis não faria o mesmo sucesso se fosse um power trio. Claro que dificulta em algumas coisas. No relacionamento, lidar com dez pessoas diferentes, dez gostos diferentes. Já foi pior, hoje estamos melhores. Eu vi aquele *DVD* do *Metallica*, o *St. Anger*, e os caras têm os mesmos problemas e dificuldades que a gente. O *Elvis* era sozinho e se fodeu. Já os *Beatles* eram quatro, a pressão se dividia em quatro, passa mais segurança. E dividir por dez fica ainda mais leve essa pressão que toda banda tem.



Da Revolta do Acaju surgiu o nome do Móveis, mas nem todo mundo entende este grande nome ao ouvi-lo pela primeira (até pela segunda) vez. Entre outras coisas, a banda já foi chamada de “*Móveis Coloridos do Acaso*” – estava escrito em uma faixa com o nome deles na *UnB*; “*Móveis e Utensílios de Acaju*”, no *site* da *Globo News* para dar a notícia do *show* deles no *Brasília Music Festival*; “*Móveis Tradicionais de Aracaju*”, comentário em São Paulo, feito por um rapaz em frente ao *Clube Outs*; “*Sucos Naturais de Caju*”, nome escrito por um leitor no *blog* da banda.

E algumas confusões podem fazer com que as pessoas troquem de *shows*. O baterista do *Rock Rocket* diz ter assistido ao *show* do Móveis quando eles se apresentaram no *Hangar 110*, em São Paulo, abrindo o *show* da banda *Voodoo Glow Skulls*. Tempos depois, quando pensou que iria ver outro *show* do Móveis, ele comprou ingresso para ver a *Banda de Pffanos de Caruaru*.

Antigamente, o nome do grupo era abreviado para “MCA” ou “MCdA”, mas hoje tais simplificações são evitadas. Tradicionalmente, são chamados apenas de “Móveis” e, aos que quiserem, tem a liberdade de se referir à *mobília* - e assim falar de forma geral de todos os integrantes.



Em doze anos de carreira, selecionam algumas boas conquistas. A primeira é bem simples, porém bastante simbólica, foi a organização do *show* na Embaixada da Venezuela, em Brasília, em 1998.

Em 2000, após tocar algumas vezes em eventos de toda qualidade, como *shows* de *hardcore*, *ska*, *raggae*, *hip-hop*, *numetal*, onde eles tinham oportunidade, os rapazes foram selecionados para tocar no palco principal do *Porão do Rock*, um dos mais tradicionais festivais independentes do Brasil. Na época, uma fita k-7 demo foi produzida às pressas para poderem ser selecionados para o festival. Assim que souberam que tocariam no palco principal, gravaram mais duzentas cópias dessa fita para distribuírem a produtores e público. Este *show* garantiu ao Móveis mais algumas apresentações, entre elas as aberturas do show da *Voodoo Glus Skulls*, no *Hangar 110*, em São Paulo, uma das maiores influências para toda a *mobília* - que não época teve de arcar com os custos da viagem até São Paulo.

Ainda em 2000, eles lançaram o primeiro EP, gravado em estúdio e lançado em formato CD, um luxo para a época. Um ano depois, em 2001, veio o primeiro prêmio da carreira do Móveis, com a música *Lei de Gerson*, no júri popular no *Festival Interno de Música Candanga*, realizado na UnB. Em 2002, mais uma vitória, dessa vez pelo júri especializado com a música *Copacabana*. No mesmo ano, começam a conquistar espaço além Brasília, fazendo dois *shows* em Goiânia.

Um ano depois, o divisor de águas foi o *show* no grande *Brasília Music Festival*, o BMF. Eles foram a única banda independente de Brasília selecionada se apresentar no principal, ao lado de nomes internacionais como Alanis Morissette, Live, Simply Red, The Pretenders, entre outros.

Além do *BMF*, 2003 ficou marcado para o Móveis como o ano de sua profissionalização. Foi neste ano que Ofuji entra para fazer o trabalho de assessor e produtor, o *site* deles muda para um formato mais profissional (na época, já com todas as músicas deles disponíveis para *download*) e eles forma uma estrutura mínima para trabalhar.

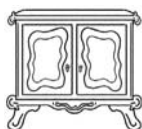
Um ano depois, a banda passa por uma pequena crise, ano em que fazem menos *shows*, e perdem por quatro meses o vocalista André Gonzáles - mas que curiosamente esteve em todos os *shows* durante este período.

Em 2005, sai *Idem*, primeiro álbum oficial do Móveis, lançado pela própria banda, com direito a dois mil e sete cópias vendidas em duas semanas. Com a entrada do guitarrista BC, foi neste ano que a mobília teve onze integrantes, sua maior formação.

Depois do lançamento de *Idem*, eles começam a tocar nos mais importantes festivais de música independente do Brasil, entre eles Recbeat – em Recife – PE, Bananada – em Goiânia – GO, Goiania Noise – em Goiânia – GO, MADA – em Natal – RN, Abril Pró-Rock – em Recife – PE, No Ar Coquetel Molotov, Se Rasgum – Belém – PA, Varadouro – Acre – AC, Jambolada – Uberlândia – MG, entre outros..

Em 2008, a banda vai mais longe e toca pela primeira vez na Europa. Convidados para tocar no *Pukkelpop Festival*, um dos maiores do velho continente, o Móveis aproveitou para marcar uma turnê de cinco shows por cinco países. Ainda em 2008, começam os ensaios e a produção do segundo trabalho da mobília, o *C\_mpl\_te*, lançado em 2009 em parceria com a *Trama*, no formato de *download* gratuito.

No começo de 2010, o Móveis faz um *show* no Auditório do Ibirapuera, em gravação de um programa especial para o Canal Brasil, que se transformou num DVD. Neste ano, eles lançaram o projeto *Adoro Couve*, que produz uma música cover por mês, com direito a clipe e *download* gratuito na internet. Neste ano, os rapazes ganharam o *Prêmio Multishow* na categoria *Experimente* e a música *O Tempo* entrou para a trilha sonora da novela *Araguaia*, da *TV Globo*.



As peculiaridades envolvendo o Móveis não se limitam apenas ao nome e sua formação. Definir o tipo de música que eles tocam é algo muito difícil. Eles próprios admitem (em seu *blog*): “Leia este nome: MÓVEIS COLONIAIS DE ACAJU. Sabendo que é uma banda, como você imagina a postura e o som dela? Música erudita? Emos? Certinhos? Nerds? Hardcore Universitário? Um trio de música instrumental?”. A melhor definição musical para o estilo de música que eles tocam foi criada por eles mesmos. A chamada “feijoada búlgara”. Trata-se de um banquete sonoro fartíssimo de instrumentos e ritmos musicais.

A receita principal tem como ingredientes as influências musicais de *Bau do Pandeiro*, *Beatles*, *Beach boys*, *Beirut*, *Emir Kusturica*, *Hermeto Pascoal*, *Joyce*, *Flaming Lips*, *Os Paralamas do Sucesso*, *Pato Fu*, *Karnak*, *Macaco Bong*, *Rush*, *Sonny Rollins*, *Tower of Power*, *Squirrel Nut Zippers*, *Toquio Ska Paradise Orchestra*, *Trio Mocotó*, *Skatalites*, *Stevie Ray Vaughan*, entre outros.

Junte a tudo isso um pouco de guitarra, baixo e bateria com sopros, teclados e vocais fortes. Mexa muito bem com uma base de swing e ritmos do Leste Europeu. Sirva com *ska* e terá um belo jantar. Como aperitivos, use e abuse do *brega*, do *pop*, *rock*, *MPB*, *farró*, *samba*, *funk* e *hardcore*.

Até agora, a feijoada búlgara rendeu alguns bons jantares. A começar pelo EP, lançado em 2001, com seis músicas. Em seguida, vieram dois CDs: *Idem*, de 2005, e *C\_mpl\_te*, de 2009. De sobremesa, já saiu o EP *Vai Thomaz no Acaju*, lançado em formato vinil, uma parceria com Gabriel Thomaz, atual vocalista do Autoramas, ex-*Little Quail*. Além disso, em 2009, saíram duas músicas da banda especiais para o Projeto Tamar, e desde fevereiro de 2010, todo mês o Móveis apresenta uma sobremesa no projeto *Adoro Couve*.



Misturar todas as influências da mobília é algo sonoramente rico. E os gostos musicais deles nem sempre se entendem.

— É engraçado porque a gente é farofa pra caralho, cara. Vai perguntar o que o Paulo está ouvindo agora, está ouvindo umas coisas nada a ver, *Babau do Pandeiro*. Eu acho engraçado – confessa Ofuji. – Em meio a tantas opiniões e influências que inspiram os rapazes “nem *Chico Buarque e Beatles* agradam a todos na banda. Uma das poucas unanimidades no gosto da banda é *Os Paralamas do Sucesso*”, diz.



Essa feijoada búlgara é feita num processo coletivo e democrático em que participam as vinte mãos da mobília, que assina todas as composições. O ex-baterista Renato Rojas lembra como funcionava a democracia desde os primeiros trabalhos:

— Cada um dava um pitaco, Sempre alguém chegava mais ou menos com a base, o Leo chegava com alguma ideia mais firme, e o André com uma letra pra gente trabalhar.

Mesmo trabalhando sempre num processo coletivo, até a gravação do *Idem* as composições eram assinadas individualmente, mas a partir do segundo CD, eles resolvem que todos assinariam todas suas músicas. No encarte do *C\_mpl\_te*, não há crédito específico para este ou aquele integrante. Fabrício Ofuji explica o porquê desse comportamento:

— Não tem como mensurar a dedicação de cada um nas composições. Se eu tenho a ideia de uma música, mas o arranjo é o pessoal do sopro que vai fazer, e algum detalhe de harmonia é do BC, como que eu posso falar que essa autoria é exclusividade minha? No *Idem*, em algumas músicas o crédito de um poderia muito bem ser de outro. Não tem por que brigar por isso, muita banda acaba assim.

Apesar dessa separação nominal do primeiro disco, a coletividade já apa-



recia nos arranjos do *Idem*, como lembra Beto:

— Acontecia essa mentalidade (coletiva), mas a gente não sabia o que fazer. Imagina, o cara chega com uma ideia de ritmo e diz: “Vamos fazer desse jeito?”, depois chega outro e fala pra cantar de outro jeito. Naquele momento a gente pensava que a ideia inicial representava a composição, e aí gente trabalhava o resto todo como arranjo. Você pode perceber nos créditos do *Idem* essa especificação: música por não sei quem, letra por não sei quem, todo o arranjo por: Móveis Coloniais de Acaju. A gente já tinha essa ideia. Tudo que a gente recebia de direito autoral, era pra ser dividido por dez, a única coisa que existia, principalmente com o Leo naquela época, é que ele tinha essa importância como uma coisa pessoal.

— Todas as composições tinham que passar por ele, no começo?

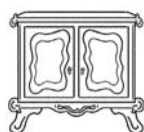
— Exatamente. E ele tinha a iniciativa das coisas. O Leo era um cara meio difícil de lidar, mas ao mesmo tempo genial. Como todo cara com quem você confronta ego, a coisa fica meio complicada. Então, quando eu cheguei, queria compor. Tinha me formado em escola de música, já tinha formação em flauta, mas ainda uma cabeça quadrada. Aí o cara dizia “escuta isso aqui, o cara virou um sanduíche”. E eu pensava, pô, o que é isso? Ou quando o cara chegava falando “eu sou você amanhã”, eu pensava “mas que maluquice é essa?” Umás coisas meio toscas. Porque a vibe era a ideia primeiro, e não a performance.

O *Idem* foi gravado no Rio de Janeiro com o produtor Rafael Ramos, a primeira experiência de estúdio para o Móveis, como conta Beto:

— A gente gravou com o Rafael Ramos, o que foi muito bom, nossa primeira experiência com um cara que tinha acabado de lançar a Pitty. A vivência da gravação foi muito boa. Nós pensamos “agora é nossa vez”, ainda tínhamos aquela mentalidade, de que é só gravar e beleza. E óbvio que não foi assim, a gente viu que não tinha ninguém fazendo nada pela gente, tínhamos que correr atrás das coisas.

De todos os trabalhos do Móveis, é no *Idem* que fica mais evidente o que é a tal da feijoada búlgara. Percebe-se em algumas faixas a apresentação de várias músicas numa só. Quatro anos depois, no *C\_mpl\_te*, isso mudou, a banda parece ter resolvido seguir por um caminho específico num CD. Com produção

de Carlos Miranda, eles buscaram ingredientes mais pop para temperar a feijoada búlgara. Digamos que o álbum *C\_mpl\_te* é um almoço de domingo, enquanto *Idem* é uma refeição farta digna de uma ceia de Natal.



Os lançamentos dos CDs do Móveis foram feitos de maneiras completamente diferentes, mas as duas com significados especiais para a banda. O primeiro, *Idem*, foi prensado e lançado de maneira independente. Fabio relembra a ousadia da banda no primeiro lançamento:

— A gente sempre foi meio louco, resolvemos prensar três mil cópias, uma ousadia até hoje. Quem prensa três mil cópias de um álbum inicial numa cidade como Brasília? Uma banda independente? Conversamos com vários selos, mas ninguém quis lançar tudo isso. Tivemos que investir dez mil reais. Primeiro, vimos quem podia entrar, cada um com mil reais, mas quem pôde deu mais. — Beto continua a história, falando sobre a festa de lançamento:

— Com o CD, o primeiro desafio era ter uma ideia de início para repercutir a banda — lembra Beto. — Chamamos dois amigos para fazer a festa *Idem*, com três ambientes. Aí decidimos colocar a venda do CD casada com a dos ingressos. Foi um investimento de risco, mas com isso conseguimos vender dois mil e sete CDs em apenas dez dias. E repercutiu muito porque foi no boca a boca. — Fabio relembra a correria de organizar e divulgar o evento em tão pouco tempo:

— A gente organizou tudo em duas semanas e meia, sem dormir, na maior correria. A gente panfletava na *UnB*. Uma equipe ia às oito horas da manhã, outra às dez horas, outra meio-dia. Outra galera ia para as escolas panfletar, e a tarde o pessoal fazia o ciclo das lojas de música e skate, pregando cartazes. Íamos à noite em bares, happy hour, festas, onde quer que tivesse gente. Durante duas semanas, só ficamos panfletando. Era uma coisa nossa, tinha que pagar dívida, trabalhar. A festa *Idem* foi, no *Centro Comunitário* da *UnB* (a casa do Móveis). Tivemos apoio da reitoria e do departamento de arte e cultura. Assim, ganhamos mais

visibilidade.

— Vocês acreditavam que iam vender tudo isso?

— Na primeira semana, foram novecentos CDs vendidos., e no dia anterior ao *show* já tínhamos vendido mil e quinhentos mais ou menos. A gente pensava que tinha feito certo, que era para imprimirmos três mil cópias mesmo.

Da festa de lançamento do *Idem*, surgiu a inspiração de produzir o festival *Móveis Convida*. Um projeto do Móveis que é movimenta a cena cultural brasileira. A ideia promove um encontro de várias bandas, uma de fora do Distrito Federal, uma da cidade, com o *show* do Móveis no final. Desde 2005, foram realizadas dez edições. Já se apresentaram no “Convida” *Ludov* (RJ), *Lucy And The Popsonics* (DF), *Los Hermanos* (RJ), *Moptop* (RJ), *O Teatro Mágico* (SP), *Velhos e Usados* (DF), *Vanguard* (MT), *Pato Fu* (MG), *Bois de Gerião* (DF), dentre outras. Algumas delas tocaram na cidade pela primeira vez e talvez não fariam um *show* em Brasília se não fosse o convite do Móveis.



O segundo CD do Móveis, o *C\_mpl\_te*, foi produzido pelo gaúcho Carlos Eduardo Miranda, ou simplesmente Miranda. O produtor é responsável pelo lançamento de muitos nomes influentes para a música brasileira, como *Skank*, *O Rappa*, *Virgulídes*, *Cordel do Fogo Encantado*, *Cansei de Ser Sexy* e *Mundo Livre S/A*. Só por isso a música pop brasileira deve muito a ele, que teve sua imagem popularizada na TV por ter sido um dos jurados mais críticos dos programas de calouros “*Ídolos*” e “*Qual o Seu Talento?*”. Miranda ainda é responsável pelo lançamento do site *Trama Virtual*.

Em 2008, eles passaram meses compondo letras e músicas para o CD. Parte disso no *Departamento de Música*, no *Instituto de Artes* da UnB. Em seguida, eles passaram meses no estúdio da *Trama*, em São Paulo, gravando, mixando e editando todas as músicas.

Dessa vez, eles lançaram em parceria com a gravadora *Trama*, como

parte do projeto *Álbum Virtual*. Antes do lançamento oficial do CD no *site* da *Trama*, a banda fez uma espécie de *show* fechado na casa do Esdras, em Brasília. Eles gravaram as músicas em áudio e vídeo, editaram e colocaram no *site* da mobília, antes do lançamento oficial. Durante doze dias, uma música por dia era lançada no *site* da banda. Rapidamente, as letras se espalhavam pela internet.

A interatividade esteve muito presente durante a gravação do *C\_mpl\_te*. Enquanto estavam em estúdio, eles registravam tudo em fotos e vídeos, que eram disponibilizados no *blog* da banda.

Para o segundo CD, o *C\_mpl\_te*, a festa de lançamento foi na décima edição do *Móveis Convida*, produzido em muito mais tempo que as duas semanas do lançamento do *Idem*, com *shows* deles e das bandas *Black Drowning Chalks*, *Galinha Preta* e *Macaco Bong*.



Depois do primeiro CD, o Móveis gravou um EP, o *Vai Thomaz no Acaju*, para homenagear o *rock* de Brasília dos anos 90. O projeto foi feito em parceria com Gabriel Thomaz, ex-vocalista da banda *Little Quail*, uma das bandas de maior sucesso do *rock* dos anos 1990 de Brasília, que muito influenciou o Móveis. Atualmente, Gabriel Thomaz é vocalista do trio Autoramas.

Depois do lançamento do *C\_mpl\_te*, o Móveis gravou duas músicas em comemoração aos 30 anos do *Projeto Tamar*: “*Mergulha e Voa*”, composta pelos próprios e “*Por Você*”, de autoria de Guy Marcovaldi, idealizador e diretor do *Tamar*.

A partir de 2010, eles começaram a lançar uma música nova por mês. Não necessariamente nova, mas uma música cover de uma banda influente para a carreira deles. Trata-se do projeto *Adoro Couve*, uma homenagem feita de maneira ágil às músicas que significam algo importante para eles. Em poucos dias, eles escolhem uma música que agrada a mobília, pensam no arranjo no estilo Móveis way of life, gravam e produzem um vídeo para a canção. Tudo isso fica disponível

para *download* na internet. O baterista Gabriel Coaracy explica como funciona a produção:

— Tudo leva mais ou menos uma semana, a partir do momento em que a música é escolhida. É bem rápido. Fazemos três ou quatro ensaios, e no quinto já gravamos. A edição demora mais uns dois dias.

Desde fevereiro de 2010, eles produziram covers das músicas *Alegria, do Cartola*; *Enter Sandman, do Metallica*; *A Menina Dança, dos Novos Baianos*; *Replay, do Trio Esperança*; *Psycho Killers, do Talking Heads*, entre outras.

Para a estreia do projeto, eles prepararam uma cover deles mesmos, uma versão carnavalesca da música *Adeus*. Eles teriam um dia para gravar vídeo e música, com ensaios e gravações feitas no estúdio da *Trama*, em São Paulo. Como parte da estreia do projeto, ensaio e gravação foram transmitidos ao vivo no *site* da gravadora *Trama*. Eu estive na gravação da primeira música do projeto, que aconteceu no mesmo lugar onde eles gravaram todo o álbum *C\_mpl\_te*. O estúdio fica nos fundos de um casa, um reduto de silêncio e tranquilidade em meio à loucura da zona oeste da cidade de São Paulo.

Quando chego ao estúdio, percebo o clima carnavalesco representado pelos trajes dos integrantes. Coaracy usava um vestido vermelho a la Carmen Miranda, Xande e Esdras estavam com o corpo pintado estilo aborígenes, e Beto era uma verdadeira dançarina de frevo que lembrava a tenista Sharapova. Já André:

— Do que eu tô fantasiado? – me perguntou, usando um camiseta branca, um shorts preto e uma bandana na cabeça.

— Você? Ahhh – pausa –, não sei.

— Eu estou de Bell Marques, do *Chiclete com Banana*. Bom, se não me reconheceu, acho que não deu certo – disse André, com voz de desapontamento por eu não ter lembrado desse ícone do axé brasileiro. Ao me ver, Xande me saudou com um pote de pasta d'água:

— Vamos te pintar também. A gente faz um eme, coloca uma pinta aqui, outra aqui – e assim passei o dia, com o braço todo pintado.

Durante a tarde, o arranjo foi preparado com ensaios para a adaptação da letra e detalhes da entonação que André usaria ao cantar a nova versão da música. A gravação foi feita no esquema ao vivo e sem cortes, e com todos os

integrantes devidamente fantasiados.

No primeiro *take* pareceu que a música estava perdida em meio ao seu próprio ritmo. Na segunda tentativa, a música ficou menos travada.

— Quando eu digo esse encontro... Opa, errei! – percebe André, já na primeira frase da música.

Na terceira vez, a gravação ficou mais animada. Os rapazes pareciam começar a entrar no clima, tocando enquanto até arriscavam algumas dancinhas. Foi preciso mais três tentativas para todos se familiarizarem com o clima carnavalesco pop no estilo Móveis Coloniais de Acaju de ser. Depois de vários erros, acertos e cerca de dez gravações:

— Acho que não fica melhor – diz Esdras, depois da oitava tentativa.

— Nossa, isso cansa – desabafa Xande.

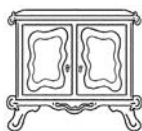
— Nunca toquei axé na minha vida – Coaracy justifica um constante erro no final.

O clima no estúdio se resume a uma grande bagunça, misturada à seriedade da gravação de uma música nova, que seria disponibilizada para *download* no dia seguinte.

— Esse clima de diversão é sempre assim?

— Tem que ser divertido – enfatiza Beto.

— Sempre, principalmente divertido. – completa Coaracy.



Uma das marcas registradas do Móveis, talvez o melhor “cartão de visitas” deles, é a roda de *Copacabana*, uma das canções do álbum *Idem*. A roda é o momento do *show* em que parte do grupo desce no meio do público, abre uma grande roda com a plateia para todos dançarem juntos. É o momento de maior euforia na plateia. Quem já conhece Móveis espera a hora da roda. Quem não conhece se impressiona com o que vê. As pessoas que ainda não conhecem a banda são primeiro apresentados à roda.

Pouca gente percebe, mas a hora da roda acontece quando o André canta pela segunda vez o verso “minha intuição não me engana, você vai ser tão *Copacabana*”. É aí que Paulo, Xande e Esdras vão para o meio do público. Depois a banda para de tocar e “é chegada a hora”, como Beto anuncia. André desce para o meio do público, eventualmente Fabio vai junto, lá organizam a roda. Enquanto isso, Coaracy fica na bateria “lugar de goleiro é no gol”, Beto comanda a roda de cima, eventualmente Borém tira fotos e Ofuji filma a roda. Com todo mundo a postos, começa a movimentação que termina na galera toda junta pulando e cantando até o final da música.

A roda é um momento de grande euforia e celebração do *show* do Móveis, mas surgiu num dia em que a banda se meteu numa roubada, como conta BC:

— A gente recebeu um convite de um *show* numa choperia em Goiânia, mas não deu ninguém, tinha umas vinte pessoas no *show*. E era um negócio grande, com uma super estrutura, tinha aparecido imprensa para cobrir até. E a gente tinha acabado de comprar o microfone sem fio. Tinha uma galera muito pequena, a gente resolveu tocar no meio da galera e de repente o André mandou todo mundo fazer uma roda, ficou todo mundo olhando um pra cara do outro, mas deu certo. O clima ficou no maior alto astral. Estava todo mundo meio deprê por ter pouca gente, de repente todo mundo ficou feliz. A gente pensou, esse negócio funciona. A gente foi ao *Curitiba Rock Festival* e fez de novo, foi um dos aspectos mais positivos de festivais que a gente já fez. E isso chamou muita atenção, a imprensa *adorou* e acabou virando uma marca registrada. Tem que arriscar, o *show* tem que ter algo orgânico.

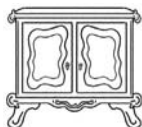


Depois do *show* no Auditório do Ibirapuera, em 2010, em entrevista para o making-of da gravação do DVD, o diretor do auditório, disse o seguinte pelo que viu acontecer na grande roda: “Aquele instante da roda vale o Maracanã cheio,

quem vê esse *show* leva pro resto da vida”.



Depois da roda, outro momento de interação foi criado, a plateia cantando os sopros da música *Indiferença*. A partir da turnê do álbum *C\_mpl\_te*, em todas as apresentações da música, o público é dividido em três partes. Cada uma delas canta um instrumento de sopro; uma parte faz o “pá-pá pá-pá-pá pááá”, a segunda faz um “pá” mais enfático e a terceira canta o “pá-rá-rá-rá-rá”. Depois, todos juntos repetem todas as partes. Com a devida sincronia e interação do público, tudo se transforma num belo coro musical.



Quem conhece a cena musical de Brasília diz que um dos méritos do Móveis é que os rapazes nunca ficaram de braços cruzados esperando as coisas acontecerem. Desde o primeiro *show*, os caras foram atrás de espaços onde pudessem tocar. Buscavam se apresentar em qualquer tipo de evento que precisasse de uma banda ou aceitasse a presença deles no palco.

O que era uma reunião de amigos do colégio e da faculdade para eles se divertirem, tornou-se algo profissional. Eles começaram no colégio, na faculdade moldaram sua identidade e ganharam notoriedade no circuito independente. Quando os rapazes se formaram na universidade precisavam escolher um caminho para sua vida profissional. Ou se tornariam profissionais em suas áreas de formação ou partiriam definitivamente para a vida de músico. Durante muito tempo eles tinham dois empregos, poucos dedicavam muito tempo ao Móveis, que foi necessitando de maior atenção e organização. Beto lembra como foi esse momento de transição:



— Todo mundo fazia coisas paralelas, chegou um momento de crise, com muita gente fazendo pouca coisa e muita gente levando nas costas. Antes de formar a empresa mesmo, a gente chegava e pensava o que precisa fazer agora e noutro momento pensava o que tinha que fazer em curto prazo. Era um momento que o pessoal estava se formando, sem saber o que fazer direito, fazendo uns bicos aqui, uns bicos ali, foi um momento de escolha para todo mundo. A gente falou, vamos ser isso? Vamos. Eu optei por apostar numa coisa que eu quis desde sempre.

Com o tempo, todos começam a se dedicar apenas a banda e os rapazes assumem outras tarefas dentro do Móveis além de ser músico. Isso porque um grupo musical, para se sustentar, precisa de várias pessoas para cumprir uma série de tarefas, que vão desde responder *emails* até atualizar o *site*. Aos poucos, para organizar melhor tudo isso, a banda Móveis Coloniais de Acaju se transformava também na empresa *Móveis Coloniais de Acaju Produções Artísticas LTDA*.

Para se transformar numa empresa os rapazes passam por uma consultoria empresarial para entender a banda como um negócio, uma empresa que precisa ser estruturada e assim entender seus processos. A partir desse estudo, eles foram divididos em alguns setores: financeiro, marketing, administrativo, de projetos e produção.

— Se você pegar os estudos recentes do perfil do músico hoje, vai ver que 80% não é um trabalhador formal, a maior parte dá aula ou trabalha com produção. A gente adaptou isso dentro de uma empresa. É um projeto ainda, é possível que daqui a um ou dois anos a gente descubra que fizemos “O projeto” ou que não era bem isso. Mas é um caminho – Ofuji explica que cada integrante tem papel importante dentro desse processo:

— Por exemplo, tira o Xande, você vai ver o *show* ficar capenga, porque no *show* ele é um dos caras que mais está puxando a banda. Se tirar o André, a identidade dele é muito forte, o Beto é um dos principais criadores da parte artística, o Fabio é o cara que estrutura a banda, eu já tive vontade de sair da banda, mas o Fabio foi o cara que chegou e falou: “você está maluco?”. O Fabio é muito bom para dar uma liga entre as pessoas, como na música, a estruturação de partes da música. O Esdras é a figura central. Ele é o ímã num pólo e todo mundo é outro

pólo, ele que sustenta tudo mundo. Você tem o Paulo, que parte administrativa da banda está fazendo muita coisa, traz outras referências que a gente não tem. O Gabriel, que entrou mais recentemente, é o cara com gás novo, que está mais empolgado em fazer as coisas, em querer participar. A gente tenta valorizar, tanto a banda, quanto com o público, com uma equipe que a gente trabalha. Mas a gente vai aprendendo aos poucos. Em vez da gente ficar computando horas de trabalho, a gente divide por tarefas, todo mundo responde, não tem um ou outro que faz mais ou menos pela banda.



Em doze anos, o Móveis apresentou sua feijoada búlgara em palcos de diversos cantos do Brasil e do mundo. Primeiro, começaram conquistando Brasília, desde todo tipo de festa até grandes festivais, como o Porão do *Rock*. Em seguida, os rapazes conquistaram os principais palcos de música independente brasileira.

Em 2008, chegou a vez das primeiras apresentações deles fora do país. O destino era a Europa. Na edição de 2007 do Goiânia Noise, tradicional festival de música independente de capital goiana, a mobília fez o primeiro contato com Jan, o organizador do festival belga *Pukkelpop*, que viu o Móveis no palco e os convidou para ir ao festival em 2008. Com este *show* marcado, o Móveis viabilizou uma turnê de seis *shows* na *Bélgica, Suíça, República Tcheca e Alemanha*.

O primeiro *show* da turnê aconteceu no palco *Wablief* (traduzido livremente pela própria mobília como “*cuma?*”), do belga *Pukkelpop*, mesmo festival que recebia naquela edição bandas como *Flaming Lips, The Killers e Metallica*. Para completar a turnê, eles se apresentaram num barco adaptado para restaurante, numa praça pública de uma cidade-districto de duzentos habitantes.

Enquanto não tocavam, os rapazes bebiam das melhores cervejas belgas, comiam exóticos pratos e visitavam museus na maior aventura que o Móveis passou junto até agora. Foram vinte e cinco dias juntos, a maior aventura de toda

a mobília junta, vinte e cinco dias longe de Brasília, sem amigos ou parentes por perto, “sem ter para onde correr”, como eles mesmos disseram.

E praticamente todos os momentos deles em todas as aventuras europeias foram registrados em vídeo, a maior parte do tempo gravado pelo Esdras, que filmava todos os acontecimentos – certos e errados, perrengues e glórias. Esdras me mostrou um HD externo lotado de vídeos dessa viagem:.

— Tem uns três teras de vídeos! Tem muita coisa repetida, mas ainda assim é muito material. Em vez de a gente te contar algumas histórias da Europa, você mesmo pode ver muita coisa que aconteceu por lá, aonde eu ia levava a câmera.

As imagens mostram a mobília empolgada como nunca com tudo que vêm, saindo do Brasil, no avião, esperando em Lisboa, encontrando parentes do Fabio no aeroporto da Bélgica, ansiosos para tocar, a hospedagem coletiva na Suíça, a chegada no fechado museu da música belga, as viagens de carro pelo velho continente, entre outras coisas.

Uma viagem como essa, mudou a relação da mobília, pessoal e sonoramente, principalmente às vésperas da gravação do *C\_mpl\_te*, “respiramos novos ares e voltamos com outras influências. Não necessariamente no som, mas nas ideias”, declarou o saxofonista Esdras Nogueira para o Correio Braziliense na época do lançamento do *C\_mpl\_te*.



A formação universitária da mobília é diversa, os integrantes da fizeram diferentes cursos. O vocalista André e o tecladista Borém são formados em Design, Fabio em Antropologia, BC é economista, Fabrício Ofuji é jornalista, Beto e Xande são biólogos, Coaracy é publicitário e apenas Esdras e Paulo são músicos.

Por mais prazeroso que seja para eles trabalhar com o que amam, escolher viver de arte e música foi muito difícil para todos. Abrir mão de uma profissão para ser músico era um investimento de muito risco, e que agora, depois desses doze anos de carreira, começa a render bons frutos.

— Todo mundo aqui optou por uma das coisas mais difíceis para se fazer no Brasil: viver de música numa banda autoral – desabafa Gabriel Coaracy. – Minha mãe se desesperou quando eu falei com sinceridade no teste de aptidão que queria fazer música. Eu sempre me preocupei muito mais com realização profissional do que com estabilidade. Isso é um dilema, porque minha esposa sempre quis estabilidade, e eu estou buscando isso desde então.

— Ser músico envolve muita coisa, como dar aulas também. Eu mesmo tocava em outros grupos aqui em Brasília, agora está melhor. Na hora de optar, é muito difícil, porque tem que ter um retorno imediato. Mas hoje está melhor, com o retorno que a gente está tendo agora. É sempre assim: você planta um negócio, que vai dar um fruto maior, que vai servir pra você plantar outra coisa, e para dar outro fruto, de uma coisa que a gente já começou há muito tempo atrás. Estamos colhendo frutos de dez anos de dedicação – completa Esdras.

— A florzinha está começando a dar alguns frutos. – lembra Paulo Rogério.

— Aí você pega o frutinho e divide em dez partes e cada um come um pedacinho – diz Coaracy.

— O John Lennon falava que vida é aquilo que acontece enquanto você está pensando, ou no que aconteceu ou no que ainda vai acontecer. Então, essa é a forma de se deixar levar pelas coisas. O Móveis está vivendo um momento muito massa, eu acho que tem muita lenha para queimar, mas tem um fluxo, não adiantava eu chegar hoje com a mesma visão do que é ser uma banda-empresa que eu tinha há quatro anos atrás – com esta fala, BC finaliza a conversa e este capítulo.



**Um céu  
pontilhado  
em negrito**



A MÚSICA ESTÁ SEMPRE MUDANDO. A MANEIRA COMO AS PESSOAS CONSOMEM MÚSICA TAMBÉM. PRIMEIRO ERA O VINIL, DEPOIS AS FITAS K-7, EM SEGUIDA A REvolução tecnológica de um CD. Mas com a invenção do *mp3*, a mudança de comportamento foi extremamente intensa. Pela primeira vez, passou ser possível difundir música de maneira gratuita, rápida e fácil. Ao alcance de um clique qualquer pessoa tem o poder de compartilhar arquivos de música com quem desejar.

O ato de compartilhar música em formato *mp3* ficou ainda mais difundido com o surgimento de plataformas de compartilhamentos de conteúdos e a difusão da internet banda larga. A indústria, seus artistas e o público passaram a viver, e ainda vivem, a crise da indústria fonográfica. O público não quer mais pagar pela música, enquanto as gravadoras dependem dele para sustentar-se.

Enquanto uns viam esta revolução como algo extremamente ruim, outros perceberam que a internet se mostrou um ambiente como nunca imaginado para divulgação de conteúdos. Bandas que nunca saíam de suas garagens, encontraram em *sites* e redes sociais (algumas criadas exclusivamente para música) milhões de pessoas dispostas a conhecerem seus trabalhos.

Com o tempo, chegou-se a uma nova relação entre artista, gravadora e público. O público está cada vez mais próximo da música e os artistas mais distantes das gravadoras. Aos artistas, coube entender essa nova realidade e lidar com público e a indústria fonográfica da melhor forma possível. O Móveis Coloniais de Acaju vive essa mudança de comportamento desde que foi criado, e não seria o que é hoje, se não existisse a internet.

— Nós somos uma banda da internet – diz o tecladista Eduardo Borém.

— Você fez o *site* da banda, né?



— Foi. Com alguma ajuda, mas foi.

— E existe desde o começo da década passada, se não me engano.

— Até antes, de 1999 para 2000 já tinha. Não tinha nem o domínio, era um domínio gratuito, que tinha um endereço gigante, tipo um *hotsite*.

— O lado bom de ser uma banda de nerd é isso, todo mundo gosta de internet – explica Coaracy.

— Vai muito da nossa vivência, a gente sempre acessou a internet. Eu lembro de usar desde bem cedo *BBS* na casa dos meus primos. Era antes da internet. *BBS* era uma como uma rede, mas local, tinham várias *BBSs* que tinham seus servidores, e lá dentro você tinha fórum de discussão, chats, tudo tosco, como se fosse no sistema *DOS*, mas sem ser interligado como é hoje.

O Móveis tem presença ativa na internet. Hoje, o termômetro da difusão virtual de qualquer coisa pode ser medido pelo Google. O termo “Móveis Coloniais de Acaju” no buscador apresenta 125.000 resultados, resultado de como o grupo usa as ferramentas disponíveis.

O *site* oficial da banda é sempre atualizado. Um *blog* é alimentado com textos e vídeos feitos pelos próprios integrantes, normalmente Esdras escreve sobre culinária, Coaracy sobre tecnologia e Xande dá dicas de bandas que gosta, só para dar alguns exemplos. É no *site* que eles desenvolvem conteúdos especialmente para a internet como o “*Adoro Cover*” (projeto de covers) e o “*Agora ou Pra Viagem?*” (vídeos mostrando o que a banda conhece culturalmente das cidades por onde passa). É ali que os rapazes encontram espaço para publicar seus trabalhos.

— Eu acho que mais do que músico a gente é artista. E, além de artista, empresário, então estamos sempre buscando formas de divulgar o nosso trabalho, de forma artística. A internet é um veículo muito fácil nesse sentido, e no nosso *site* a gente supre as demandas individuais e coletivas – diz Borém.

— Toda a banda precisa ter projetos para empolgar as pessoas, é um exercício de criação, e a gente precisa se reinventar para sobreviver e melhorar – explica Coaracy. – Eu acho que o *site* é a maior porta de comunicação nossa com as pessoas. Qualquer pessoa ou empresa que trabalha com comunicação não pode virar as costas para o *You Tube*, o *My Space*, o *Twitter*; além disso, você puder usá-los

como fontes de informação. Hoje em dia, uma banda já sobrevive com seu *site* agregando redes sociais e mostrando sua música.

— E quanto aos números, vocês medem a importância do *site* por número de acessos? – pergunto a Fabio.

— Temos mais acessos que o maior jornal de Brasília. Quando participamos de programas de TV a audiência sobe, mas é um monte de gente que não conhece a banda. Só que essa galera não vai voltar fácil. Eu mesmo, encontro milhares de bandas todos os dias. O nosso *site* precisa de mecanismos de acesso. Se não tiver força, vai sumindo, ninguém se lembra, tem que ser numa onda ascendente.

— E como está a onda do Móveis?

— Desde 2002 está crescendo. Você tem que chegar em outros lugares, criar público, estabelecer contatos, criar uma rede que vai divulgar você. Uma rede de contribuição do público com a banda – diz Ofuji.



Além do *site* do Móveis, todos os integrantes da mobília são usuários das principais redes sociais da internet, como *You Tube*, *Facebook*, *Flickr*, *Fotolog*. Mas a rede social que todos eles usam mais ativamente é o *Twitter*. Além de seus perfis pessoais, há o *@moveis*, onde eles onde divulgam informações e assuntos sobre e do grupo e conversam com seus fãs, como nos seguintes *tweets*:

“*Bandas do DF, amanha tem reunião do @cbac\_df 19h30. pauta: análise da situação do cenário musical no df; definição das ações do cbac*”, terça-feira, 03 de agosto de 2010.

“*RT@fabiopedroza: e ve?o q acha da lei de direito autoral? como vé a questão da música livre? das redes p2p? veja agora: <http://bit.ly/aF0y5a>*”, terça-feira, 03 de agosto de 2010.

“*Porque regular o ECAD? <http://bit.ly/b0CYEE> #debateLDA*”, terça-feira,

03 de agosto de 2010.

“Nosso show será 19hs, de graça pra terminar o domingo bem..RT @diow1bjo: @móveis q horas vcs vão tocar no cebb amanhã??”, sábado, 21 de agosto de 2010.

“Chegamos em Bauru, já já passagem de som no Sesc para o show de hoje a noite!”, quinta-feira, 27 de maio de 2010.

“O primeiro ensaio de preparação do “couve” deste mês foi muito alto astral. A música promete!”, terça-feira, 01 de junho de 2010.



Na rede social *Orkut* uma busca por “Móveis Coloniais de Acaju” aponta dezenas de comunidades dedicadas a eles. São diversas discussões, das mais informativas às mais curiosas, tratadas de maneira positiva e negativamente. Na comunidade oficial Móveis Coloniais de Acaju, os fãs compartilham vídeos de *shows*, entrevistas, *links* e todo tipo de informação sobre a banda. Em outras, várias, mais específicas, os objetivos variam.

Na comunidade *Dançando Móveis Coloniais*, por exemplo, há um tópico que questiona “Qual é a música mais dançante???”. Ingrid Teixeira diz “E agora, Gregório...a melhor parte é dançar e tocar os instrumentos imaginários”.

Já “Amanda.” compartilhou uma experiência dançante. “Estava eu escutando *Móveis Coloniais de Acaju* (precisamente a música *Receio do Remorso*) no banheiro com a minha colega de quarto enquanto arrumava meu cabelo olhando para espelho, e de repente comecei a fazer movimentos esquisitos. Estava dançando *Móveis*! Nunca me diverti tanto em 30 segundos, inexplicável. A coreografia parecia um ornitorrinco com ‘dor de veado’ e pregos nas patas.” Até mesmo o tecladista Eduardo Borém respondeu à discussão: “Aluga-se, essa é a melhor pra dançar sozinho, como se o mundo não existisse! Coisa de autista, hehehehe!”.

Em outra comunidade, chamada “*Cantando Móveis Errado!*”, os fãs compartilham várias letras da banda que eles tem o costume de cantar de um jeito, mas que tem letra completamente diferente:

“Não é difícil comparar nosso cérebro com a ervilha do Pará”. Na letra da música

“*Swing Hum e Meio*”, os rapazes comparam o cérebro com a castanha do Pará. Para outro fã, a mesma letra diz “*Seja Madruga apague a ilusão / De quem tem caráter tem tudo na mão*”. Mas o correto é: “*Seja maduro apague a ilusão / De quem tem caráter tem tudo na mão*”.

“*Papai Noel não vem. Deixe de lado o jogo de FADAS do seus sonhos*”. Na letra de “*Perca Peso*” os rapazes deixam de lado o jogo de facas dos sonhos.

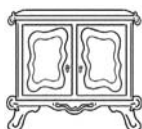
“*Malas prontas, pudoquei!*”. Em “*Cão Guia*”, os rapazes cantam “malas prontas, tudo ok!”.

Mas o Móveis não é assunto apenas em discussões divertidas. Em sua descrição, a comunidade “*ODEIO Móveis Coloniais de Acaju*” deixa explícito do que se trata em sua descrição “*ODEIO Móveis Coloniais de Acaju, essa banda toca musica de circo, toda hora muda de ritmo!!! Os caras quando tocam, parece q estao tomando choque!!! Os caras sao bons musicos, mas a musica, não da pra definir o q eles realmente tocam!!!*”.

Nesta comunidade os próprios rapazes do Móveis participaram comentando sobre eles. O vocalista André Gonzáles abriu um tópico chamado “*O vocalista usa uma peruca do Bozo*” para falar dele mesmo:

“*Bicho, a banda é tão circo que o vocalista usa uma peruca de palhaço, só falta o nariz. Isso que ele ainda fica falando umas asneiras sem tamanbo no microfone, até me envergonho do que ele fala em cima do palco. Ainda tem aquele saxofonista grandão que pra mim parece um ursão, sem falar que o sax tenor é tipo a miniatura do grande, bizarro. O baixista acha que é acrobata. Isso sem falar que o cara tem um irmão siamês: o flautista. Daqui algum tempo os dois vão tá fazendo aquele esquema que o Didi Mocó fazia com o Dedé, tipo uma cambalota de dois. Acho que se essa banda crescer eles vão ter grande chance de serem contratados pro Circo de Soleil. Não, acho que é muito pra eles, eles vão trabalhar no Beto Carreiro World mesmo*”.

Umanônimo comentou “*os caras mesmosfalam deles kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk*”. Já o saxofonista Esdras, que morou durante um ano em um circo na Europa, discorda da comparação de André: “*ridículo comparar Móveis com música de circo, já morei em circo e sei que os caras do circo pelo menos tocam bem....*”.



A internet foi usada como espaço para o lançamento do segundo CD do Móveis, o *C\_mpl\_te*, lançado em formato digital pela gravadora *Trama*, no projeto *Álbum Virtual*. No *site* do projeto, os CDs ficam disponíveis para *download* gratuitamente (com direito à parte gráfica do CD) e o artista é remunerado por *download*, através do patrocínio de uma empresa. A ideia é se adequar a nova realidade do consumidor de música, sem deixar de remunerar o artista.

Para a divulgação deste trabalho, a própria mobília se engajou na propagação deste trabalho via internet, no *site* do Móveis e nas redes sociais.

— Na época, a gente pensava que se cada um divulgasse o álbum para dez ou quinze amigos e para pessoas que gostassem da banda, já seria um viral. Isso representou uma aproximação enorme de fãs, de bandas, amigos que entravam em algum *Orkut* e viam a chamada para baixar o disco, ajudou muito. Eu penso que tudo que estamos fazendo tem um impacto, pode ser a maior besteira do mundo, mas isso vai impactar alguém de alguma forma – explica Beto.

Antes mesmo do lançamento oficial do CD, todas as músicas ficaram disponíveis na internet. Faltando doze dias antes do lançamento do *C\_mpl\_te*, a cada dia uma música nova era lançada no *site* do Móveis, numa versão ao vivo gravada na garagem da casa do Esdras. Como resultado, nos primeiros *shows* de lançamento do cd, quando eles tocavam as músicas novas, o público cantava junto.

Desde o início da banda, as músicas do Móveis estão disponíveis para *download*. Em 2003, as primeiras músicas do Móveis foram disponibilizada na internet. Em 2005, o álbum *Idem* foi direto – e na íntegra – para a internet. Em entrevista para o *Jornal do Brasil*, durante o lançamento, Borém declarou ser um dilema colocar ou não o trabalho para *download* gratuito:

— Pensamos em colocar trechos, só para *streaming*. Por fim, liberamos tudo. Descobrimos que, ao contrário do que muitos pregavam, disponibilizar as músicas na internet ajuda a vender discos. – Houve tempo em que essa reposta seria uma dúvida e tanto. Como pode músicas disponibilizadas gratuitamente ajudarem a vender discos? Hoje sabe-se que o público ouve a música de graça, e se interessar, compram o CD depois. No caso do Móveis, esses CDs são vendidos

nos *shows*, junto com camisetas, adesivos, e outros materiais de marketing.

Além de comprar o CD, plateias dos mais longínquos rincões deste país cantam junto com o Móveis, depois de ouvir as músicas de graça. Às vezes é até uma surpresa para o próprio Móveis. Como aconteceu no *show* do festival *MADA* (*Música Alimento da Alma*), em 2007:

— Por causa da internet, o *show* no festival *MADA* foi impressionante, uma multidão de pessoas cantando todas as músicas e os caras nunca tinham tocado lá, foi impressionante, de arrepiar – lembra Tom Serralvo, técnico de som do Móveis que viaja com eles há muitos anos. Na ocasião, em entrevista sobre o evento, André Gonzáles afirmou: “foi um dos *shows* mais emblemáticos da nossa história. Fiquei surpreso com a receptividade do público de Natal”.

Tudo isso é resultado de anos de atuação na internet. É o que o Coaracy resume como “trabalho de formiguinha *online*”.



**Revolta  
do acaju:  
uma história  
que o Brasil  
não conheceu**





A SEGUIR, VAMOS DESENVOLVER UM DOS MAIORES MISTÉRIOS DA HISTÓRIA DA MÚSICA POP BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: A ORIGEM DO NOME MÓVEIS COLONIAIS DE ACAJU. A banda sempre declara se tratar de uma homenagem para a mal contada Revolta do Acaju, acontecida na Ilha do Bananal, em Tocantins. Nas páginas que seguem, tento descrever do que se trata a Revolta do Acaju, quem foram os envolvidos, suas origens e motivações. Um fato esquecido em meio aos famigerados acontecimentos da história do Brasil.

#### **Século XVI, Ilha do Bananal, Tocantins, Brasil**

É na Ilha do Bananal, a maior ilha fluvial do mundo, onde moravam os índios Javaés, a primeira – talvez única – tribo indígena que manteve amigáveis relações com os portugueses colonizadores do Brasil. Eles viviam isolados na ilha até que um grupo de pesquisadores, contra qualquer tipo de extermínio ou escravidão dos nativos, desenvolveu grande empatia com os índios.

Ao ser descoberta essa coexistência pacífica entre brancos e índios, portugueses ali se fixaram também. Graças a esta convivência, os índios aprenderam a explorar a madeira da região. Como a uma das características da Ilha do Bananal é a grande quantidade de árvores de cedro, os Javaés aprenderam a fabricar, de maneira artesanal, utensílios domésticos com madeiras de luxo, principalmente cadeiras.

Pelo que se tem notícia, era a única tribo indígena que usava móveis em suas ocas. De acordo com especialistas, pelos costumes o pajé sentava nas maiores e mais confortáveis cadeiras, o cacique tinha cadeiras nobres e os curumins não podiam sentar em cadeiras enquanto não aprendessem a pescar e caçar. As índias só podiam sentar em cadeiras depois de realizado um ritual de passagem provan-

do serem mulheres.

A influência da madeira para os Javaés era tamanha, que começaram a ser produzidos pelos índios materiais de importância ritualística, como os “cachimbos xamanísticos Javaé”, usados nos rituais mais quentes de toda a Ilha do Bananal. Curiosamente, os cachimbos eram feitos em formato de jacaré, sendo assim chamados de Korera (jacaré, na língua Javaé).

Já no século XIX, os portugueses resolveram, de maneira pacífica, fazer uma parceria com os índios para exportar as nobres cadeiras para todo o reino. Eram poucas peças, o que conferia exclusividade ao material. De acordo com o viajante Hercule Florence, o material era muito apreciado no nordeste brasileiro, por mais difícil que fosse a chegada dos móveis a essas regiões. Posteriormente, Portugal passou a comercializar essas cadeiras por toda a Europa.

Depois de anos de parceria, os ingleses perceberam que a Europa estava deixando de consumir seus móveis para consumir os produzidos pelos Javaés. Sobre isso, há rumores de que a própria rainha Elisabeth II teria encomendado cadeiras para decorar o Palácio de Buckingham. O boato histórico nunca foi confirmado pela realeza britânica. Na época, os portugueses se orgulhavam de tal feito e diziam que os ingleses “não queriam dar o braço a torcer”, por isso escondiam o pedido da rainha.

Para não perderem a possibilidade de dominar esse mercado em expansão, hordas de exploradores ingleses adentraram o Brasil pelo Pará, e por vias fluviais seguiram pelo Rio Tocantins até chegarem à Ilha do Bananal. Tomados de surpresa, indígenas e portugueses foram dominados. Calcula-se que cerca de meia tonelada da produção madeireira tenha sido destruída.

Travou-se, então, uma intensa batalha entre ingleses contra portugueses e os índios Javaés. Num ato heróico, pela primeira vez na história do Brasil, portugueses uniram-se aos índios para recuperar a dignidade e honesta produção de madeira dos moradores da região. Depois de meses de luta, no dia 5 de fevereiro de 1813, os últimos ingleses aportados na ilha foram mandados de volta à terra da rainha.

Mas a destruição deixada pelos britânicos era tamanha que a Ilha do Bananal nunca mais foi a mesma. Os índios nunca mais conseguiram aceitar a presença da madeira do acaju da mesma forma. O pajé da tribo resolveu aban-

donar completamente a produção de madeira. Para eles, o que antes era um bem inestimável, tinha se revelado um verdadeiro câncer.

Esta batalha recebeu o nome de Revolta do Acaju, um acontecimento esquecido em meio à vasta História do Brasil.

(O fato histórico exposto acima foi produzido depois de um raso estudo com fundamentações googlânicas e inspiração divertido-fantasiada, conta uma possível procedência da Revolta do Acaju, que deu origem ao nome “Móveis Coloniais de Acaju”)



— Vocês precisam me contar mais detalhes sobre a Revolta do Acaju — pedi ao Fabio certa vez. — Preciso saber dos detalhes sobre a Ilha do Bananal e os índios javaés para poder retratar no livro como tudo aconteceu. — Para meu espanto, a resposta dele foi contundente:

— Mas a Revolta do Acaju não foi só isso.

— Como assim?

— Ela começou antes, na Índia...

— Calma, mas não é isso que temos disponível por aí.

— Eu sei, mas essa parte ninguém sabe.

— Ahhh, bom, agora sim você precisa mesmo me contar essa história.



A Revolta do Acaju, que teria acontecido em algum ponto do século XVIII, é apontado como uma ficção criada pela mobília na tentativa de justificar o nome do grupo, que não teria explicação. Entretanto, muitos fãs do Móveis acreditam na revolta. Há quem diga que uma mentira contada muitas vezes não

passa de uma verdade, enquanto outros afirmam que este seria mais um momento esquecido da História do Brasil.

A polêmica ganhou visibilidade quando a revista *Época* abordou esse assunto. No dia 22 de agosto de 2009, na coluna *Mente Aberta*, publicou o texto “Móveis que arrastam a plateia”. Entre as informações, estava a origem do nome com base na famigerada revolta. Depois do texto publicado, a jornalista descobriu que a revolta era uma lorota contada para responder a pergunta “de onde surgiu o curioso nome da banda?”. Por isso a revista publicou o texto “A Revolta do Acaju nunca aconteceu”:

*“A referência à ‘Revolta do Acaju’ seria uma forma de afirmar a identidade nacional da banda. Perseguimos o inusitado, algo que tivesse a ver com o Brasil e dialogasse com o mundo’, disse o vocalista da banda, André Gonzáles, à ÉPOCA, na edição 584, datada de 27 de julho. Dezenas de sites e órgãos de imprensa sérios, nos últimos anos, reproduziram a história contada pela banda, sem questionamento. ÉPOCA também publicou a versão dos roqueiros. Deveria ter checado os fatos com historiadores antes da publicação, mas, de boa-fé, não supôs que estava sendo vítima de um trote. Diante da suspeita de que teríamos publicado uma informação falsa, fizemos nossa obrigação: procurar a verdade. ÉPOCA apurou o caso, concluiu que a suposta Revolta do Acaju não passa de uma invenção da Móveis Coloniais e obteve de um integrante da banda a confissão de que tudo não passou de uma brincadeira.”*

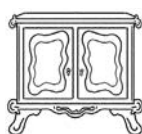
*(...) ÉPOCA voltou a procurar Esdras Nogueira, por telefone. Titubeante, ele admitiu apenas o seguinte: ‘Na verdade, não sei se a história é verdadeira ou não. Estou achando que é’. Disse que o texto que está no site da banda ‘foi tirado da internet’, mas que ele não se lembrava de onde, e que a página original não existia mais. ÉPOCA enviou e-mails a David Nogueira, que não deu mais sinal de vida. Esdras se recusou a dar o contato do primo David, dizendo ‘não ter muito contato’ com ele. No site oficial da banda, um leitor comenta que ‘David N’, o autor da falsa tese sobre os javaés, é primo de Esdras.”*

Na ocasião, a revista conversou com o ex-guitarrista e fundador do Móveis, Leonardo Bursztyn, irmão de Xande, explicando a origem do nome:

“Pois é, fui eu quem batizei a banda, sim. A origem do nome é realmente algo misterioso... pouca gente conhece a revolta. Possivelmente porque ela nunca existiu. Para falar a verdade, o nome não tem uma explicação definida. Eu simplesmente queria colocar um nome exótico e estava lendo um livro em que um

ladrão roubava um bilhete de loteria de uma mesa de madeira acaju. Acho que era um livro francês sobre o ladrão Arsène Lupin. Acaju. Nome engraçado. Dali foi. Eu pensei nessa história da Revolta do Acaju pois precisava de uma explicação mais legal para o nome. (...) Desculpa por te decepcionar com a história”

E agora? Teria a revista desmascarado a banda?



Ao final da reportagem da revista Época, os jornalistas afirmam que: “Na era da internet, trotes como esse acabam virando “fato”. Muitos jovens estão acostumados a tomar como verdadeiro tudo o que leem na internet. Pelo bem de seus fãs, a Móveis Coloniais de Acaju faria bem em ressaltar no seu *site* que a história que contam é fictícia, agora que a brincadeira foi esclarecida”.

Sem saber, eles mesmos estavam apontando o caminho para o início da Revolta do Acaju do século XXI, que começaria no *You Tube*. Milhares de fãs começaram a gravar vídeos com a mensagem “Revolta do Acaju: eu acredito”. Artistas e formadores de opinião também gravaram Suas mensagens, acrescentando credibilidade e notoriedade na internet ao fato histórico.



Ou se tratava apenas de mais informações errôneas? Mais evidências sobre o acontecido vieram à tona. Outro texto, chamado “*Uma história esquecida – a revolta dos fabricantes de móveis de Acaju da Ilha dos Bananais no Séc. XIX*”, atribuído ao professor ‘David N’, comprovaria a possível origem da Revolta. Seguem trechos:

*“A madeira popularmente chamada de acaju é na verdade o cedro-cheiroso (Cedrela odorata), também conhecido pelos nomes vulgares de cedro-fêmea, cedro-rosa, cedro-espanhol, cedro-vermelho e cedro-mogno; é uma árvore da família das meliáceas e chega a atingir 30 m de*

altura. A madeira caracteriza-se pelo seu cerne vermelho e é muito utilizada e apreciada para a produção de mobília.

A ilha do bananal é conhecida, entre outras coisas, por ser uma área onde a madeira acaju é abundante. Desde o século XVI que os índios Javaé, uma das várias tribos que habitam a região, têm a madeira como uma fonte primordial, quer seja para a confecção de utensílios de seu dia a dia, quer seja para utensílios ritualísticos, como os famosos cachimbos xamanísticos Javaé. Estes cachimbos se distinguem dos cachimbos xamanísticos de outras tribos porque além de não serem um instrumento antropomórfico ou falomórfico – têm a forma de jacarés, sendo por isso chamados de Korera (jacaré na língua Javaé) – são feitos exclusivamente da madeira acaju. Depois que a ilha foi descoberta, grupos populacionais de portugueses passaram a ocupá-la juntamente com os índios, um caso de coexistência pacífica raro no Brasil colonial. Os portugueses que ali se fixaram também se dedicaram ao trabalho com a madeira, contudo se ocupavam primordialmente da fabricação de móveis coloniais, que eram muito apreciados no nordeste brasileiro, por mais difícil que fosse a chegada desses móveis vindos de “tão inhóspitas regiões” como nos lembra o viajante Hercule Florence. O sonho idílico da convivência entre portugueses e indígenas, aventado em obras como a de Gilberto Freyre, parecia ser verdade nesta parte do país, isso até um acontecimento que iria destruir o modo de vida das populações do bananal e causar um dos maiores derramamentos de sangue da nossa história: a independência do Brasil(...)

Não é de se estranhar por isso que os britânicos tenham se apoderado, dentre outras coisas, da ilha do Bananal. Vindos em três ondas sucessivas pelo rio Tocantins, muito provavelmente ainda em busca do mítico “El Dorado”, bordas de exploradores e salteadores ingleses ocuparam e expulsaram da ilha parte da população indígena e portuguesa que ali vivia. Contudo, o pior para aqueles homens foi ver a destruição sistemática de suas criações. Calcula-se que mais de meia tonelada de madeira, em forma de móveis coloniais e cachimbos xamanísticos tenham sido destruídos pelos ingleses. A destruição, de maneira tão cruel e fortuita de objetos que tinham ao mesmo tempo uma importância econômica e ritualística causou uma revolta generalizada em toda a ilha. Hordas de colonos se uniram a dezenas de tribos indígenas para lutar sozinhos contra a opressão inglesa. Sabiam que não podiam contar com a ajuda do governo português, que ademais estava sujeito às vontades de Londres. Em um dos atos mais heróicos e marcantes da nossa história, portugueses e indígenas acabaram por expulsar no dia 05 de fevereiro de 1813 os últimos ingleses que ainda estavam aportados na ilha. Em uma batalha que tem para o Brasil o mesmo valor simbólico de uma batalha de Guararapes, a Revolta de Acajú, como ficou conhecida, devolveu àqueles homens e

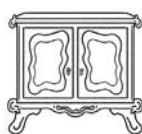
*mulheres o direito de viver em sua terra e de produzir a sua arte”.*



Um vídeo postado no *You Tube* apresenta um suposto trailer do documentário “*Revolta do Acaju: uma História que o Brasil não conheceu*”. Aparecem no trailer imagens da ilha do Bananal, o depoimento de uma descendente dos javaés e a narração de como os ingleses chegaram à ilha:

*“Standbel tinha a intenção de chegar a região correspondente ao estado brasileiro de Roraima. Porém, habituado à típica mão inglesa, se confundiu e dobrou à esquerda na foz do Amazonas, chegando ao Rio Tocantins, que o levou até o Araguaia e, por fim, à Ilha do Bananal (...) Standbel chegou a ilha do Bananal em meio a insatisfação de sua tripulação, já estavam perdidos Há meses, talvez anos, sem nunca encontrar o precioso ouro. Ao adentrar a ilha do Bananal e encontrar-se com os javaés, o coração de Standbel palpitou mais uma vez com esperança. Ao perguntar sobre o mítico El Dorado, a terra feita de ouro, os índios o levaram à beira do rio e falaram de uma fantástica criatura, um rei que pintava seu corpo de ouro e dançava para o sol, o Grande El Dourado”.*

Seria mais um trololó da internet ou a realidade vindo à tona?



Outra versão da Revolta do Acaju foi relatada em entrevista do Móveis para a segunda edição do fanzine “*Momento de Lucidez*”. Há informações interligadas com os relatos publicados neste texto, outras apenas distorcem o que já foi relatado.

*“M.L.: Por que o nome Móveis Coloniais de Acaju?”*

*Léo, guitarrista: Bom, houve, na Índia, no final da época em que era colônia, uma certa revolta contra a metrópole, a Inglaterra. Eles tinham grandes indústrias manufatureiras de móveis, e a*



*madeira local da Índia era o acaju. Era uma colônia, por isso móveis coloniais. Então, Móveis Coloniais de Acaju é em homenagem à revolta do acaju que teve na Índia. Só que é mentira. (Risos).*

*Beto, flautista: É que eram muitas pessoas pensando no nome da banda sentadas numa mesa de jantar colonial, bonita...*

*André, vocal: Não! A gente estava passando na 2ª ponta do Lago Sul, lá vendem-se vários móveis, e tinha uma placa: Móveis Coloniais de Acaju. (Risos). Na verdade esse nome é em homenagem às vós. Porque toda casa de vó tem um móvel colonial. Esse nome é para nossas avós, tão queridas. O swing é dos anos 20, a maioria das vós nasceu na década de 20, 30, e a gente remete também a isso. (Risos).*

*M.L.: Honestamente (!!!), por que Móveis Coloniais de Acaju?*

*Léo: Na verdade, falta uma razão verdadeira. Não tem origem, não tem.*



Semanas após a publicação da Revolta do Acaju na Revista Época, um curto texto do vocalista André Gonzáles, no *blog* do Móveis, anunciava a primeira manifestação de banalização do acontecimento:

*“Há 3 semanas, a Revolta estourou, e em pouco tempo ela se tornou uma causa de muitos mitos. Mas como toda grande revolução e seus mártires, o oportunismo toma o lugar dos ideais. Che já foi tendência, agora chegou a hora da nossa Revolta virar camiseta, broche, tatuagem, protetor de tela, etc. Claro, sem perder a ternura!!!”*

Camisetas da Revolta começaram a ser vendidas, na banalização mais rápida de um movimento histórico que se tem notícia em toda a História do Brasil. A imagem de um sofá colonial pegando fogo se alastraram no peito de centenas de fãs do Móveis.



Para explicar toda a polêmica que ganhava a atenção da mídia especializada em música, os rapazes publicaram um texto em seu *blog*, chamado: Revolta do Acaju, a verdade (com fotos inéditas!). De maneira irreverente, os rapazes respondem à reportagem da revista: *“Justamente por não haver nenhuma justificativa para o nome, resolvemos embasá-lo em algo que NÓS acreditamos: A REVOLTA DO ACAJU!”*.

E esclarecem toda a polêmica envolvendo todas as famigeradas versões do falso levante histórico: *“Impressionante como lendas (ou não) aparecem. O mais legal é ver como são reinterpretadas e divulgadas. Impressionante como artistas, fãs e a própria imprensa usam a “licença poética” para subverter e reinventar a verdade. Isso tudo torna a história mais divertida! A Revolta do Acaju nunca foi “gravada”. Também, nunca foi de domínio público. Nós, simplesmente, quisemos valorizar esse fato! Se é ou não uma inverdade, isso não importa.”*



# **Entrevistas I**



## BETO MEJIA

Reza a lenda que ele nunca entrou no Móveis, mas já fez parte de várias outras bandas. Numa noite chuvosa em São Paulo, o flautista do Móveis me explicou direito essa e outras histórias.

— Como você entrou no Móveis?

— Eu entrei no Móveis... bom, na verdade eu nunca entrei na banda. Tem essa brincadeira porque eu já tocava com o Fabio em outra banda, o Móveis estava em processo de gravação do primeiro *EP*. Ele me mostrou e eu falei: “deixa eu gravar alguma coisa”. Eu gravei e comecei a ir nos ensaios, meio na cara dura mesmo, e como nunca teve uma formalização, o povo brinca até hoje que eu não sou do Móveis. Na época, todo mundo era amigo de colégio.

— Vocês estudaram no mesmo colégio, né? Foi lá que se conheceram?

— Eu estudei com o Fabrício minha vida inteira, desde os dez anos até me formar. A gente teve banda junto.

— O Ganza, né? O Fabrício me falou sobre ela.

— Isso, isso mesmo. No *Ganzá*, a gente sempre corria atrás das coisas, armava *show*. E o Móveis tinha naquela época uma coisa parecida, que era tocar independentemente do lugar. Todo mundo se encontrava no *Sesc Garagem*, que fomentava muito a cena de *shows* de hardcore e de *hip-hop*, *Little Quail*, *Raimundos*. O Fabio eu conheci pela escola de música, o André foi no colégio, a gente fazia parte do grêmio estudantil. As coisas vão se entrelaçando, cada um vai se conhecendo e interagindo, para poder aceitar o outro na banda. E até hoje é assim.

— Até hoje a banda continua mudando, né?

— Exatamente... Você prefere que eu vá falando com a linearidade com

que o pensamento vai surgindo ou com cronologia você acha melhor?

— Pode ser como você quiser, fique à vontade.

— Qualquer coisa, você me interrompe.

— Claro.

— Deixa eu ver. A ideia do Móveis... eu tocava em outra banda, chamada Amanita, que não tem nada a ver com ninguém, era um outro pessoal de outra ocasião. Era uma galera mais velha, enquanto eu tinha dezesseis, dezessete anos. Com eles, eu larguei tudo e vim pra São Paulo para trabalhar, tranquei a faculdade. Depois voltei.

— Na *UnB*, né?

— Isso, eu fiz Psicologia. Aí tranquei, voltei para Brasília, depois de morar aqui por cinco meses, aí eu formei em Biologia.

— Você veio para cá para trabalhar com música?

— Isso, pra trabalhar na noite, com uma banda que chamava Amanita Muscada. Coisa de doidão, todo mundo muito louco. Eu tive essa experiência aqui que foi muito bom para eu ver o que eu realmente queria como músico. O meu caráter de compositor estava surgindo na época. Eu pensei “cara, não vale a pena vir pra cá, largar tudo com esse pessoal só por grana”.

— Isso porque em Brasília não tinha público?

— Na verdade, era uma mentalidade dos anos 90, “vamos largar tudo, ir pra São Paulo, porque é o pólo de construção e exportação de música”. E eu passei cinco meses aqui meio pesados, a gente morava em Cotia-SP, trabalhava em São Paulo, então a gente tocava à noite, voltava pra Cotia, dormia e voltava pra São Paulo. O dinheiro era pouquíssimo, às vezes eu comia uma vez por dia. Eu pensei “cara, melhor não” e voltei para Brasília. Quando eu cheguei, o Móveis estava na eliminatória de um festival universitário, cheguei um dia antes e toquei com eles.

— Você chegou e já tocou com o pessoal?

— É, exatamente. A gente já tinha as músicas, eu já conhecia as coisas. A gente chegou a ir pra final. Quando eu saí de São Paulo, eu pensei “vou mudar de carreira, fazer Biologia e trabalhar com música como hobby. Então, juntou tudo, a coisa de querer voltar, de mudar de curso, mudar de ambiente total.

— Você chegou a trabalhar com Biologia?

— Cheguei. Fui trabalhar no Ministério Público fazendo parecer técnico para danos ambientais no Cerrado, e trabalhei dois anos em laboratório. Eu larguei a área de Biologia para dar aula de música e trabalhar para o Moveis. Imagina largar tudo para trabalhar com banda, sem saber qual a rotina do dia a dia?

— Mas a Biologia era algo que você gostava também?

— Era, só a parte do laboratório eu descobri que não era a vibe que eu queria. Do desenvolvimento ambiental eu curti, até comecei o mestrado, fiz umas disciplinas e larguei.

— O Móveis ficou maior?

— Eu optei, preferi apostar tudo numa coisa que quis desde sempre. É uma opção mesmo. O BC é economista, do *IPEA*, puta pesquisador brasileiro, mas ele consegue administrar muito bem. Eu não consigo fazer duas coisas ao mesmo tempo, ele consegue. Essa mudança de vida para todos da banda toda demora um ano, o tempo de a gente fazer uma consultoria empresarial com o pai do André. O pai dele é um puta pesquisador na área ambiental também, e ele entende muito bem essa ideia de processo de empresa. Ele começou a conversar com a gente, esclareceu as coisas pra todo mundo.

— Ao mesmo tempo, vocês viam o negócio como algo divertido, tendo sempre isso da diversão como pano de fundo, mesmo sendo um trabalho.

— Sim, sim. A gente tem que fazer o trabalho artístico e o burocrático, tem que fazer os dois, e é muito louco porque a gente precisa aprender tudo, e é super divertido.

— E como fica a relação pessoal entre vocês no meio disso, da burocracia e da diversão?

— A gente se vê quase todo dia, então tem que conversar sobre música, papelada... se tem problemas, precisa resolver, porque isso faz parte de seus melhores amigos ao mesmo tempo que você tem que tratar sobre dinheiro, conflitos, eu acho que é um aprendizado que todo mundo no final das contas fica mais tolerante. É um processo bem legal, ajuda bastante.

— Você falou que acha que os seus melhores amigos são da banda?

— Acho sim.



— Você acha que todo mundo considera a banda como melhores amigos?

— Não sei, eu acho que não. Cada um tem mais ou menos afinidade com as outras pessoas. Como as pessoas da banda são aquelas com as quais tenho que lidar o dia inteiro – coisas pessoais e profissionais – meus melhores amigos são as pessoas da banda. Até porque o círculo de amizades fica um pouco mais fechado. Não sei se todo mundo vai falar “os meus melhores amigos são da banda”, mas o meu ciclo de amizades é o Móveis, minha namorada e alguns amigos da faculdade.

— A impressão que vocês passam ao público é que vocês se divertem muito.

— A gente se fode muito, ganha pouco, mas se diverte. Eu não sei a opinião de cada um sobre o que é a banda. Para mim, é um objetivo de vida, porque você tem que conviver com seus melhores amigos, fazendo o que gosta, ganhando pra isso e construindo uma coisa que é sua artisticamente. Em todos os níveis isso é seu, você não precisa prestar contas para ninguém.

## ANDRÉ GONZÁLES

Parte das entrevistas deste livro foram feitas enquanto os rapazes do Móveis trabalhavam. Elas aconteciam entre um trabalho e outro por onde a turnê do álbum *C\_mpl\_te* passava, sentados na calçada esperando o ônibus da banda chegar, dentro do ônibus, andando na rua, no escritório em Brasília, entre outros.

Conversar com o André Gonzáles sempre foi mais difícil. Coisa de vocalista, que sempre precisa dar mais atenção aos fãs. Mesmo assim, aconteceu uma longa entrevista dentro do quarto de hotel dele, em Sorocaba, quando o rapaz me contou a seguinte história:

— É verdade essa história de que você não toca nenhum instrumento musical, só canta mesmo?

— É, cara, eu não toco nada.

— Toca cordas vocais – fala Beto, que durante aqueles *shows* dividia quarto com André, e naquele momento estava navegando na internet.

— É. – confirma André.

— Não vou me meter na entrevista, não – avisa Beto, em tom de desculpas.

— Ahhh, por favor, fique à vontade – peço a ele.

— Eu arranhava um piano, mas para tocar agora eu teria que voltar a estudar – lembra André.

— Eu li críticas de *shows* do Móveis, do começo da carreira de vocês, que diziam que não dava para compreender o que você cantava. Como você vê isso?

— Cara, a gente foi ganhando intimidade de palco com o tempo. De início, eu não tinha contato nenhum com o palco. Eu cantava assim, fechadão – e mostra um cara com os braços fechados, espremidos no corpo.

— Uma coisa era diferente, a gente não sabia falar com as pessoas – lembra Beto.

— Não sabia, velho, até hoje não sei – diz André.

— A gente até brigava por isso – lembra Beto. – No começo, era uma falta de comunicação, todo mundo dizia “fala isso, fala aquilo” para a plateia.

— Deu briga já – confirma André.

— Deu mesmo, brigamos por causa disso. Porque cada um queria falar uma coisa e todo mundo falava ao mesmo tempo. – lembra Beto.

— E, cara, você vai conquistando. Na real, eu descobri a música com a banda e o palco, essas coisas. E quando a coisa começou a se tornar mais interativa e começou a puxar o público foi legal, um processo libertador. Mas de fato, eu cantava todo embolado, não tinha técnica nenhuma, depois eu peguei umas aulas, comecei a estudar, fui na fonoaudióloga.

— E o que você sente quando está no palco? Você chorou no Auditório, né? (eu estava me referindo aqui ao *show* deles que foi gravado em janeiro de 2010, no Auditório do Ibirapuera para ser exibido um especial no *Canal Brasil*, e mais tarde se transformar em DVD).

— Foi, foi.

— O Paulo já falou também pra mim que chorou em alguns *shows*. Como é a energia de vocês no palco? Vocês se emocionam fácil?

— Cara, é uma coisa engraçada, se você pensar na história toda da banda, que a gente começou sem pretensão, e era algo que nem tinha vínculo tão forte com o público. Eu acho que no início nossa pretensão era fazer parte de uma coisa, de um movimento, e de fato a gente queria que as pessoas conhecessem e gostassem, mas acho que na verdade tudo começou como um grupo mesmo. O grupo foi entendendo a dinâmica, a gente foi compreendendo esse valor coletivo de construir em conjunto. E isso ficou mais forte na relação que a gente começou a construir com o público.

Nesse momento, ele para e respira em alguns instantes antes de comple-

tar algumas frases.

— E durante a turnê do *Idem*, isso começou a ficar cada vez mais intenso e eu fui, ou melhor, o grupo foi se ligando cada vez mais ao público, tanto é que o nosso último disco tem como temática o público e esse processo coletivo. E, cara, é muito emocionante, mesmo, porque eu acho que a intenção está muito além da música, além da mensagem, está na troca mesmo, na diversidade, na forma como os significados se alteram e uma relação pode ser construída. No final, eu me emocionei porque as pessoas se emocionaram também. Eu acho que é a função da arte, do artista, da música. E o objetivo não é só chorar, e sim refletir sobre os problemas amorosos, e dividir isso não é unilateral. O que eu acho do amor, da vida cotidiana, e as críticas que a gente construiu sobre a vida moderna, mais a transformação disso, através da música, da palavra, sacou? E como isso é múltiplo, chega para cada um de uma forma, ou seja, chega para eles (o público) de uma forma e retorna pra gente de outra.



## RENATO ROJAS

Além dos atuais integrantes do Móveis, conversei com Renato Rojas, ex-baterista da banda. Hoje, ele é designer, optou por seguir a carreira de formação na UnB. Trabalha atualmente na própria Universidade, no CEP, *Centro de Seleção e Promoção de Eventos*. Esta entrevista foi realizada numa segunda-feira, em Brasília, ao final de um dia de expediente do designer Renato Rojas. Nos encontramos no escritório do Móveis, na Asa Norte, em Brasília. Ele aproveitou para rever os amigos da banda e, entre outras coisas, falamos sobre a relação dele com os outros integrantes da mobília, do presente e do passado, e das influências disso tudo na carreira musical deles.

— Como você vê cada um da banda, como músico e como pessoa?

— Acho que o Beto é uma das pessoas mais próximas, até porque a gente viveu uma infância juntos. A gente morava no mesmo prédio desde moleque. Então, muito antes de começar a pensar em tocar bateria, já éramos amigos.

— Vocês moravam aqui mesmo (na Asa Norte)?

— Não, na Asa Sul. A gente, desde moleque, jogava futebol, antes de pensar em música, antes de tocar bateria. Muito antes. A gente começou na época em que o Beto já tocava flauta, já tinha essa veia de músico desenvolvida. Eu gostava, mas não tocava nada, eu tentava tocar um violão de vez em quando, mas essa coisa de eu começar a tocar, surgiu da decisão de a gente montar uma banda. Foram dois irmãos, amigos nossos, que moravam num prédio do lado, eram muito amigos da gente. Pegamos para aprender a tocar bateria, o outro guitarra, enfim. E a gente foi levando, começou nesse mundo de bandas juntos, chamava *Bagaceira*.

— Era alguma coisa parecida com o Móveis?

— Não, não era nada parecido, a gente tocava *hardcore*, *Dead Kennedys*, *covers* assim. Começamos tocando covers, mas foi uma banda de vida muito curta.

— Mas pelo que você conta foi muito divertida.

— Com certeza, muito divertida. A gente tocou no *Sesc Garagem*. Lá onde era o templo do *rock* alternativo de Brasília.

— Hoje ainda tem isso?

— Lá embaixo, no *Porão*, não tem mais *shows*, mas acho que na parte de cima ainda fazem, porque enchia muito, não tinha saída de emergência, então mandaram fechar aquilo ali.

— E aquela coisa do *rock* de Brasília dos anos 80 que todo mundo tem na cabeça, influencia ou influenciou vocês em alguma coisa?

— Honestamente, não influenciou muito não, eu nunca fui muito fã. Claro que adolescente tem disco do Renato Russo, da *Legião*, *Plebe Rude*, acho bacana conhecer, ter o conhecimento do que eles fizeram aqui, mas musicalmente não sou muito fã, não. A história deles e o sucesso que eles alcançaram é um exemplo de trabalho, de dedicação à música.

— Mas toda banda de Brasília acaba sendo relacionada com o *rock* daquela época.

— Brasília teve muitos holofotes nessa época, nos anos 80, mas isso não influenciou o Móveis em nada, zero, praticamente. Eu vou te dizer que *Little Quail* influenciou o Móveis.

— Já nos anos 90?

— É, nos anos 90. Porque era a época em que a gente já ia para os *shows*. Eu nasci em 1981, então durante os anos 80 eu mal sabia o que era música. Enquanto isso, essa coisa toda estava fervendo. Eu tinha meu gosto musical, mas também era o básico do básico. Com dez anos, você conhece o quê de música? Muito pouco, se comparado com o que a gente conhece quando tem 20 e poucos anos. Eu acho que as influências dos anos 90 foram muito mais fortes.

— O próprio *Bois de Gerião* (banda importante da cena de ska brasileiro dos anos 90) era uma delas?

— O *Bois*, o *Little Quail*, até algumas influências de *hardcore*, pelo menos

pra mim que curtia muito e ia nos *shows* direto. Eram influências para o próprio *Bagaceira*, foi assim que a gente começou a banda, além das coisas que vinham de fora, *Green Day*, *Nirvana*. Cada um da banda tem um gosto que pende um pouco mais para um estilo. E a gente foi juntando as coisas uma na outra e foi dando certo.

— Depois de um tempo vocês começaram a trabalhar e a rotina foi mudando e ficando mais difícil, como que foi essa mudança?

— O tempo foi passando. Cada um começou aquela coisa de pegar um estágio e começar a gostar do que faz também e o estágio vai evoluindo, você termina o curso, é efetivado. Foi esse fluxo normal, tudo mundo passa por isso na faculdade, para arranjar um trampo, e assim vai. Comigo foi assim e acho que foi esse ritmo de gostar também de trabalhar no que faz, e duas coisas que gosta muito. Isso foi meio um drama assim, eram duas coisas que eu adorava e puxavam muito tempo, exigiam muito tempo. Eu trabalho com design gráfico e você precisa refinar um detalhe, uma coisa, precisa investir tempo nisso. Mesma coisa de uma música, precisa refinar uma música, compor, retrabalhar, pra ficar na ponta dos dedos, muito bem redondinho. Isso foi uma escolha, chega uma hora que você precisa atirar para um lado. Chegou uma hora que eu não estava fazendo direito as duas coisas. Chegava no ensaio com a cabeça no trabalho, chegava no trabalho com a cabeça no ensaio. Essa parte foi meio um sofrimento, foi bem sofrido.

— E demorou esse processo de decisão que ia mesmo sair?

— Foi uma coisa que eu fui colocando na minha cabeça, e o fato de eu gostar tanto de design gráfico pesou muito nessa hora. São duas coisas que eu gosto muito. Eu já tinha pensado em sair da banda fazia um tempo. Essa coisa de falar que ia sair, foi um pouco esse sentimento de estar com amigos e estar com aquele sentimento de...

(Pausa longa).

- É meio complicado colocar em palavras os sentimentos, mas coloca numa balança. Entra também fator financeiro, na época a banda não se sustentava, eu estava saindo de casa, já tinha saído de casa, aliás. E isso era meio sofrimento demais e eu só precisei bater o martelo para um lado.



— Deve ter sido das decisões mais difíceis da sua vida?

— Acho que foi uma coisa muito pesada, mas pesada muito mais pra mim, por isso, por ser um duelo de duas vontades muito fortes, mas uma vez que eu tomei a decisão, eu fui trabalhando isso dentro de mim para que fosse, para que a hora ou o jeito que eu contasse, fosse o mais sossegado, menos traumático possível. Esclarecer a eles o motivo, que não era por questão pessoal, muito pelo contrário. Mas eles também respeitaram muito a escolha, a decisão alguns previam ou esperavam um pouco eu transparecendo essa decisão.

**Tudo que  
parece ser é  
um bocado  
de alguém**



A CIDADE DE BRASÍLIA TEM PAPEL FUNDAMENTAL NA HISTÓRIA DO MÓVEIS COLONIAIS DE ACAJU, A COMEÇAR PELA VIVÊNCIA DE TODOS SEUS INTEGRANTES. Nascidos nos mais diversos cantos do Brasil e do mundo, as famílias de todos eles foi para a cidade pelos mais diversos motivos, a convivência de boa parte da vida deles foi na cidade. Por causa de Brasília e por frequentarem diversos lugares em comum, formou-se uma forte relação de amizade entre a mobília e a banda existe como conhecemos.

Para entender a relação de cada um Móveis com Brasília, vale uma explanação as famílias dos integrantes do Móveis. Beto Mejía nasceu em Quito, no Equador, Fabio Pedroza nasceu ainda mais longe, em Lund, na Suíça. Paulo Rogério, é de São Paulo, nasceu na terra da garoa numa noite chuvosa. Eduardo Borem é natural da cidade de Montes Claros, em Minas Gerais.

A banda tem ainda um nordestino. O BC é natural de Recife, mas quando tinha seis meses de idade a família se dividiu. A mãe foi para Brasília, enquanto o pai ficou em Recife até 1996, quando BC era um rapaz de quinze anos. Dois anos depois, pai e mãe voltam para o Recife e ele ficou na cidade sozinho, para estudar.

Meio nordestino, meio brasileiro é Esdras Nogueira, um candango nordestino: “meu pai é piauiense da cidade de Corrente, e minha mãe maranhense maçuda de Caxias. Eles vieram para estudar, se conheceram e por aqui ficaram até hoje”.

Totalmente candangos são Fabricio Ofuji, André Gonzáles, Xande Burtstyn e Gabriel Coaracy, que nunca ficou mais de vinte e cinco dias longe de Brasília. Sua família foi uma das pioneiras a chegar à capital de Juscelino. Em 1960, sua mãe, de Fortaleza, e o pai, do Rio de Janeiro (seu pai é, na verdade, bauruense, mas como foi morar no Rio muito jovem, considera-se carioca). Os avós de Co-

aracy também chegaram cedo. Os dois avôs paternos eram funcionários do *Banco do Brasil* e foram transferidos para a nova capital.



Um dos lugares mais marcantes da vida de qualquer pessoa é o colégio, onde todos constroem seus primeiros círculos de amizade. Alguns dos Móveis se conheceram no colégio Sigma, que, de acordo com Ofuji, “sem fazer propaganda, (a escola) influenciava a produção cultural dos alunos, tinha um festival anual de música, entre outras coisas. Estudamos lá eu, Beto, Borém, Fábio e André”.

Naquele final dos anos 1990, eles se conheceram, entre outros motivos, por estudarem juntos e pela existência de eventos culturais do colégio, que influenciou a formação do Móveis. Beto, por exemplo, conheceu André através do grêmio estudantil. A banda começou naquele ambiente. Quando todos terminaram o período do colegial, a amizade continuou. Afinal, todos frequentavam outros lugares em comum em Brasília, como o *Sesc Garagem*. Beto lembra que “era meio sagrado, toda sexta, ou toda quinta, sexta e sábado tinha *shows* lá, então a gente se encontrava lá, se conheceu lá”.

Mais ou menos juntos, todos, ainda estudantes, passaram a ser universitários da *UnB*, cada um em seu curso, em outro espaço comum. A banda mudou um pouco, novos integrantes formaram a mobília e a *Universidade de Brasília* passou a ser praticamente a casa do Móveis, em discurso senso comum entre toda a mobília:

— Engraçado que assim, de todo mundo do Móveis passou pela *UnB*, foi muito legal, a gente tem uma vivência naquele lugar.



É incrível imaginar que um espaço desabitado no centro do Brasil, entre mais de oito milhões de quilômetros disponíveis, tenha sido o lugar escolhido para que os governantes projetassem uma cidade de um dos maiores países do mundo. Porém, esta foi a principal realização do presidente da época, Juscelino Kubitschek, na terceira mudança de endereço do Distrito Federal brasileiro.

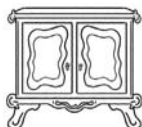
A capital saiu de uma cidade banhada pelas águas da Baía da Guanabara para o Centro-Oeste, que se transformou numa cidade em formato de avião, onde tudo é devidamente planejado e cartesiano. Numa cidade onde até mesmo o lago foi projetado.

Direcionados pelas chamadas “asas” Norte e Sul, o Plano Piloto de Brasília não tem bairros e as ruas não tem nomes. Aliás, as ruas, lá, nem se chamam ruas, e sim, vias. Quem mora na Asa Norte, por exemplo, pode morar no setor residencial 110 Norte, bloco 5, apartamento 25. É assim: você mora na quadra “x”, conjunto “y”, bloco “z”.

Nas asas, as pessoas se deslocam pelas vias ímpares ou pares, de acordo com sua necessidade. Assim, para ir à Asa 205 Norte, 404 Sul ou 708 Sul nunca vai ser difícil, basta se deslocar de acordo com a ordem estabelecida. E no meio das asas, há os eixos, que as interligam.

Além disso, no Plano Piloto, para preservar o horizonte, nenhum prédio pode ter mais de seis andares. Outro detalhe peculiar de Brasília são os vazios. Em todas as vias, grandes espaços vazios predominam. Talvez por esse motivo, ali venta muito, e por mais que o sol esteja a pino sobre sua cabeça, não faz muito calor.

Estas são apenas algumas das diferenças da cidade planejada. Tudo parte do plano dos arquitetos de Brasília: Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. E o que tudo isso tem a ver com a Móveis Coloniais de Acaju? Muito. Os rapazes passaram toda sua vida, ou boa parte dela, em Brasília. Das formas mais sutis às mais diretas, a cidade influencia a banda.



Numa noite em Brasília, eu estava de carona no carro do André. Estávamos esperando a Talita, esposa dele, e conversando.

— A localização em Brasília é muito fácil, achar qualquer lugar aqui é muito simples.

— É fácil demais, é tudo cartesiano. Você pode reparar como tem vazios nas coisas que eu faço para o Móveis, nas capas, nos encartes, tudo tem muito espaço, muito vazio, é tudo cartesiano. É Brasília, tudo influência daqui. Eu faço tudo assim.

— É, dá pra perceber mesmo. A cidade influencia vocês como pessoas e, conseqüentemente, o trabalho com o Móveis, né?

— Claro. Tem hora que é bagunçado, mas é porque precisa ser bagunçado visualmente. O resto é tudo o cartesiano de Brasília.



Em Brasília, uma das coisas que percebi é que ninguém se importa em ajudar e dar informações a pessoas perdidas. Na maioria das vezes em que precisei de informações para me deslocar pela cidade, tive sérios problemas. Apenas uma vez, numa de minhas primeiras viagens de ônibus de um lugar a outro da cidade, encontrei um senhor, morador de Taguatinga, que foi assaz amigável, e até refletiu sobre a disposição organizacional de Brasília.

— Olá, bom dia. O senhor sabe se esse ônibus vai para a 504 Norte?

— Você sabe onde é o Boliche?

— Não, não sei, cheguei ontem na cidade, nunca tinha vindo à Brasília.

— Eu estou indo pra lá. Quando chegar mais próximo, te aviso.

— Ahhh, sim, obrigado.

Seguiu-se um pouco um daqueles momentos de silêncio em que o motorista continua a dirigir, o cobrador a contar moedas, e nenhum passageiro fala nada dentro do ônibus. Cada um olhando o horizonte, envolto em seus próprios

pensamentos.

— Você não é daqui, né?

— Não, mas pelo que eu entendi é muito fácil se localizar aqui na cidade.

— Com certeza, aqui é tudo simples. No começo, fica complicado para quem vem de fora entender, mas depois fica fácil. É só saber a quadra que tem que ir.

— O senhor mora aqui faz tempo?

— Moro desde 1974, então já sei bem. Mas para você que chegou ontem fica meio complicado, é só olhar as quadras. Está vendo, estamos na 703, aqui do outro lado já é a 503. Se você desce uma é a 303.

— Por isso que fica fácil de entender, né?

— Mas muda muito rápido os números. De repente, você está na 700 e alguma coisa e depois vai parar na cento e pouco, só andando um pouco.

— E o senhor mora em Brasília mesmo?

— Não, eu moro no Recanto das Emas. Mas sabe que lá também é assim, tudo dividido, apenas um pouco diferente. Enquanto em Brasília você tem a quadra 700, do lado 500, do lado 300 e pra baixo a 100, lá no Recanto, você tem a 100, e do lado é a 200, do lado 300. Um número do lado do outro.

— Mais ou menos a mesma coisa, então.

— É. Em Ceilândia é outra coisa, é por trechos; enquanto aqui são as quadras. Lá, é trecho um, trecho dois, três. Já em Taguatinga é diferente. Lá, você pergunta pro sujeito: “quer ir pra onde?” Se ele te diz 101, 301, 501 – as quadras ímpares – é porque ele quer ir pro Norte. Mas se ele te diz 201, 401 ou 601 é porque ele quer ir pro Sul da cidade.

— Essa não sabia. Então todas as cidades-satélites são organizadas mais ou menos do mesmo jeito que Brasília?

— Isso, mais ou menos o mesmo jeito, só mudam algumas coisas.

— E o senhor mora no Recanto e trabalha em Brasília. Faz esse caminho todo dia.

— Não, eu trabalho no Recanto mesmo, hoje estou de folga, vou passear lá na Asa Norte. Antes, eu trabalhava por aqui, mas agora trabalho mais perto



da minha casa. E você, veio pra cá para passear também?

— Eu vim aqui para conhecer o escritório da banda Móveis Coloniais de Acaju, o senhor conhece?

— Não conheço, não, eles cantam o quê?

Está aí um problema. Desde que conheço o Móveis, ainda mais depois que este livro começou a ser escrito, uma das maiores dificuldades é explicar para alguém o que é a tal da “feijoadá búlgara”. Embora saiba do que se trata, na hora de descrever, é sempre a mesma coisa, fico um tempo pensativo, não chego a conclusão alguma e falo algum lugar comum que não ajuda a descrição.

Talvez uma das melhores descrições da banda foi feita pelo músico e produtor André Abujamra:

*“Uma mistura de Kusturica com Hermeto, um pouco de Cuba com macarrão. Um pouco de Paulista sendo de Brasília, um pouco de Brasília sendo do Brasil, um pouco do mundo sendo da Terra e, por que não, um pouco de Karnak com Los Hermanos. Um pouco de Pato Fu com amendoim. Um pouco de móveis com cabelo, um pouco de sorte com pensamento, um pouco de dor com amor, um pouco de Solidão com quarto e sala com fiador. Gorbachev com Copacabana. Samba de russo, pagode de cego com Tom Waits. Se fosse Teatro seria Tadeus Kantor, se fosse Foto seria do Rodchenko, se fosse esquilo não sambaria”.*

Quem dera tivesse eu feito tal descrição. Optei por falar um lugar comum:

— *Rock*. Eles tocam um *rock*, mas é um pouco diferente do tradicional. Eles são daqui, vim conhecer a cidade deles porque eu estou escrevendo um livro sobre eles.

— Ahhh, que bom, rapaz. E está gostando da cidade?

— Até agora não conheci muita coisa, mas é muito bonito, né?

— É mesmo, eu também acho. Olha, eu vou descer no próximo. Você vai descer mais pra frente. Fica olhando, tem uma casa de boliche. Passando, desce no próximo.

— Ahhh, claro, obrigado. Como é mesmo o nome do senhor?

— Boa sorte, viu.

E ele se foi. O papo estava tão agradável que não deu tempo de ele me responder seu nome.



Muita gente que passa todo dia em frente a uma porta preta no subsolo de uma área comercial da Asa Norte nem imagina que ali fica o escritório *QG* de uma das bandas que mais movimentam o cenário da música independente brasileira. É ali que, em dias sem *shows* da mobília, onde fica a sede da *Móveis Coloniais de Acaju Produções Artísticas LTDA*.

Quase todos os dias quem chega primeiro é o Paulo, que mora a duas quadras dali. Na divisão de tarefas da empresa, ele que responde por tudo que acontece no escritório, juntamente com a parte administrativa, de separar documentos, xerocar duplicatas, produzir recibos, pagar algumas contas, zelar pela sede da empresa, etc. Quem sempre chega relativamente cedo e é um dos últimos a sair, é o Fabio, também chamado de presidente do Móveis pelos seus colegas de banda. Mas ninguém tem hora para cumprir na sala, todos tem suas tarefas além da música, mas que não precisam ser feitas necessariamente ali.

Chego em Brasília numa segunda-feira à tarde e encontro Paulo conversando com um amigo num bar localizado no primeiro andar da área comercial onde fica a sala do Móveis. Ao chegar Paulo me apresenta o ambiente. Estavam na sala aquela tarde apenas Fabio, Esdras e Ofuji.

— Como a gente chegou de viagem ontem de madrugada, nem todo mundo veio para o escritório hoje – Paulo me explica.

— E amanhã a maioria do pessoal vem pra cá? Vocês sempre têm que vir aqui?

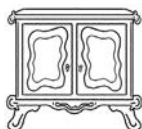
— Cara, quem vem mais aqui sou eu, que cuido da parte administrativa da banda, atender telefone, pagar umas contas. E mais o Esdras, o Ofuji, o Borém e o André.

— E aqui é uma quadra comercial de Brasília mesmo?

— É, aqui tem uma academia. Eu faço academia ali, dou aula de violão para o meu personal trainer que é o dono da academia. Eu dou aula e ele me deixa

fazer academia.

O escritório do Móveis é um cômodo com um balcão na entrada da sala, com uma prateleira de CDs colocados à direita de quem entra, em frente a ele ficam prateleiras. Abaixo há um espaço com uma impressora, mais para trás ficam cadeiras e mesas. Ao fundo há um banheiro e uma salinha menor, uma porta ao lado esquerdo leva a um pequeno estúdio do Móveis. No estúdio há espaço para ensaios e uma pequena mesa de som. É ali que eles gravam mensalmente o projeto *Adoro Couve*.



Na parede do Móveis há três placas, no estilo daquelas usadas para colocar diplomas nas paredes de consultórios médicos, em que estão escritas algumas diretrizes que norteiam o trabalho deles:

**Valores:** Alegria, Coletividade, Criatividade, Flexibilidade, Responsabilidade, Qualidade, Comprometimento, Pró-Atividade.

**Visão:** Ser referência na música brasileira, como banda-empresa sustentável e inovadora em ideias, produtos e serviços, reconhecida nacional e internacionalmente.

**Missão:** Promover cultura e arte, com trabalho de qualidade no cenário musical, proporcionando na relação com o público entusiasmo, alegria e diversão.



No dia seguinte à minha primeira visita ao escritório do Móveis, encon-

tro um ambiente bem mais movimentado, quase todos os integrantes da mobília aparecem para trabalhar. Como acontece em toda empresa, há tarefas e pendências a serem cumpridas por cada membro da mobília. O dia fica movimentado por ali.

Enquanto eles trabalham, conversamos sobre Brasília, a banda, a história deles, etc. Neste dia Fabio começava a produção dos CDs do Móveis em versão Slim. Em todo *show* do Móveis, CDs deles estão à venda na lojinha da banda, por quinze reais. Aquele dia Fabio produzia versões mais simples dos CDs, sem a capa e o encarte originais, com uma arte diferenciada e uma versão mais simples, que passaria a custar apenas cinco reais. O cd até lembra um CD pirata vendido em camelos, mas apenas lembra, ele é original.

— Nem gostamos de usar o termo pirata. Aprendemos a fazer isso aqui com o pessoal do *Teatro Mágico*. Eles nos disseram que existia uma impressora que faria isso, compramos e agora vamos testar essas versões de CDs nos *shows*. O legal que dá para imprimir o *Idem*, o *Vai Thomaz no Acaju* e o *EP* que estão fora de catálogo.

Durante todo o dia Fabio passou imprimindo e separando os CDs. Paulo começou até a chamá-lo de “*Law Quin Fabio*”. Meses depois ficou comprovado que o projeto deu bem certo, de quinze CDs vendidos por *shows*, eles passaram a vender cerca a de cem cópias por *show*.



Como estava em Brasília, buscava conhecer outras partes da história do Móveis, além das que eles me contavam. Queria saber se os rapazes não tinham documentos ou materiais registros de sua história. Paulo me levou a salinha dentro do escritório. Num espaço minúsculo amontoavam-se material de marketing, instrumentos musicais, papéis da empresa, bagunças diversas e algo que muito diz sobre a história do Móveis: caixas lotadas de papéis e pastas empoeiradas empilhadas sobre um armário de ferro, com o arquivo da história do Móveis: cre-

denciais dos primeiros *shows*, recortes de jornais, revistas, esboços de letras, entre outros papéis que tem muita história para contar.

— Pode entrar e pegar, fica à vontade – me avisa Paulo. Esparramei todo aquele material em cima de uma mesa e fui buscando entender do que se tratava cada uma daquelas coisas. Perguntava a eles o que significavam aquelas coisas.

— Esse é o jornal da Alemanha em que saiu uma matéria com a gente quando fomos para a Europa, esse é o convite do primeiro *show* do Móveis, isso aqui as credenciais da festa *Idem*, isso foi um *show* que a gente fez para ajudar o DCE da UnB – eles foram me explicando.

Vendo todo aquele material, não pensei duas vezes, queria ter comigo tudo digitalizado para usar parte do material no livro. Usei o scanner dos rapazes que estava ali na sala, sem vergonha de atrapalhar os trabalhos rotineiros, para digitalizar todas as imagens. Depois de me verem escaneando os documentos, parece que eles até acreditavam mais um pouco neste livro.

— Nossa, você vai fazer um livro mesmo? – me perguntou Paulo.

— Isso, livro, diagramado, impresso e tudo o mais.

— Mas como você pensou este livro? – questionou Coaracy.

— Vai ser... imagine o livro do Simonal, do Tim Maia, dos Mutantes, da Tropicália, eles serviram de inspiração para mim. Mas a diferença é que vocês não morreram, nem a banda acabou.

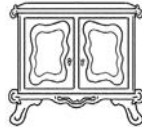
— Nossa, que massa. Obrigado, viu – agradeceu Coaracy.

— Imagina, eu que agradeço. Mais pra frente eu mando tudo para vocês. Vocês tem de aprovar tudo que eu escrever para não ter nenhum problema.

— Eu não vou confirmar nada – avisa Ofuji, que estava ali por perto.

— A gente faz igual no *Quase Famosos*, finge que não sabe de nada, dá uma confusão, depois a gente assume que está certo, vende horrores e divide o dinheiro. Já está tudo combinado – avisa Coaracy.

— Sensacional, tudo certo então – “aceito o acordo”.



Além das imagens do Móveis, enquanto estava ali perguntei aos rapazes se podia ter acesso a fotos deles, se eles tinham algumas de arquivos que pudessem ceder para mim. Todos me recomendaram falar com o Borém, também fotógrafo, que busca sempre tirar fotos da banda em todos os *shows*.

Um dia de manhã, marcamos e vi um mega acervo de fotos da banda. Algumas delas estão aqui nesta obra. Outras foram proibidas, tudo começou com um diálogo sobre a foto tirada especialmente para a declaração do Móveis sobre a Revolta do Acaju.

— Até hoje uma coisa que sempre reparo é que só o Fabio não aparece molhado nessa foto – comento, pois ele está de camiseta, bermuda e tênis, enquanto todos os outros estão de sunga ou bermuda depois de terem tomado um banho na Ilha do Bananal.

— É o Fábio, né, você não conhece o nosso querido Fábio? – explica Borém - Olha essa foto do André de sunga na beira da praia.

— Essa faz parte do proibidão do Móveis, não pode colocar por aí essa – avisa Paulo, sobre uma foto com o rapaz usando uma sunga tosca na beira da praia na Ilha do Bananal. Borém ri e fala:

— Também esse pessoal... não sei se pode falar, o Paulo, por exemplo, esse final de semana resolveu tomar banho pelado no hotel, na área de convivência comum, perto da piscina.

— Claro, eu estava no mesmo quarto que você e o André. Vocês estavam tomando banho, não tinha mais banheiro, fui no chuveiro da piscina mesmo. Eram 3h30 mesmo e não tinha mais ninguém por lá – mais uma imagem que seria foto proibida para este livro, mais uma história do “proibidão do Móveis”.



É difícil contar a história do Móveis sem falar da *UnB*, onde toda a mobília estudou.

— Todo mundo do Móveis dessa formação passaram pela *UnB*, a gente tem uma vivência naquele lugar – Fabio explica a base da relação deles com a universidade. Em Brasília, pedi para que eles me apresentassem a universidade, sob a ótica deles, corredores e salas freqüentados por estudantes e professores tem significado muito mais especial que apenas uma instituição de ensino das mais importantes de nosso país.

Numa tarde, Paulo interrompeu um pouco seu trabalho para me apresentar à *UnB*. Saindo do escritório do Móveis, de carro, em poucos minutos chegamos à universidade.

— A partir daqui já é tudo *UnB*, é terreno da *UnB*.

— É grande, então, hein?

— Enorme. Na época que eu estudava aqui dava aula em três escolas, tocava em três bandas, graças a isso minha saúde foi pro saco.

— E ainda assistia aula aqui?

— Sim, fazia aula aqui e não morava no Plano Piloto, morava em Planaltina.

— E quando tempo é de Planaltina até aqui?

— Mais ou menos meia hora, mas como não tinha carro, mais ou menos uma hora e meia – estacionamos próximo ao Instituto de Artes. Ao descer do carro, já vimos os primeiros sons de jovens estudando música, estudantes e professores passando nos corredores, num espaço grande, enorme e tranqüilo.

— É aqui que vocês estudavam então?

— Sim, era aqui, todo mundo se encontrava aqui nesse ambiente, saía dos seus departamentos e vinha para cá. O Borém e o André já estudavam perto da gente, o *Departamento de Artes* é aqui do lado.

— O *C\_mpl\_te* foi todo feito aqui – enquanto andamos, Paulo me aponta uma espécie de praça, em frente a um estúdio do Departamento da universidade. – Todo mundo vinha pra cá e a gente ensaiava aqui dentro. O Miranda veio pra cá. Aqui é o estúdio, a gente não tinha hora para sair, eu cansei de chegar aqui oito horas da manhã e sair daqui meia-noite. *Pra Manter ou Mudar*, boa parte foi feita aqui – me diz quando passamos em frente à sala do Centro Acadêmico de Música. – A gente usou o estúdio, mas para não atrapalhar o funcionamento da universidade, a gente usou no período de férias. E por ser patrimônio público a gente não podia alugar a sala. Então fizemos doações para o Departamento de Música.

De dentro de uma sala de música vinha o som de um saxofone. Paulo reconhece a sala de um de seus professores, o maestro Vadim Arsky:

— Estou trazendo ele para conhecer um pouco da história do Móveis – me apresenta Paulo.

— E eles já explicaram o porquê eles fazem essa música? – me pergunta o professor.

— Mais ou menos, o mais fácil é explicar que é a feijoada búlgara.

— Pois essa história é antiga, começa há muitos anos aqui mesmo. Um dia entra um macacão aqui nessa sala e me diz: “Vadim, vou pra Europa”. Eu disse: “como assim?”. “Eu vou para a Europa, passar um tempo por lá”. Eu disse: “vai embora”. E ele foi para tocar em circo. Voltou pra cá e montou uma banda para tocar música de circo. E junta com aquele bando de malucos, tem essa pluralidade, junta tudo, bate no liquidificador e sai o que saiu.

— Imagino que tudo mesmo começou aqui nesses corredores, né?

— Esses dias encontrei com o pai do Fabio, o Pedroza. Ele me disse: “os meninos estão tocando, fazendo, viajando, estão animados”. Esse foi um cara que deu uma força fora do comum.





Depois de um tempo fomos ao *Centro Comunitário da UnB*, onde aconteceram muitos eventos da universidade e palco de quatro edições do festival *Móveis Convida*. Me impressiona o tamanho do espaço.

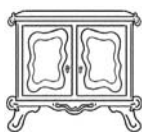
— Cabem, quatro, cinco mil pessoas. Aqui é a verdadeira casa do *Móveis* em Brasília, tudo que nós vivemos foi aqui. O primeiro *show* que fizemos aqui foi para este lado da plateia. Depois mudamos o palco de lugar. Com o tempo a gente viu que aquela posição do palco ali fica melhor.

— E aqui é bem grande mesmo, hein?

— Aqui é um dos maiores e melhores lugares que temos para fazer *shows* em Brasília. Mas é muito pesado, um trabalho muito puxado.

— Por que não tem nada aqui, né? O espaço está vazio, né?

— Na maioria dos convidas é muito desgastante, porque todo mundo tem que fazer tudo, desde montar palco, quebrar gelo, serviço de roadie, mesmo com pessoas para ajudar a responsabilidade é muito grande.



Conhecer a *UnB* é ir ao local onde as coisas aconteceram nas origens do *Móveis*, e até sem querer, encontrar a história do *rock* nacional. Na volta para o escritório do *Móveis*, encontramos essa história:

— Quando você ouve da história da *Legião Urbana*, do *rock* de Brasília, tudo começou aqui atrás, que é onde a mãe do Fabio até hoje mora – Paulo me aponta para uma área residencial muito próxima à *UnB*.

— Aqui é a Colina?

— Isso, aqui é a tão famosa Colina. Aqui começou tudo.

— Quem mora aqui? Parece que mora pouca gente.

— Aqui mora mais os professores. Aqui era mais o point da galera, na época não tinha muita coisa pra fazer, o pessoal estudava e ficava aqui. Como esse bando de vagabundos aqui olha – e me aponta uma galera sentada numa praça na Colina. – Fazendo porra, nenhuma. Sacanagem – diz isso seguido de risos. – Ali

na frente, tem a melhor feijoada de Brasília, casa do senhor Pedroza, o pai do Fabio.

Num dos dias em que eu estava em Brasília, Gabriel Coaracy deixava de ser morador da cidade. Atualmente – ao menos até o fim da produção deste livro – o baterista reside na cidade de São Carlos, no interior de São Paulo. Quando eu soube da notícia, achei estranho. Perguntando aos integrantes da banda sobre a relação de cada um com a cidade, Coaracy me pareceu ser um dos mais fervorosamente brasilienses, pois, além de ter nascido na cidade, me disse: “nunca fiquei mais de vinte e cinco dias longe de Brasília”. Pode ser que ele ainda seja o mais brasiliense entre todos os integrantes, mas neste momento ele não mora lá. “Estou indo. Mas meu coração e meus tramos ficam”, explica. Mas, porque ele se mudou da cidade mesmo?

— Por causa da Tuca(esposa do Coaracy). Ela passou no concurso público da *Embrapa*(*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária*), isso em 2006. Faz quatro anos que ela vem sendo chamada para trabalhar em vários lugares e tem que recusar os trabalhos, porque eu não posso morar longe de Brasília, porque tem o Móveis.

— Entendi. Então é por um bom motivo.

— Sim. E ela não estava feliz no trabalho. Como eu sempre falo, são dois casamentos, cara, um com a banda e outro com a Tuca. Tem que conciliar. Ela foi chamada pra trabalhar em Recife, e teve que recusar, porque não tem como eu continuar na banda e morar no Recife. Agora, em São Carlos, é na região sudeste, fica mais fácil vir para Brasília.

— Você tem que vir pra cá de vez em quando, né? Isso que eu ia te perguntar.

— Claro, pelo menos uma vez por mês, para gravar o *Adoro Couve*. E tem meus amigos e minha família aqui, não posso ficar muito longe.

— Além disso, tem o Beto morando em São Paulo. Vocês estão conseguindo lidar bem com isso?

— Sim, tem o Beto, mas o Esdras não gostou nada da minha mudança. Ele era meu amigão, um dos meus melhores amigos, mas agora ele está chateado comigo, desde o *show* de Bauru, quando eu fiquei sabendo que ia mudar para São

Carlos. Desde então, ele está diferente comigo.

— Nossa, sério? Mas como assim diferente?

— Ele não está falando muito comigo, e eu percebi que ele está diferente. Já falei com ele, ele não curtiu nada eu ir pra lá.

— Mas deve ser esse começo, essa adaptação. Depois, quando tudo entrar nos eixos, a coisa pode mudar, e tudo volta a ser como antes.

— É difícil agradar todo mundo, ainda mais numa banda com dez pessoas, sempre vai ter alguma coisa que vai fazer alguém descontente.

— Mas a conversa foi tensa?

— Foi pelo *Gtalk*. O Esdras não conversa coisas tensas ao vivo, só pela internet.

— Tem muita gente que é assim. Quem fica muito tempo na internet é assim mesmo.

— É, mas eu estou muito chateado com isso, também, viu.



Para marcar a mudança de Coaracy de Brasília para São Carlos, houve uma reunião entre amigos para a despedida.

No meio do encontro com os amigos, ele me chama num canto:

— Eu preciso te mostrar um lugar especial, um dos lugares que eu mais gosto. Vem aqui.

Ao lado da churrasqueira, uma portinha se abre e adentramos o...

— É o meu estúdio, parte do “Complexo de Diversão Coaracy”.

Trata-se de um lugar com mesa de som, amplificadores, bateria, alguns microfones, cadeiras, pôsteres de mulheres nuas coladas nas paredes, um globo de luz, tudo isso num único cômodo, cuja parede é coberta por um isolador sonoro cheirando a alguma coisa velha e usada.

— Você vê que, unido ao estúdio, tem piscina, churrasqueira, forno de pizza... então aqui fica cheio, meu pai adora. Seu Salvador adora isso aqui cheio,

com o pessoal.

— Desde sempre você ensaiava aqui?

— Isso aqui era o estúdio de ensaios do *Bois de Gerião*. A gente estava sempre aqui, o segundo álbum do *Bois* foi todo feito aqui. Depois, usamos muito com o Móveis também, até conseguirmos aquele espaço do escritório que temos hoje. Pra gravação do

*C\_mpl\_te* ao vivo, a gente usou muito esse lugar, não cabia todo mundo direito, mas era aqui. Pra gravação do Auditório do Ibirapuera, eu e o BC passávamos horas por dia aqui, ensaiando.

— É, esse estúdio já tem cheiro de velho, de fechado, bem usado mesmo. Coisas que são muito usadas é porque têm muita história pra contar.

— Esse estúdio tem muita história. Já passaram várias bandas por aqui. Todo fim de ano, a gente juntava todas as bandas de Brasília e organizava uma festa no *Gates* (uma casa noturna de Brasília), *Sapatos Bicolores*, *Gramofocas*, *Proto*, *Bois de Gerião*, e todo mundo vinha para cá para ensaiar. A gente ficava aqui, o pessoal ali fora e íamos ensaiando. Entrava uma banda, depois entrava outra. Todo mundo ensaiando as músicas tocava depois, na festa no *Gates*.

— Já aconteceu, durante os ensaios, de a galera de repente se jogar na psicina?

— Já, teve várias vezes. Era demais.

— E esse efeito de luz aqui? Olha, tem um pequeno globo.

— Eu sempre quis dar uma festa aqui. Aí, no *Reveillón* de 2008 para 2009, eu coloquei essa luz, chamei todo mundo para passar aqui e com esses amplificadores a gente fazia o som de um segundo ambiente da festa para o povo dançar.

Coaracy fala do lugar com muita empolgação, contando as histórias, olhando as paredes e os objetos daquele lugar cheirando a fechado. Assim, ele vai lembrando de todos os momentos que passou ali, com seus amigos. Provavelmente, os momentos mais marcantes e importantes de sua vida e da carreira de músico, momentos que tiveram, de alguma forma, de passar pelo estúdio.

— Muita coisa já aconteceu aqui, altas transas quando eu era solteiro. Naquela cadeira – nossa, essa cadeira, ahhhhhh (respira fundo). Agora é do meu irmão isso aqui, ele que faz a vida do “Complexo de Diversão Coaracy”, ensaian-

do com a banda dele, a *Watson*.

Meu pai adora. Seu Salvador, depois que se aposentou, adora ver isso aqui cheio de gente. Ele não gostava do M6veis, n6o, ele preferia quando eu estava na *Bois de Geri6o*, agora ele est6 aceitando melhor.



AEROPORTOS

# AEROPORTOS



Com agenda cada vez mais lotada, o Móveis viaja muito pelo Brasil, espera e descansa como pode nos aeroportos. Acima, Coaracy e André; à esquerda, Xande acima e Xande(acordado) ao lado de Esdras.

urns Black Mountain Bloc Party Blood Red Shoes  
Crookers Crystal Castles Cult of Luna  
roluv The Dresden Dolls Drive-By Truckers  
s Hadouken! Have Heart Headman  
Jing Jang Jong Junkie XL Kaizers Orchestra  
of Los Campesinos! Louis XIV Lykke Li M83  
rei Monza Motek Moveis Coloniais de Acaju  
Rósín Murphy The Ronés Sam Sparro  
itch TC This Is Menace Those Dancing Days  
is Year Long Disaster Yeasayer Yelle Yuksek







No festival belga Pukkelpop 2008. Acima e à esquerda, nome do Múveis no line up daquela edição. À esquerda abaixo, line up de todas as edições. Abaixo, Fabio em frente à placa do palco “Wablief?” e André, Renato e Esdras no camarim.





# EUROPA

Em 25 dias na Europa deu tempo de Xande, Paulo, Esdras e André descansarem num sofá num campo na Suíça. No detalhe, um dos carros alugados para eles viajarem: da esquerda para a direita, Borém, Beto, Tom (técnico de som) e Fabio.





# BRASIL

Mobília e técnicos de som reunidos para almoço na Praia do Forte.





# AGORA OU PRA VIAGEM

Em Belém, Coaracy comprando castanhas-do-Pará. Ao lado, Xande e Esdras gravando vídeo do projeto “Agora ou Pra Viagem”.

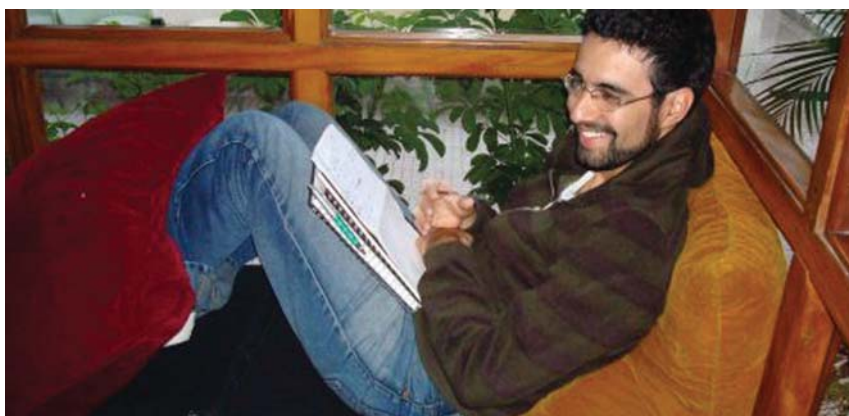




# AGORA OU



# PRA VIAGEM



De cima pra baixo no estúdio Trama, acima Miranda, Mallu Magalhães e Borém; Beto, também no estúdio; Coaracy numa cadeira colonial de acaju, ao lado Beto e André criando encarte do C\_mpl\_te.





# ONIAIS DE ACAJU





Diversos  
momentos  
de muitos  
shows do  
Móveis

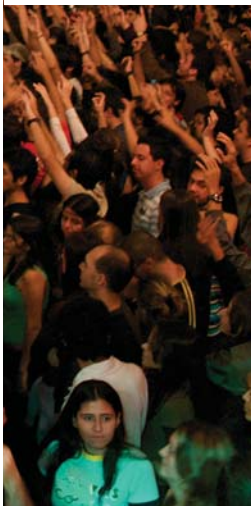


MÚSICA

Nasceu por acaso e se transformou no ápice do show. Diversas grandes rodas vistas de cima do palco pelas lentes de Eduardo Borém.

# GRANDERODA





Nesta página: mobília reunida no estúdio da Trama na gravação do C\_mpl\_te com o produtor Miranda. Ao lado: gravando as músicas do C\_mpl\_te para o You Tube, mixando o cd no estúdio e Ofuji e André com porco do clipe “Indiferença”.

# GRAVAÇÕES







F

# PASSAGEM DE SOM

Detalhes do Móveis passando o som. Acima: Diego, Paulo e Xande (de costas).  
Abaixo: Borém e Coaracy.







# REVOLTA DO ACAJU

1



Móveis se jogam na praia da Ilha do Bananal para celebrar a Revolta do Acaju.

Fã

Ao lado, carta enviada por fãs encontrada no arquivo da banda. Abaixo, Renata de Luna, em sentido horário, com Beto, Paulo, Esdras, Coaracy, Ofuji, BC, Fabio, André, Borém e Xande.



Sabe aquelas meninas muito escandalosas ?  
 Sabe aquelas meninas que estão sempre na frente do palco ?  
 Sabe aquelas meninas que sempre mandam cartões ?  
 Sabe aquelas meninas que sempre pedem mil autógrafos e fotos em todo show ?  
 Sabe aquelas meninas que enchem muito os sacos ?  
 Sabe aquelas meninas mais caras - de - pau ?  
 Então! Aqui estão elas mais uma vez enchendo a paciência. Só que dessa vez para agradecer <sup>11</sup> e usar caras - de - pau como sempre XD... Será que assim vocês vão sempre lembrar da gente ?  
 Tipo, a gente fez esses colares com todo o carinho e tal... Então a gente quer ver vocês usando viu ? E a gente queria agradecer pela carona (e por tudo né! <sup>11</sup>), então será que tem como vocês entregarem os colares da Gisele e da Gira. BC ? É porque é toda a direção do Lago Sul até o 312 norte sabe <sup>11</sup>  
 No mais, a gente queria que vocês não se esquecessem dessas coisas: as primeiras, as oficiais e certamente as preferidas! (E modestas) E, mais uma vez, muito caras - de - pau U.U<sup>2</sup>

Obrigado por tudo! \* — \*

Amila;

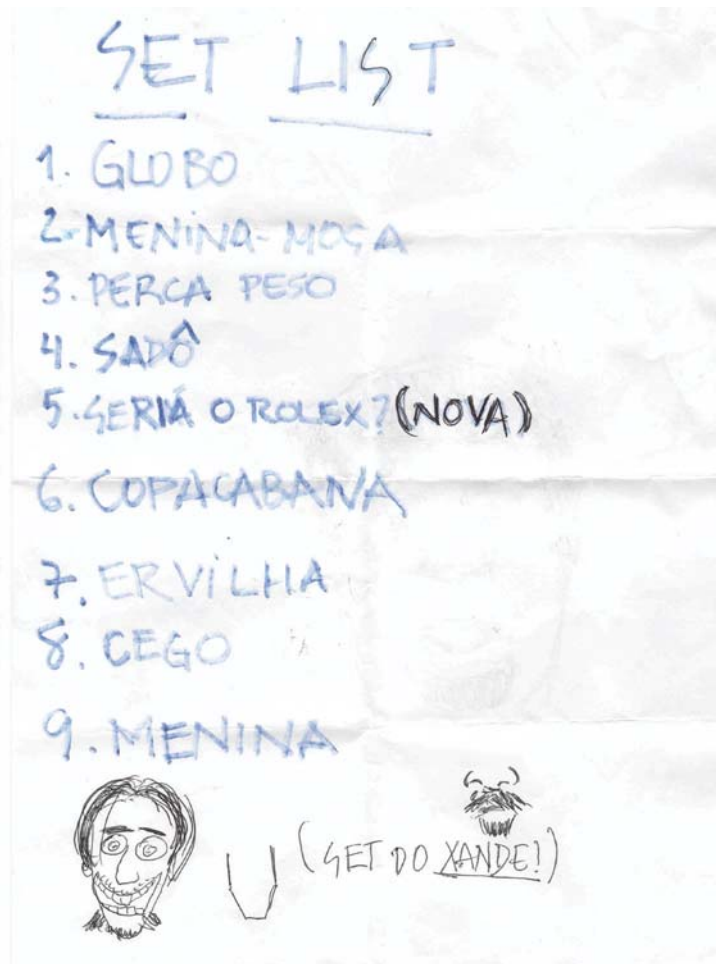
Karine;

Sarah;



Abaixo, setlist antigo, quando “Cheia de Manhã” ainda se chamava “Globo” e “Seria o Rolex?” era música nova. Ao lado, cronograma do Finca 2002 (Festival de Música Candanga Interno da UnB), letra de “Lei de Gersom”, música que eles ganharam o festival em 2001. Abaixo certificados de participação nos Fincas 2001 e 2002.

Banda	Música
01 - FÁBIO CARVALHO E TIAGO LOEI	CRIANÇA SEM HORA N
02 - JORGE VILLA-LOBOS	AS PEGADAS DA FER
03 - MILENA TIBÚRCIO	MEU PASSARIM
04 - BATUCADA DE BAMBA	SAMBA DE PRIMEIRA
05 - GENIN E GENTIO DO OURO	FOLIA' DAS CATAS C
06 - CERNE	SELVA
07 - MÓVEIS CGLONIAIS DE ACAJU	COPACABANA
08 - INSTINTO COLETIVO	ROLETA RUSSA
09 - CAPITÃO DO CERRADO	BATUCADA
10 - PSICOBANDA	MACAFONIA



### Lei de Gersom

Gersom contente, palitando os dente  
 Dentes que você teve de pagar  
 Não haveria de ser diferente  
 Nunca vi Gersom um cheque assina

Trambiqueiro, salário  
 Sem-vergona, canastrão

Trambiqueiro, salário  
 Sem-vergona, canastrão

ê ê ê ê ê ! É a lei de Gersom, Ger sc  
 ê ê ê ê ê ! É a lei de Gersom, Ger sc

Gersom tramou mais que uns trambi  
 Inspirou muitos com seu jeito de eng  
 Em toda parte, à sua imagem e seme  
 Estão eles querendo aproveitar:

Executivo, Judiciário  
 Legislativo nos fazendo de otários

ê ê ê ê ê ! É a lei de Gersom, Ger so  
 ê ê ê ê ê ! É a lei de Gersom, Ger so

Tomou-se lei, seu plano individual  
 Muito aplicado, fiel e cegamente  
 E o que um dia chamaram de moral  
 Ficou trancado, arquivado eternamei

ê ê ê ê ê ! É a lei de Gersom, Ger so  
 ê ê ê ê ê ! É a lei de Gersom, Ger so

(10 xx 11) 55795373  
 Bruno Lima  
 30464216 (Trabalhe)

o de Música Candanga

– 31/08/02 às 22h30

**Centro Acadêmico**

- ARCADEADA ARQUITETURA
- A CIÊNCIAS CONTÁBEIS
- MÚSICA
- ENG. DE REDES
- IERAIS BIBLIOTECONOMIA
- GEOLOGIA
- ECONOMIA
- ED. FÍSICA
- FARMÁCIA
- PSICOLOGIA

IS

r

ml  
ml

ques  
anar  
lhança,

ml  
ml

te

ml  
ml

Móveis Coloniais de Acaju



Universidade de Brasília  
Decanato de Assuntos Comunitários  
Diretoria de Esporte, Arte e Cultura

Certificamos que FABIO SUCUPIRA PEDROZA  
participou do III Festival Universitário de Música Candanga Interno  
da UnB, no período de 17 a 22 de Setembro de 2001 na qualidade de:  
BAIXISTA

Brasília, 22 de Setembro de 2001

  
 Rosângela Costa de Castro  
DIRETORA DE ESPORTE, ARTE E CULTURA/ DEA

  
 Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa  
DECANA DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS/ DAC



Universidade de Brasília  
Decanato de Assuntos Comunitários  
Diretoria de Esporte, Arte e Cultura

PATROCÍNIO:  
CARTÃO CAIXA  
UNIVERSITÁRIO **CAIXA**

Certificamos que FÁBIO SUCUPIRA PEDROZA  
participou do IV Festival Universitário de Música Candanga Interno  
da UnB, no período de 19 a 31 de agosto de 2002 na qualidade  
de CONTRABAIXISTA

Brasília, 19 de agosto de 2002



  
 Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa  
Decanato de Assuntos Comunitários/ DAC

  
 Rosângela Costa de Castro  
Diretoria de Esporte, Arte e Cultura/ DEA

# ARQUIVO

### Auswahl aus dem Veranstaltungskalender im bazkulturmagazin.



Frische Burschen: Hat die ETH jetzt auch eine Jazzband? Nein, das sind Móveis Coloniais de Acaju aus Brasilien.

## Koloniale Mahagonimöbel

Móveis Coloniais de Acaju möbeln heute Abend das Schiff auf

**KONZERT.** Móveis Coloniais de Acaju spielen Latin-Ska, Rock, Salsa und Zigeunerpolka aus dem Balkan. «Es ist, als würden sich Hermeto Pascoal und Tom Waits mit Goran Bregovic in einem Film von Emir Kusturica an der Copacabana treffen und zusammen Karneval feiern», schwärmt der Pressetext. Es kommt noch besser: Der Text spricht die Wahrheit. Klar, Bläser können nerven, das

wissen auch die Salsamaniacs, die nach einer durchgezogenen Nacht die besten Lieder nochmals hören und beim Gedudel und den Fanfarenstößen der Pusteinstrumente peinlich berührt zusammenzucken. Bei Móveis Coloniais de Acaju passiert das nicht. Das hat viele Gründe: Gitarrist BC ist Linkshänder, Saxofonist Paulo Rogério steht auf die Punkband Tower of Power. Leadsänger André Gonzales sorgt

für viel weibliches Publikum. Der Posunist verehrt Emir Kusturicas Filme. Verändertes setzt sich die zehnköpfige Band nur aus Männern zusammen, was die Chancen eines langen Bandlebens erhöht.

**Möbel**  
Móveis Coloniais de Acaju – zu Deutsch «Kolonialmöbel aus Mahagoni» – benannt nach einer Aktion, bei der

ihre Uhren aus Protest gegen die Engländer ihr Mobiliar verbrannten. 2005 veröffentlichten sie ihr erstes Album «Idem», das sich in neunzehn Tagen 2000-mal verkaufte. Wenn sie in Europa ebenso gut ankommen wie in Brasilien, werden sie bald ihre Website ins Englische übersetzen müssen.

Das SchiZi, Whigostrasse 19, Basel, 21.30 Uhr  
[www.moveiscoloniaisdeacaju.com.br](http://www.moveiscoloniaisdeacaju.com.br)

### Gemalte Choreografie

**VERNISSAGE.** Die Rhein-Galerie Werkstatt lädt Vernissage von Ben Ittersohns Ausstellung «Bilders». Die Bilder, Grafiken und Druckgrafiken sind das Resultat einer langen künstlerischen Auseinandersetzung mit der Bewegung im Tanz.

Galerie Werkstatt, Brunnengasse 11, Basel, 19 Uhr. [www.galeriewerkstatt.ch](http://www.galeriewerkstatt.ch)



### Dekker-Denkmal

### Nachtlesung im Garten

**LESUNG.** Im Garten des Schlosses 21 findet eine Näherung aus dem Roman «Havelaar» des Holländers Eduard Douwes Dekker. Er schrieb unter dem Pseudonym «Multatuli». Die Lesung ist eine Übersetzung der indonesischen Insel und beschreibt eindringlich und stilistisch innovativ die Armut des Volkes.

Schlössli 21, Mühlenterrasse 21, Basel, 20.30 Uhr. [www.schlössli21.ch](http://www.schlössli21.ch)

# Internet é ferramenta para músicos

Bandas de rock do DF criam sites para divulgar seu trabalho e fazer contatos com outros grupos do país

FERNANDO ZAMUR  
REPÓRTER DO JF

Entre as diversas mudanças que a internet trouxe para a produção cultural, uma das mais importantes é a troca e disseminação de informação. A rede tornou-se uma ferramenta fundamental especialmente para bandas independentes que encontram um novo canal de contato com o público e produtores.

É o caso, por exemplo, do grupo Móveis Coloniais de Acaju (MCA). Lançada em novembro de 2002, a página [www.moveiscoloniaisdeacaju.com.br](http://www.moveiscoloniaisdeacaju.com.br)



um dos destaques do portal americano [www.myl.com](http://www.myl.com). A composição do disco The Party Men 20, entretanto, está entre as mais acessadas na seção Brasil e alcançou o 23o lugar na América Latina durante vários meses. No endereço [http://artists14william\\_breadman.html](http://artists14william_breadman.html) é possível conhecer melhor este trabalho.

No MP3.COM também há uma seção apenas com bandas de Brasília trazendo nomes como Decouvertes, Macalongo 2000 e outros.

Além das iniciativas das bandas, o rock local ainda cresce com impulso oferecido por sites online. Um exemplo é o site [www.rockbrasil.com.br](http://www.rockbrasil.com.br), criado pelo jornalista brasileiro, o Sertão e a Espinha Verde, e que reúne informações sobre bandas e eventos locais.

# IMPREENSA

Disponibilizadas em formato MP3 foram baixadas 124 vezes. da quarta até a nonagésima. São Paulo e São Francisco. tudo para lá. uma vez. para paralisar a do que est

O MÓVEIS COLONIAIS DE ACAJU É UMA DAS ATRAÇÕES DO CIRITIBA ROCK FESTIVAL, QUE SERÁ REALIZADO AMANHÃ E DOMINGO, E TERÁ COMO PRINCIPAIS NOMES AS NORTE-AMERICANAS WEEZER E MERCURY REV E A DINAMARQUESA THE RAVEONETTES

## BRASÍLIA ENTRE OS GRINGOS

**GARAGEM**

**DARLENE FRONI**  
DA EQUIPE DO CORREIO

O agitado fim de semana do pop rock internacional pelo Brasil passa logo de Brasília. Nada de Avril Lavigne, Slipknot ou Motley Crue no "Quatro" fronte hoje por aqui. Na audiência dos nomes gringos, a turma carioca faz o caminho contrário. Caso do Móveis Coloniais de Acaju, atração do Curitiba Rock Festival, que acontece amanhã e domingo, na capital paranaense, e tem como headliners as bandas norte-americanas Weezer e Mercury Rev e o duo dinamarquês The Raveonettes.

"Esse rock festival é a indicação de que nosso trabalho está sendo reconhecido também fora de Brasília", disse recentemente, em entrevista ao Correio, o guitarrista do MCA, Eduardo Borém. "É claro que é muito diferente do que tocar no DF e em Goiás. Lá as pessoas não conhecem nosso trabalho como conhecem aqui. Mas

OS DESTAQUES

<b>Weezer</b> Quatro caras comunitários que	<b>The Raveonettes</b> Dois dinamarqueses formados	<b>Mercury Rev</b> O Mercury Rev chegou ao
--	---	---

venida de ingressos, que não de um Pitões. Mas a casa tem varanagens, e muito mais ritável e os sons e melódica, mais. Outra alteração de última foi gratuita por um acidente terreno Lobão, que se agit

Móveis no jornal. Acima n  
Donnerstag, da Alemanha,  
quando se apresentaram no  
país Abaixo em duas ediçõe  
Correio Braziliense, à direit  
também no Correio.

## GARAGEM

COM INFLUÊNCIAS QUE PASSEIAM POR SKA, ROCK, BOSSA NOVA, SAMBA E ATÉ MÚSICA ORIENTAL, A BANDA MÓVEIS COLONIAIS DE ACAJU LANÇA CD, HOJE, NA UNB

DANIELA PAIVA

DA EQUIPE DO CORREIO

**N**a Ilha do Bananal, no século 18, um momento pouco lembrado, mas único, na história lecionada no Brasil uniu índios e portugueses. O motivo era tomar dos ingleses a terra brasileira colonizada por eles, que fornecia a matéria-prima local para a produção de móveis, o acaju. Daí, explica-se o nome exótico, didático, de uma das bandas mais queridas da nova geração de Brasília, Móveis Coloniais de Acaju, que está lançando o álbum de estréia, *Idem*, em festa-show, hoje à noite, no Centro Comunitário da Unb.

Eles tinham apenas 15 anos quando um "train-storm" desocupado pescava batismos para o caldeirão sonoro que es-

# Caldeirão Candango

**L**ava por nascer, há sete anos. "Ficava feito falar que escolhemos o nome dessa maneira", confessa Leonardo Burszyn, 23 anos, um dos principais compositores. Historinhas bacanas, e verdadeiras, bem diferente da brincadeira com o nome, é o que não faltam à "big band".

A começar pelo número de integrantes (novel), que quase não cabe no palco de um Gates Pub, Alem de Leonardo, há Fábio Pedraza (baixo), Renato Kojas (bateria), Beto Meija (flauta), Eduardo Borém (gaita cromática e escalata), Esdras Nogueira (saxofone barítono e clarinete), Paulo Rogério (saxofone tenor e soprano), Xand de Burszyn (trombone) e André Gonzales (vocal). Boa parte deles universitários oriundos de cursos diversos — Biologia, Economia, Música, Antropologia, Desenho Industrial... "É muito enriquecedor. Agente em backgrounds diferentes. É isso, acho que conseguimos construir a nossa identidade", avalia Leonardo.

O disco foi gravado quase inte-

gramente no Rio de Janeiro — algumas partes ficaram prontas no estúdio do "plebeu" Philippe Seabra, em Brasília — e leva a assinatura na produção de Rafael Ramos. O capricho e o cuidado a cada detalhe é uma das marcas de *Idem*. As ilustrações foram feitas pelo vocalista. As músicas têm um

## IDEM

**L**ançamento do CD do *Móveis Coloniais de Acaju e edições especiais das festas Criolina e Move. Hoje, a partir das 22h, no Centro Comunitário da Unb. Show com *Móveis Coloniais de Acaju*, Phonopop e com os *DJs Montana, A Jananika, Ninomiix, Bola, MC Hadda, Pezão, Barata, Somulhom* e *Chico Maloca*. **Ingressos no local a R\$ 12 (somente ingresso) e R\$ 15 (com CD). Com a doação de agasalho, R\$ 8 e R\$ 12***

aspecto curioso: todas possuem dois nomes.

"Buscamos títulos que dessem interpretações diferentes, e plausíveis, para a mesma música. "Temos uma preocupação estética grande", diz Leonardo. "As bonequinhas russas da capa são aquelas em que você vai abrindo e aparecendo uma outra com imagem igual, mas menor. É a mesma coisa com o nome das músicas", completa Beto.

Isso sem falar nas inúmeras texturas na fusão de ska, bossa nova, samba, rock, música oriental e um montanha de (outras) influências. "A gente até brinca que, nos ensaios de duas horas, ficamos pensando em tudo o que vamos fazer por uma hora e meia", diverte-se Beto. "Tudo o que decidimos tem que passar por votação." Que rime a democracia na ilha deles. Ali, ela funciona. Bem.

## CANTE COM O MCA

"Você tem alegria, mi-cose, passa mal / E toma sempre um Melhoral / A crescente agonia do seu ser denuncia / O seu che-que especial" (*Pezca preso*)

"Por você aprenderia / Esperanto e trana / Conbachev para uma série de palestras / Na casa da minha tia / Onde todos beberíamos chá / Na casa da minha tia / Fococando sobre a Pensivokka" (*Copizabana*)

"Menina moça / Eu só queria te dizer / O que é preciso / Não está na cara / Mas está na Caras / Este mês" (*Menina-moça*)



**Quando eu  
vivo este  
encontro**





UMA BANDA É MUITO IMPORTANTE PARA MUITA GENTE, PARA A INDÚSTRIA MUSICAL, ALGUNS JORNALISTAS, PRODUTORES CULTURAIS, E PARA AS PRÓPRIAS BANDAS. Mas principalmente para seus fãs. Algumas pessoas têm como ídolos bandas e artistas musicais, as que são tocadas pela música de seu artista de maneira diferente da forma como as demais pessoas entendem aquele trabalho.

O Móveis Coloniais de Acaju tem muitos desses fãs, que são tocados por suas músicas de maneira especial, acompanham o trabalho da banda em todos os lugares possíveis e acreditam na Revolta do Acaju. São muitos fãs, em diversos cantos do Brasil. Tive a oportunidade de conhecer alguns deles e entender um pouco mais a relação entre o Móveis e seu público.



As cariocas Camila Rocha (apelido: Milla), 22 anos, auxiliar de importação; Daniele Velozo Marques, 23 anos, estudante; Tânia Fagundes Macedo, 24 anos, psicóloga; Rafaela Ferreira de Andrade, 22 anos, estudante; e Bianca Caetano da Silva, 23 anos, produtora resolveram formar o Toca Móveis Aí. Trata-se de um grupo, e não especificamente de um fã-club:

— A gente ainda está pensando nessa nomenclatura, mas não gostamos de fã-club.

A ideia é ajudar a divulgar o Móveis. Elas pensaram em formar este grupo em novembro de 2009, como explica Bianca:

— Teve dois *shows* deles no Rio e foi a primeira vez que fomos juntas a

estes *shows*. Depois deles, a gente ficou super animada e pensou que mais gente deveria conhecer o Móveis. A gente sentiu a necessidade de ajudá-los a tocar por aí. A Milla deu a ideia da campanha 'Toca Móveis Aí, que começou nas redes sociais, principalmente no *Twitter*.

— Ficamos tão felizes que tivemos necessidade de compartilhar com o mundo esses sentimentos, para todo mundo sentir alegria, que não tem como traduzir em palavras – completa Milla. - Além disso, consideramos injusto um trabalho tão denso e diversificado não ter o devido reconhecimento na indústria fonográfica brasileira, tão vazia e mercadológica.

Um *show* do Móveis para elas é muito mais que um tempo em que a banda sobe no palco e toca algumas músicas para o público: “é uma experiência tão metafísica, todo mundo se une numa energia que é muito difícil explicar; é uma experiência muito diferente”, define Rafaela.

Com o tempo, o grupo foi ganhando visibilidade e outros fãs do Móveis passaram a entrar em contato com as meninas. Em torno delas, uniram-se virtualmente outros grupos de pessoas dispostas a divulgar o trabalho da banda. Isso fez com que o intuito inicial das meninas em relação ao Toca Móveis Aí mudasse: o que era para ser só uma campanha, se transformou em algo muito maior.

— Temos contatos com fãs de todo Brasil, que apoiam todas as campanhas que fazemos, dão ideias e assim nossas ações têm um alcance maior. O “Toca Móveis Aí”, se antes era só para divulgar, hoje queremos mais; queremos que os fãs do Manaus tenham o prazer de ir a um *show* do Móveis. A cada pedido de *show* em algum lugar longe que nunca pôde receber o Móveis, sentimos como se fosse a gente precisando de um *show*. Queremos propagar a mobília, é o nosso projeto de colonização. Fico feliz com qualquer pessoa que passe a gostar da banda, “colonizo” sempre que tenho oportunidade.

Além de conhecer gente de vários cantos do Brasil com o “Toca Móveis Aí”, as meninas ficaram mais próximas. Elas já eram amigas, mas se vêem com mais frequência depois que começaram o movimento. Bianca explica:

— Hoje, a gente se encontra mais, não só por causa do Móveis, mas porque temos um gosto bem parecido. A gente se reúne toda semana para sair, mas sem dúvida ficamos mais amigas depois que passamos a fazer o Toca Móveis

Aí.

Esses fãs foram apelidados de “Cupins”, nome dado por um amigo da Mila, que disse, certa vez, de maneira despretensiosa em uma conversa, que “quem gosta de Móveis é cupim”. Ela descreve com os olhos brilhando o que significou para elas esse nome:

— Percebemos o quanto a palavra nos definia bem, no sentido de que o cupim se alimenta da madeira, e não a destrói, e começamos a usá-la. O sentido está em “gostar” da madeira, de precisar dela pra viver. Não há um caráter predatório nessa expressão, ela apenas destaca a simples preferência do cupim sobre a madeira, seu alimento natural. Como cupins, nos alimentamos e gostamos de móveis, simplesmente.



Certo dia, numa tarde de trabalho na Asa Norte de Brasília, no escritório do Móveis, eles pensavam em algum tipo de participação do público no *show* do Móveis. A partir daí, colocaram no *Orkut* uma mensagem, postada pelo baterista Coaracy:

*“Então, galera, a gente tava aqui, no escritório, conversando... acabamos de ter uma ideia e queríamos a ajuda de vocês. O que acham de a gente fazer um “Flash Móveis”? Bolaríamos em conjunto a interação de flash mob e faríamos nos shows. Daí, dá pra fazer em cada cidade uma coisa. Depende do tanto de gente que se envolver e do que a gente inventar. Pode ser algo relacionado a uma letra que só vocês fariam na plateia, pode ser uma coreografia... O que acham?”*

*Particularmente, sempre achei meio bizarro esse lance de flash mob, mas sei lá... às vezes, sai algo legal. Uma interação inusitada que só quem tá por dentro faz ou entende... vai que aparece uma nova brincadeira no show... Bora fazer um brainstorming e ver o que sai?”*

*Aqui vai um segredinho: várias das dancinhas e interações surgiram de imitações da galera na plateia. Isso saiu naturalmente. Mas e se a gente viajasse na maionese aqui? Al-*

guém?”

A ideia do chamado *Flash Móveis* ficou disponível para cerca de dezesse-  
te mil pessoas da comunidade na rede social *Orkut*. A partir dela, começou uma  
discussão que pensava em como realizar aquilo. As fãs cariocas viram e se mobi-  
lizaram para esta ação:

— A gente estava conversando no bar de bobeira e surgiu a ideia de  
soltar balões coloridos durante o *show*, na música *Aluga-se-vende*. Planejamos, com-  
pramos os balões nas cores tema do álbum *C\_mpl\_te*, pois pensamos em algo  
que tivesse a ver com eles, e avisamos a banda o que iria acontecer. Foi em plena  
quinta-feira, difícil pra todo mundo, porque nós trabalhamos e estudamos – ex-  
plica Milla.

— Mas não ficaria tudo muito previsível se eles soubessem que iria  
acontecer essa interação no meio do *show*?

— A gente tinha que saber se iria tocar *Aluga-se-vende*, e pedimos para  
eles colocarem um tempo maior na música. Quando chegamos lá, mostramos  
para o Coaracy, que pegou as bolinhas e foi mostrar para todo mundo.

Na hora da música, tradicionalmente, a banda abaixa no palco, pede para  
toda a plateia abaixar junto e no final do refrão eles dão um mega salto. As meni-  
nas acrescentaram os balões: na hora do salto, todos deveriam jogar os balões pra  
cima.

Por causa dessas primeiras interações das meninas no Rio de Janeiro,  
outras ações começaram a surgir. Quando elas não podem participar, ajudam na  
divulgação nas redes sociais.

— Quando o flash é fora do Rio, damos apoio às pessoas pela comu-  
nidade “*Flash Móveis*” do *Orkut* e pelo *Twitter* do Toca Móveis Aí, incentivando  
a realização e ajudando na organização, caso precise. O público participa, isso  
completa o *show*.

Exemplos de *shows* em que aconteceu um “*Flash Móveis*” são muitos.  
Num *show* de março de 2010, em Curitiba, bolas de coração foram usadas durante  
a música Adeus; em Brasília, Uberlândia e Belo Horizonte, mais bolas coloridas  
durante a música “Adeus”; durante *show* no *Sesc Santana*, em São Paulo, fãs pinta-

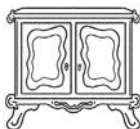
ram o rosto fazendo referência aos índios Javaés, da Ilha do Bananal, protagonistas da pseudo-fictícia Revolta do Acaju.

O impacto dessas ações no clima do *show* é muito grande e positivo para quem se envolve. Perguntei para as meninas como elas sentem o ambiente depois de um *Flash Móveis*. Milla responde:

— O Flash é mais uma forma de o público interagir com a banda. Antes, acontecia com trocas de olhares, sorrisos, danças sendo imitadas, lágrimas, roda. É a concretização disso, uma formalização do que já foi construído há anos. Vemos a alegria estampada no rosto dos integrantes da banda. Um casal de Belo Horizonte, no *show* do Circo Voador, nos disse que ficaram emocionados quando viram as bolinhas no ar.

E não basta um ou outro momento de felicidade estampada nos rostos dos ídolos e nas pessoas ao redor, para elas, tem que ter *Flash Móveis* sempre.

— Eles(a banda) dão muito valor e a gente também, a gente luta para que aconteçam *Flash Móveis* em todos os *shows* – completa Milla.



Outra grande fã do Móveis é a fotógrafa Renata de Luna, 24 anos. Ela conheceu a mobília há três anos e desde então não perdeu nenhum *show* deles em São Paulo e ainda foi ao Rio de Janeiro para assistir a outro *show*. Conheci a Renata na fila do *show* do Móveis no *Sesc Santana*. Era Virada Cultural em São Paulo, e ela ficou na fila por mais de três horas.

— Eram 23h30 eu já estava aqui (o *show* seria às 3h30). Eu sabia que ia ter muita fila, e para não perder resolvi vir mais cedo. Todo *show* do Móveis em São Paulo é lotado.

— E você já foi a quantos *shows*?

— Onze. Com esse, doze, contando um *show* especial no estúdio da *Trama* só para convidados e outro na gravação do programa do *Edgard no Multishow* (na ocasião, a banda participava de um programa de auditório dedicado à música

chamado *Edgard No Ar*, apresentado por *Edgard Piccoli*).

— Mas fila assim é a primeira vez que você pega?

— Não, ano passado eles fizeram um *show* no *Itaú Cultural* e fiquei cinco horas na fila.

Com o passar dos *shows* em que ia, Renata começou a se aproximar da banda, a sintonia dela com o *shows* do Móveis passou a ficar mais forte e empolgante. Aos poucos, foi se aproximando da banda a ponto de, na fila para assistir seu décimo segundo *show*, o baterista Coaracy, que estava passando na rua, vir cumprimentá-la.

Coaracy deu um abraço forte e agradeceu a presença dela e da amiga Bianca Caetano, uma das “cupins”, que estava junto conosco na fila. Isso é algo que acontece com alguns fãs do Móveis, que aparecem mais nos *shows*, ficam mais próximos aos rapazes. Eles gostam de interagir com os fãs, que parecem sentir essa necessidade de serem próximos deles.

— Estar em contato com eles é minha possibilidade de tentar demonstrar todo o carinho que tenho por eles. Ir até cada um depois de um *show* e dizer obrigado por mais uma noite incrível é uma forma sincera de tentar mostrar o que estar com eles provoca. E mais sincero talvez seja o abraço, pura e simplesmente, porque quando a gente decide usar palavras já está influenciando/delimitando o que se sente, não?

— E eles respondem muito a vocês, né? Pelo que eu vejo, eles dão atenção a todos os fãs e parecem gostar disso.

— Isso mostra que eles entendem a importância das pessoas que vão assisti-los, e não digo por aspectos comerciais, mas porque ao descerem do palco durante o *show* ou aparecerem depois da apresentação para conversar com as pessoas, eles têm um *feedback* direto do trabalho deles – que é difícil de se ter de forma geral. Estudos e estudos buscam formas de entender o que passa pelas cabeças dos receptores, seja de produtos culturais, seja de compradores de produtos ou de serviços e o contato direto, in loco, em um dos momentos de concretização do trabalho, é muito importante.

— Você ouve muito Móveis? Todo dia? Toda semana?

— Sou uma pessoa de poucas bandas. Encano longos períodos com

umas três ou quatro e são elas que vou escutar direto; algumas mudam, mas o Móveis eu nunca apago. Escuto frequentemente, periodicamente, mas há períodos que, por algum motivo específico, rola um intensivão.



Renata gosta de ficar sempre o mais perto possível do palco. Depois de ficar horas na fila, ela percebeu uma movimentação de pessoas aparecendo na ponta da fila. A euforia em falar de Móveis acaba completamente:

— Olha! Aquela galera ali não estava na fila. Aquele povo devia estar lá atrás, chegaram depois. Eu cheguei aqui e já fiquei tensa se ia ou não ter ingresso. Não quero ficar pra fora de jeito nenhum.

Dentro do *Sesc*, já com os ingressos na mão, formou-se outra fila. Num momento, Renata me pede um favor, mas muda de ideia só de imaginar ficar de fora do *show*:

— Segura meu convite, por favor, para eu arrumar o cabelo.

— Claro.

— Acho melhor você não pegar meu convite, vai que você sai correndo com ele por aí para levar pra alguém.

— Mas por que eu faria isso? Levar para quem?

— Sei lá, melhor evitar.



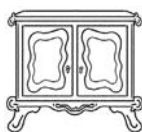
Certo dia, Beto comentou comigo o que significava para ele a proximidade entre o Móveis e seus fãs:

— Depois que a indústria entrou em crise, nos anos 90, sem saber como se vende a imagem de um artista, aquela do artista quebrar tudo, usar drogas, co-



caína, isso muda. Algumas pessoas ainda têm a mentalidade de que o artista nunca vai conversar com os fãs. Cara, é trabalho, as pessoas não vêem isso, não estão acostumadas com essa ideia. O cara vê o André e fala: “nossa que cara talentoso”, mas ele paga conta, lê, como todo mundo, não tem diferença. No começo da carreira, terminava o *show*, a gente guardava tudo e saía com a caixinha falando para as pessoas: “a gente acabou de tocar, você quer comprar nosso CD?”. A gente sempre pensou que o que a gente faz é trabalhar com música, sem a relação de ídolo como intocável, não tem nada disso, o importante é tomar cerveja e conversar, a troca mesmo.

Uma das coisas que eu mais gosto de fazer é isso, depois do *show* procurar saber o que tem pra fazer na cidade, as pessoas vão ta falar coisas que de repente você vai levar para sempre. E a gente tem que fazer isso mesmo.



Este texto falou sobre os fãs do Móveis, mas podia ter usado vários outros exemplos, de pessoas de vários lugares e de várias tribos. Já vi nos *shows* do Móveis rapazes com cabelos moicanos, meninas com cabelos coloridos, famílias inteiras, roqueiros de camisetas pretas, *hypes*, *nerds*, *playboys*, cupins, coloridos, atores globais... Todos colonizados pela mobília.

**Idem**



*IDEM* E *C\_MPL\_TE* SÃO OS PRIMEIROS CDS DA DISCOGRAFIA DO MÓVEIS, LANÇADOS RESPECTIVAMENTE EM 2005 E 2009. ELES AINDA TÊM UM EP, DE 2001, SEM NOME. Em trinta músicas, temos os pratos principais dessa feijoada búlgara que é aperitivo da música brasileira, uma das entradas do *rock* independente e prato principal da carreira destes brasileiros.

A banda tem mais de uma década e trinta músicas. Será que o processo de composição e produção das músicas do Móveis é lento?

— A gente tem dois CDs em doze anos – me diz Fabio, num momento de altos risos durante uma de nossas conversas. – A média do Móveis sempre foi de uma música por mês. A gente tem que ter muita intimidade pra tocar.

Nesses doze anos, durante a composição das músicas, os rapazes vivenciaram muitos momentos memoráveis, de como e quando foram criadas as músicas, o que rendeu muita história pra contar. Algumas dessas histórias estão contadas a seguir.



### **Copacabana (Devaneios de um Cubano Cubista)**

*Por você aprenderia*

*Esperanto e traria*

*Gorbatchev para uma série de palestras*

*Na casa da minha tia*

*Onde todos beberíamos chá*

*Na casa da minha tia*  
*Fofocando sobre a Perestroika*  
*Por você escreveria*  
*Um livro sobre o insólito*  
*Um almanaque simples, óbvio*  
*Guia completo do amor*  
*Uma enciclopédia do utópico*  
*Um dicionário do amor*

Copacabana, responsável pelo ápice nos *shows* do Móveis teria outra letra, numa tentativa do Leonardo Burzstyn ser Zeca Baleiro:

— Eu fiz a música porque eu estava numa vibe Zeca Baleiro e as várias referências dele de misturar coisas do mundo inteiro. Copacabana fui eu tentando ser o Zeca Baleiro. Acho que eu nunca falei isso para ninguém, enfim. E o refrão, não era para ser tão Copacabana. O refrão original era: “minha intuição não me engana, você faz o sertão Copacabana”. Ou seja, o sertão virar mar. Mas soou um pouco pejorativo. Na dúvida a gente resolveu mudar para “você me faz ser tão Copacabana”, que eu nunca saquei qual é, não. Depois o Ofuji sugeriu: “você faz do Verão Copacabana, e o inverno lembrar fim de semana”, que eu acho muito mais maneiro.



### **Seria O Rolex? (Ego e Latrina)**

*Penso, dispense explicações*  
*Não controlo meu super-ego*  
*Impossível entender minha tristeza*  
*Já desisti não existe porquê*  
*Sou apenas mais um alegre deprê*

Nesse rearranjo de músicas, algumas mudam bastante e quando ficam definitivamente prontas se transformam em algo completamente diferente da ideia inicial.

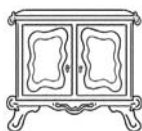
**Ofuji:** Na primeira versão de Seria o Rolex?, se compararmos com a música final, o primeiro vocal é algo completamente diferente.

**Fabio:** Rolex não muito, não.

**Ofuji:** E a melodia original que não chegou a ser tocada, da Estônia? – Fabio faz uma cara de quem se lembrou da música e as risadas tomam conta do ambiente. – Rolex é uma música massa, a gente compôs na casa do Beto, trabalhou bastante a ideia. Eu gosto muito da linha de guitarra dela, muita referência dos hardcores que a gente escutava na época.

**Beto:** A gente passou uns três dias jogando pingue-pongue e compondo. Chegamos um pro outro e cada um falou uma coisa. Tem aquela parte “pá-pá-pá-pá-pá pá-rá-rá”, que tem uma influência de tango. O Leo queria fazer uma música sobre dívida externa brasileira. Tinha uma música cuja melodia era outra, e ele queria colocar “moratória” e “precatória” na letra. O Brasil não pagou a moratória, uma coisa assim.

**André** (falando com muito entusiasmo): Caralho, eu lembro disso.



### Esquilo Não Samba (O Triste e Recorrente medo de:)

*Não quero te iludir*

*Não quero te enganar*

*Não quero te iludir*

*Você está*

*Desperdiçando o que era pouco*

*Muito pouco, quase nada  
E está para acabar  
Acabar*

Nem sempre uma composição tem tempo para ser repensada. Algumas são compostas nos acréscimos do segundo tempo.

**Fabio:** A pior dessas foi Esquilo Não Samba. Feita na semana anterior em que a gente ia gravar. Tínhamos feito uma parte da melodia no piano. A introdução dela, a referência é Café Tacuba, aquele disco de covers deles, o Avalancha de éxitos. A última música começa em guitarra, depois tem uma voz e volta a guitarra. Quando entra a bateria, cada uma está num ponto e o baixo está em outro ainda.



### **Sem Palavras**

*Pensei em mil palavras, e enfim  
Nenhuma das palavras coube em mim  
Não vejo saída  
Como vou dizer sem me calar?  
Diria tudo o que faz  
Minha vida andar de frente para trás  
Uma frase perdida  
Num discurso feito de olhar*

Nem sempre as interpretações das músicas do Móveis combinam com a intenção com qual a canção foi composta. Assim como a aparentemente vazia letra de Sem Palavras.

**André:** A gente viveu várias coisas muito interessantes, uma letra como

Sem Palavras, nos 50 anos de Brasília, foi interpretada como da geração “Vocês não sabem de nada”. Por isso essa coisa de abdicar da palavra. A palavra fala pouco ou prende. Como isso começou e como a gente escreveu a letra e é interpretado de maneira completamente diferente, mas tem a ver com o que as pessoas estão vivendo hoje.

— Isso tem a ver com a interpretação que cada pessoa dá para uma letra? – pergunto.

**André:** Talvez seja a noção de interdependência. Não existe música, *show* ou obra sem um espectador, um ouvinte. E tudo se fecha ali. E ao mesmo tempo em que fecha, abre e transforma, porque a mensagem tem vários sentidos e um sentido único para cada pessoa. No final, você se dá conta disso, vive isso - essa transformação.

**Beto:** No processo de composição, o que você está colocando na letra é sempre uma coisa muito pessoal. As palavras te levam a algum contexto. Nem que seja uma brincadeira para tentar remeter ao nada, isso passa por você. É uma responsabilidade muito grande. Dependendo da letra, o cara chega pra gente e diz que adora a música porque beijou a namorada pela primeira vez ouvindo, ou porque a letra fala uma coisa que ele nunca conseguiria falar. Uma coisa que a gente pensa é no porquê de estarmos fazendo isso e qual a consequência. Não tem nada solto, tanto na parte empresarial quanto na artística.



## Adeus

*Abandono o que é pronto*

*E digo adeus*

*Eu trago os meus sonhos*

*Pra somar aos seus*

*E toda vez que vier*

*Felicidade vai trazer*

*A cada vez que quiser*



*Basta a gente querer  
Ser desta vez a melhor*

A música Adeus remete ao encontro da banda com seus fãs, que chegam, vivem o encontro, mas ao mesmo tempo precisam dizer adeus para a banda, pelo menos naquele momento. Essa foi a interpretação final da música, que a banda usa para justificar a canção. Mas sua origem é outra e é um assunto difícil para o André. Quando perguntei a história da canção, ele me disse, num primeiro momento:

**André:** Adeus, velho? Mas é muito triste...

**Beto:** Em Adeus, o André chegou com uma letra, eu estava trabalhando a melodia com o Xande, e acabou saindo. Mas a letra era muito, muito pessoal. Na hora, a gente falou “cara, acho que está meio assim, melhor a gente mudar”. E foi uma das últimas a entrar no disco (*C\_mpl\_te*). A gente optou por levá-la para a ideia de celebração e o André mandou a letra.

Nesse momento André solta risos na sala, tirando a tensão trazida pela lembrança da história original de Adeus.

**Beto:** A letra era pra baixo, muito pra baixo... então trouxemos outra ideia para ela. Aí veio a coisa da celebração e da letra ser emocionante, e nisso ela se transformou – mais risos no ambiente.

**André:** Mas eu acho que é até bom eu contar, pra resolver.

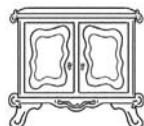
**Beto:** Adeus é treta familiar, mas conta para resolver logo isso.

**André:** Eu, eu... eu namorei sete anos uma menina – segue-se um momento de pausa longa no ambiente. Beto fica atento à história. – E foi muito doido como terminou, ainda de um jeito mal resolvido. Eu estava muito mal resolvido, e... pô, foi uma coisa... tipo, na minha cabeça, na cabeça dela, sempre foi... tipo, era isso, saca? Era a gente, e não existia outra coisa, sabe? Era muito certo, que a gente estava junto e que amor era aquilo, sabe? Meio que... isso. Aí terminou, eu comecei a escrever uns esquemas. Mas não era rancoroso, talvez um pouco... não, não era rancoroso. Mas era pesado: “quando eu digo eu te amo, eu digo adeus, disfaço seus planos, eu refaço os meus”.

— Nossa, realmente, algo bem pesado – comentário.

**André:** É triste pra caralho. E aí foi para um lado muito mais verdadeiro,

foi bom e eu fiquei muito feliz. De certa forma, a solução da letra foi uma solução pra mim também. E quando isso reflete no público é muito mais legal. É isso.



### **Indiferença**

*Não vá. Me dê mais um tempo*

*Deixei pro fim o que é melhor*

*Se for, eu entendo*

*Só vim aqui para agradecer*

*O que a gente dividiu*

*A vida é boa*

*Bom é o lugar*

*Que a nova hora traz*

*Nesse incompleto vem e vai*

Se *Seria o Rolex?* foi gravada em uma semana, *Indiferença* foi a música que ficou pronta na hora de gravar.

Beto: *Indiferença* não estava pronta para gravar e a gente falou pro Miranda que estava.

**André:** Cara, eu terminei a letra dentro da cabine. No improviso mesmo, gravamos na hora.

**Beto:** *Indiferença* foi foda porque na hora da letra e da voz, só eu e o André estávamos lá, todo mundo tinha voltado para Brasília. E ela foi ficando por último. A gente até tentou terminar a música naquela semana no *show* anterior, quando fomos tocar em Goiânia, mas o produto final fechou dentro da cabine, aos quarenta e sete minutos do segundo tempo.



## Café com Leite

*Quando viu o que conseguiu  
Logo de cara quebrou  
Copo de café com leite  
E provou que era o tal  
Mas nada, nada banal  
E a receita, meu querido,  
Ofélia não ensinou!  
Recorrente medo do receio em si  
Já não habita mais saudoso coração  
E a sádica saudade eu vi  
Que até cubista mais cubano  
Sambaria para se distrair*

— Café com Leite é uma música que o Beto fez pra mim – lembra Leonardo Burzstyn. - A letra da música são pedaços das letras que eu compus. A receita que Ofélia não ensinou vem de menina moça. Até o cubista mais cubano, sambaria para se distrair. Cheia de referências as letras que eu fiz. E o copo de café com leite é porque quando eu recebi a notícia de *Harvard* eu quebrei um copo de café com leite. E vai correndo procurar tudo aquilo que almejou é pra mim, enfim, é isso(risos).



### **Aluga-se-vende (sujeito a mudanças)**

*Ab! essas suas*

*Chaves já não*

*Servem mais*

*Meu quarto e sala já tem*

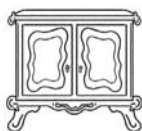
*Um corretor*

*E se você quiser*

*Terá de alugar, meu amor*

Aluga-se-vende partiu da ideia de ter uma música parecida com Michelle, dos Beatles, e terminou no aluguel que os rapazes do Móveis estavam fazendo. André Gonzáles explica isso melhor:

— Aluga-se foi legal, o Leo falava que a gente tinha que compor uma balada foda que nem Michelle. Um dia, só estávamos eu, o Fabio e o Borém. A gente estava alugando uma sala na época para começar a trabalhar. Começamos a falar de aluguel, alguma coisa assim. E começaram a surgir as analogias com a palavra aluguel. O Borém chegou com o texto da relação amorosa, comparando com um cara mudando de casa.



### **Descomplica**

*Tiro o céu da nuvem, vejo algodão*

*Seja lá onde for*

*Deixa o sol te levar*

*Tira o lar do lugar vem pra cá*

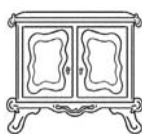
*Sem ter luz ou luar*

*Siga o brilho que for*

*Te guiar só pra cá, meu amor*

Algumas músicas do Móveis nascem de poemas. É o caso de Descomplica, que vem de um poema concreto feito pelo vocalista André Gonzáles. O poema foi postado no *blog* do Móveis um anos antes de a música ser lançada, com uma explicação sobre a inspiração do autor.

“Costumo transformar tudo em algo meio assustador de tão complicado, é só eu pensar um pouco sobre algum assunto e ele se desdobra até obter vida. A verdade é que queria ter uma visão mais simples das coisas. Só que simples é um conceito muito complexo. Passei uns três dias procurando algo que fosse genuinamente simples. Pensei em formas geométricas, aquelas mais básicas, quadrado, círculo, triângulo. Seriam excelentes exemplos, se não fosse pelas fórmulas matemáticas, teoremas, construções, números irracionais que as acompanham. Na química, o simples seria um composto homogêneo de natureza elementar como o ouro. Mas como se calcula a cotação da barra de ouro no mercado? Complicado. Talvez o simples poderia estar naquele que abandona tudo, busca o desapego, uma vida sem ilusões, de amor e caridade. Uma vida humilde, concordo, mas o caminho está longe de ser simples. Larga tudo pra você ver se é fácil. Não é. Poemas concretos são a forma mais simples de ser prolixo. Fiz um poema, não sei se concreto, sobre essa tentativa de descomplicar: tira algo de uma coisa e ela vira outra. Besta, como sempre faço.”



### **Descomplica**

Tira o céu das nuvens, algodão

Tira o vão do buraco, chão

Tira a casa do teto, sem-teto

Tira o corpo da barriga, lombriga

Tira a paz do silêncio, mosquito  
Tira o mudo da palavra, fala  
Tira o passarinho do pio, assobio  
Tira o ar do vento, movimento  
Tira tudo do infinito, nulo  
Tira o nada do vazio, algo  
Tira algo da coisa, outro  
Tira outro do mesmo, esmo



### Lei De Gersom

*Gersom contente, palitando os dentes*  
*Dentes que você terá de pagar*  
*Não haveria de ser diferente*  
*Nunca vi Gersom um cheque assinar*  
*Trambiqueiro, salafrário*  
*Sem-vergonha, canastrão*  
*Trambiqueiro, salafrário*  
*Sem-vergonha, canastrão*  
*ê ê ê ê ! É a lei de Gersom, Ger som!*  
*ê ê ê ê ! É a lei de Gersom, Ger som!*

Toda banda tem uma série de músicas inacabadas, ideias de letras incompletas, melodias que precisam ser repensadas, músicas prontas que não agradam, entre outras possibilidades. Com o Móveis não é diferente. Algumas delas não foram gravadas, outras têm registros não-oficiais na internet. Algumas delas nem toda a mobília sabe tocar.

Uma desconhecida do público, mas muito importante para a história do

Móveis é Lei de Gersom. Com esta música, os rapazes ganharam o festival *Finca*, o *Festival Interno de Música Candanga*, realizado na *Universidade de Brasília*. O objetivo do evento é divulgar as bandas dos alunos da Universidade e promover a interação delas com outros músicos. Cada banda concorre com ao menos uma música própria. O Móveis ganhou em 2001 pelo júri popular graças a essa música, mas, de acordo com o Fabio:

— Essa música era muito ruim.

— Como era a música? Vocês não tocaram mais?

— A gente não toca mais, nunca mais. A gente tocou essa música num *show* de hardcore no *Hangar 110*. Era uma mistura de forró com ska.

— E onde ela está?

— A versão que a gente gravou para mandar pro *Finca* eu não tenho, se tiver, só em fita cassete. A galera tinha que gravar a música e mandar para a seleção do festival. Mas a gente não tinha como gravar, como fazer nada. Aí fizemos voz e violão com batida eletrônica, numa versão bizarra, com umas batidas de funk no meio da música. Muito tosca, muito tosca. O nome dela é Lei de Gersom, é uma música meio dark do Móveis. A gente sabe a melodia até hoje, era bonita, mas a música era bizarra.

— Tem alguma coisa dela no Móveis de hoje?

— Ela tinha uma série de coisas – sementinhas, digamos – do que a gente fez no *Idem* depois, em várias músicas principais, vários solos.



## Você

*As quatro estrelas lá no céu são suas*

*E os oito postes da avenida são meus*

*E se você quisesse todos eles te dava*

*Lembra minha querida foi você quem me deu*

*As sete cartas do tarô são suas  
E os dez destinos mais prováveis são meus  
E se você pedisse para abrir um caminho  
Este iria dar na nossa casa, meu bem*

*As cento e uma rosas do jardim são suas  
E o único cravo que está ali é meu  
E se você quisesse um arranjo, um buquê, minha querida  
O cravo era seu*

*Sorriso é o meu abrigo e somente lbe satisfaz  
Sua ausência me condena a dor da saudade  
Você me completa amor  
E sabe que meu sonho só é o sonho porque*

*Você me completa amor  
E sabe que meu sonho só é o sonho porque*

*Você está nele*

Dentre as músicas não-oficiais do Móveis, algumas estão na internet, e há uma inédita, inacabada, com a voz do Beto e alguns instrumentais

— Fiz essa música pra minha ex-namorada. Ela estava indo passar um ano na Alemanha. Dor de cotovelo pra caramba, né? Quem produziu foi o Diego Marx. Foi composta em 2006. Acabou que o Diegão colocou na net e muita gente ouviu. É muito louco porque, do sul ao norte, pessoas vem comentar da música pra mim... muito doído! — explicou Beto.





**Tira o lar do  
lugar, vem  
pra cá**



PARTE DA TURNÊ DO *C\_MPL\_TE* (SEGUNDO DISCO DO MÓVEIS) FOI ACOMPANHADA POR MIM, COM A INTENÇÃO DE RETRATAR PARTE DA ROTINA DA BANDA (OU A falta dela) na estrada. Durante o ano de 2010, o Móveis Coloniais de Acaju fez 58 *shows*. Estive em sete deles. Nestes dias, passava parte do tempo conversando com os integrantes da “móbia” e observando tudo que acontecia nas idas e vindas deles.

O trajeto de parte da turnê começa na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo, a cem quilômetros da capital, em maio de 2010. Na sequência acompanhei os *shows* de São Paulo, no fim de semana da Virada Cultural, de Santa Bárbara do Oeste e São Carlos, na Virada Cultural Paulista e Bauru, no Centro-Oeste do Estado de São Paulo.



— Alô. Ofuji?

— Isso.

— É o Davi, tudo bom, rapaz? Que horas encontro vocês aí?

—A gente já está aqui, pode chegar daqui a pouco, umas 16h00.

Duas horas depois, devidamente atrasado, eu chegava à passagem de som do primeiro *show* do Móveis no *Asteroid Bar* em Sorocaba, numa quinta-feira. Naquela semana, o Móveis se apresentaria por dois dias seguidos no mesmo lugar, algo incomum para a banda. Talvez seja o público do Móveis, que, em algumas cidades pode ser grande o suficiente para encher um lugar duas noites seguidas. Na ocasião, um dos mais hypes da cidade, talvez o único ali com público para

receber Móveis Coloniais de Acaju.

Para começar os trabalhos, a mobília chegou por volta das 15h00 para a passagem de som no bar. Num palco pequeno para ser ocupado por uma banda de dez integrantes, que toca enquanto pratica saltos, corridas, pulos, estimula o público a fazer olas.

No momento em que entrei no local, ouvi os primeiros acordes de *Sem Palavras*, acompanhados pelos técnicos de som, funcionários do bar, o produtor décimo integrante da movelaria, Fabrício Ofuji, e vários fotógrafos e cinegrafistas dos veículos locais, que tomavam conta de todo o redor do palco, com suas câmeras apontadas para a banda.

Um dia de muito frio promovia um contraste aparente no ambiente. Enquanto todos os presentes estavam super agasalhados para se proteger do inverno, os rapazes no palco usavam camisetas, bermudas e calças jeans. Graças a euforia que tomar conta do grupo quando tocando. Em certo momento, tem-se a impressão de que a banda parece querer correr e saltar no meio do público, mas não encontra espaço para isso no pequeno palco do lugar.

Terminada a apresentação de “Sem Palavras”, os técnicos de som a banda, Frango e Tom, ajeitam o som. “Frango, precisa subir mais um pouco o teclado aqui”, pede Borém; “um pouco mais de guitarra”, pede BC; “um pouco menos de baixo”, avisa Fabio. Mais ajustes, mais uma música. “Vamos fazer mais uma pra ver se está tudo certo”, pede Frango. Enquanto a banda tocava, no meio da pista vazia, Fabrício Ofuji trabalhava atendendo o telefone, navegando na internet, respondendo *emails*.

Terminada a passagem de som, mais ajustes e aparentemente nem tudo estava perfeito. Detalhes ficariam para a hora do *show*, “não vai ter jeito. Com a galera aqui a gente sente se precisa ou não subir o volume”, sentencia BC de um lado, enquanto Esdras pede para Coaracy “manda baixo se não vai foder tudo”. Isso porque Coaracy fica lá na parte de trás do palco com a bateria, num pequeno palco, se ele toca muito forte atrapalha a performance de todos.

Detalhes à parte: com o fim da passagem de som, os rapazes guardam seus instrumentos no camarim e descem do palco. Os comentários de todos eles são sintomáticos de uma viagem cansativa e do desejo de voltar para o hotel.

— Cara, foram treze horas de ônibus, e eu nunca passei tão frio numa viagem em toda a minha vida. A gente saiu de Brasília uma da manhã e chegou aqui duas da tarde – conta Coaracy com uma empolgação de quem gosta de contar histórias de grandes aventuras. – A gente gritava ‘motorista, desliga o ar que a gente tá com frio’, e ele ‘o ar não tá ligado não, está na temperatura ambiente.

— A noite foi tão fria que o André ligou o computador pra dormir abraçado com ele - lembra Paulo, rindo. – Nossa, eu vi isso, é verdade – confirma Coaracy.

Assim que os encontrei, perguntei sobre a possibilidade de conversarmos, como parte das entrevistas para este livro, pedido recorrente da minha parte. Depois de alguns cumprimentos e uma rápida dispersão da banda pelo bar, perguntei para o Coaracy se alguém da banda poderia de repente me falar alguma coisa.

— Olha cara, você tem que ver com cada um da banda, eu preciso dormir, estou morrendo de sono, se eu não dormir antes do *show* não sai um *show* legal, mesmo hoje que eu tenho que mandar bem leve”.

— É, eu percebi mesmo que o pessoal pediu pra você pegar mais leve.

— Aqui é muito pequeno, se eu mandar na força de sempre atrapalho, tem que mandar bem de leve. Eu tenho que tocar menos, não posso me empolgar muito, se não o pessoal não ouve nada.

— Mas isso não compromete a empolgação? São os males de ser baterista em lugares pequenos?

— O bom de ficar no fundo é que quando você está cansado pode disfarçar tocando devagar. Mas quanto às entrevistas, conversa com o pessoal da banda, de repente eles topam, normalmente o André e o Esdras não dormem antes do *show*, fala com eles. Bom, enquanto isso, vamos conversar ali fora.



Depois de um tempo esperando, chega o ônibus que vai levá-los ao

descanso rápido no hotel.

— Esse ônibus sempre leva vocês?

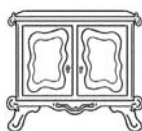
— É, sim, mas ele está pequeno já, viu.

Parece mesmo um ônibus pequeno para tanta gente. Catorze lugares para todos os integrantes da banda, seus técnicos de som e motoristas. Sem contar as malas de viagem e todos os instrumentos, que precisam ir dentro do ônibus.

— O senhor que cede o ônibus adaptou especialmente para o Móveis, transformou o espaço de 18 lugares em um de 14, pra ficar semi-leito e a gente poder dormir enquanto viaja. Esse ônibus já tem uns sete anos.

Enquanto quase toda a equipe vai para o hotel, Esdras e André continuam no Asteroid, com toda a paciência do mundo, para atender aos vários jornalistas que ali esperavam. Duas equipes de TV os seguram ali por cerca de uma hora e meia. Com o fim da segunda entrevista, esgota-se o tempo em que eles poderiam descansar antes do *show*.

Missão cumprida. Sobra um pequeno tempo para respirar, durante exatamente pouco mais de uma hora. Eles saem às 19h45 e exatamente às 21h10 o ônibus da banda voltava ao *Asteroid Bar*, com todos quase prontos para a apresentação da noite. Faltavam aqueles últimos ajustes no palco. E o jantar.



O jantar com o Móveis Coloniais de Acaju acontece numa grande mesa de um restaurante em frente ao bar. Com a minha presença, a conversa começa sobre este livro que está em suas mãos. Queriam saber como estava o andamento do trabalho até aquele momento, os planos, o que viria pela frente.

— É, você pegou um momento bom do Móveis, que as coisas estão começando a fluir –, começa Paulo – Até o ano passado, a banda não recebia regularmente, pelo contrário, às vezes a gente pagava para tocar. Desde então, as coisas foram se organizando e a gente começou a receber regularmente. Agora é que está tudo ficando melhor.

— Rapaz, sério? Eu nunca imaginei isso. A gente que vê vocês do lado de fora, imagina que todo mundo está recebendo bem por isso – declaro meu ponto de vista.

— Quê isso! Mas e você, que está de fora, acha que a banda vai dar certo agora?

— Vai sim, já está indo, mas está crescendo mais, encontrando muito público. Vai ficar cada vez melhor, vocês vão ver.

Num momento, BC para com olhar de reflexão e pensa alto: “Nossa, um livro sobre o Móveis, que legal, quem diria?”. Paulo parece o mais ansioso: “quando você acha que termina mesmo seu trabalho? E vai ser o quê? Um livro, um filme, você vai gravar?”. Bem, é de se deixar bem claro que, desde o começo, a banda (ou pelo menos parte dela) sabia que se tratava de um livro-reportagem. Mas é que o Paulo é meio desligado, como se percebe em pouco tempo de convivência com ele.

Lembro de um dos meus primeiros encontros com a banda, durante a gravação da versão especial de Adeus para o carnaval. Depois de passar o dia todo com eles no estúdio da *Trama*, o Paulo vira-se para mim e pergunta: “mas o que você está fazendo aqui mesmo?” “Então, eu vou escrever um livro sobre o Móveis”. “Nossa, que legal, muito massa, cara!”.

Arroz, feijão, bife e batata-frita foi o cardápio da noite. O garçom avisa: “é o jantar do pessoal do *Asteroid Bar*, tem que ser esse pedido”. Coaracy já avisa: “manda trazer, tudo bem”, parecendo topar qualquer coisa. Paulo me pergunta:

— Davi, não vai comer, não?

— Acabei de comer, obrigado.

— Então você pega e passa pra mim – ao passar do primeiro garçom, vem o pedido do Paulo. – Garçom, por favor, traz um prato para ele também. – Assim que Paulo terminou de comer, chega meu prato cheio. Trocamos o prato cheio por um vazio. E não demorou muito tempo para que o prato cheio tornasse a ficar vazio.

— Você estava com fome mesmo, hein? – perguntei.

— Rapaz, fiquei muito tempo sem comer. Bati uma broca, estou mais feliz agora.





Depois do jantar, aconteceu mais uma descontração entre a banda na calçada em frente ao bar, junto da galera que estava chegando. Momentos que precedem a concentração que antecede um *show*.

— Tem pouca gente aqui, né? Não deve lotar muito mais que isso, não — reparou Beto, olhando para as pouco mais de cinquenta pessoas que estavam no bar naquele momento.

Era uma quinta-feira de uma noite muito fria em Sorocaba, o que pode ter feito com que muita gente tenha resolvido ficar em casa embaixo dos cobertores. Sem esquecer que haveria outro *show* no dia seguinte.

— Mas é estranho, porque tem muito público na cidade para o *show* de vocês. Tem bastante universitário numa cidade com 600 mil habitantes.

— Deve ser porque está frio, e porque a gente toca amanhã também — pensou Beto.

— Vocês não costumam fazer dois *shows* seguidos no mesmo lugar, né? — pergunto.

— Não, o que a gente está começando a fazer é ir um dia antes para a cidade só para fazer mídia local, dar entrevistas, encontrar as pessoas. A gente fez em Porto Alegre, ficamos o dia todo falando com a imprensa.

— Bacana ter esse planejamento, pensar nisso. — Paulo lembra desse dia:

— A gente chegou em Porto Alegre 10h00, sabe que horas conseguimos voltar pro Hotel? 22h40.

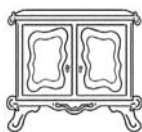
— O problema é que é sempre a mesma coisa, são as mesmas perguntas, as mesmas histórias. Teve um jornalista em Porto Alegre que fez umas perguntas diferentes, mais criativas, os demais perguntaram as mesmas coisas de sempre. Mas é algo que a gente vai acostumando com o tempo — diz Beto.

A conversa flui na calçada até que um deles percebe que era hora de

começar o *show*, momento de todos irem para a concentração no camarim.



Às 22h40, enquanto a mobília estava no camarim, exatas 58 pessoas estavam no bar à espera do início do *show*. Com a pista relativamente vazia e a banda pronta para a apresentação, ainda deu tempo de Paulo, André, Xande e Coaracy praticarem seus passos de *Black Music* no melhor estilo *moonwalk* de balançar o esqueleto ao som de *James Brown*, *Mutantes*, *Jorge Ben* e *Michael Jackson*, no meio da galera.



Para começar o *show*, a apresentação ficou por conta do Frango, o técnico de som, com uma introdução empolgante, meio gritada, meio atropelada, no melhor estilo performático da banda dele, o *Galinha Preta*.

— Boa noite, Sorocaba! Vocês estão bem? Nós estamos bem. Viajamos, é uma noite fria, mas que maravilha. Com vocês, Móveis Coloniais de Acaju!

*Riffs* da guitarra do BC tocando *Lista de Casamento*, colocaram todo mundo para pular, dentro e fora do palco. Muito mais fora que dentro, já que a banda estava acrobaticamente limitada em função do tamanho reduzido do palco, com os nove malucos pulando e chacoalhando tresloucadamente (com certeza, querendo muito correr).

A limitação espacial fazia com que o palco “escondesse” alguns deles. Com um olhar mais desatento pareciam ser apenas sete ali. Borém nos teclados aparecia pouco, enquanto Coaracy na bateria nem era visto no fundo da pista. Mas a banda era a mesma de todos os *shows*, principalmente quanto a impressão de que em cima do palco eles parecem pessoas que não tem problemas na vida.

É como se depois do primeiro acorde eles não tivessem nenhum problema físico, mental, pessoal ou profissional, tamanha diversão e entrosamento.

O *show* pode começa frio, com *Lista de Casamento*, seguida por *Seria o Rolex? e Descomplica*, com a plateia se esquentando aos poucos, ao som das primeiras músicas.

— Tô sentindo que vocês estão muito acanhados – diz André depois das primeiras músicas.

Não sei se pelo frio e o conseqüente excesso de agasalhos que limitavam as pessoas fisicamente, mas de fato muitos dos presentes pareciam bem acanhados. Poucos se mexiam, parte da plateia esboçava movimentos de cabeças e braços. Muitos cantavam todas as músicas, mas poucos cantavam a plenos pulmões.

Mais algumas músicas e a banda já estava toda suada, o público começava a tirar seus cachecóis, blusas de lã, moletons, entre outros agasalhos. O público parecia empolgar-se aos poucos. Do palco, a cada momento um estímulo diferente. Era o público passando por baixo do trombone do Xande, no chão mesmo, junto à galera, com André puxando a fila.

Rolou um solo de sopros improvisado e performático de Paulo e Xande no chão, no meio da galera. Entre outras interações que culminaram na tradicional roda de *Copacabana*, momento de confraternização maior entre banda e público, que se repete em todos os *shows*. Ao fim, a banda terminava animada mais uma apresentação, e o público parecia ter saído satisfeito, sem blusas e com a sensação de dever cumprido, para ambos.



Frango, o técnico de som do Móveis, é vocalista de uma banda chamada *Galinha Preta*, com som definido pelo próprio Frango como *rock* bagaceira. São oito anos de estrada fazendo um som simples, pesado, rápido e sujo, com letras hilárias e provocativas que falam do cotidiano, de questões globais, lendas urbanas, problemas sociais, etc. Além dele, que é vocalista e guitarrista, Bruno Tartalho

toca baixo, Hudson Hells as guitarras e Guilherme Tanner bateria.

Naquele dia, houve uma participação especial dele, cantando uma música do *Galinha Preta*. Durante a grande roda de *Copacabana*, Frango subiu ao palco para fazer um vídeo, sob um ponto de vista privilegiado. Quando André voltava, Frango o ajuda a subir de volta. Depois de uma rápida trombada, André o apresenta:

— Gente, esse é o Frango.

— Oi, eu sou o Frango, técnico de som. Abraço!

— O Frango é o melhor técnico de som do Brasil e está com a gente.

Ele toca numa banda que chama *Galinha Preta* – continua André.

— Isso, eu sou o Frango, e vocês ficam aqui com o Móveis Coloniais de Acaju

O diálogo é rápido, pois parece que ele quer sair logo dali, mas o público começa a gritar: “Frango! Frango! Frango!”. Fábio sugere: “toca, Frango, toca!”. E o público, mesmo sem ter ideia do que aconteceria no palco, continua gritando: “Frango! Frango! Frango!”.

Acontece uma troca de combinados rápidos entre os integrantes, e, depois de mais insistência, acontece uma rápida canja degustativa e bem peculiar do *Galinha Preta*.

— É, então, tá. Eu vou tocar uma música aqui da minha banda, o *Galinha Preta*. Como em Brasília tem muito funcionário público... – explica Frango enquanto vem da plateia um grito de “eu sou funcionário público”.

— Essa é pra você, então. Em Brasília, tem muito funcionário público que não faz nada, então minha banda fez uma música especial para eles, chamada *Vai Trabalhar, Vagabundo*. É assim”

Xande se posiciona, toma distância como se fosse bater um penalty, enquanto BC começa o solo de guitarra pesadíssimo e Coaracy desce a mão nas baterias pro Frango cantar: “Vai trabalhar, vai trabalhar, vai trabalhar, vagabundo. Vai trabalhar, vai trabalhar, vai trabalhar, vagabundo. Vai trabalhar, vai trabalhar, vai trabalhar, vagabundo”. E a galera vai ao delírio.

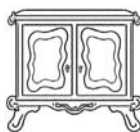
Frango sai do palco aclamado pelo público, “Obrigado, gente. André, pelo amor de Deus, pega o microfone de volta”. Foi o momento mais heavy metal

já presenciado por mim em um *show* do Móveis.



No final do *show*, uma demonstração de muita empolgação do lado de fora do bar. Uma menina liga para sua amiga, às 1h30, tentando, a plenos pulmões, explicar o quanto o *show* havia sido bom e que ela deveria fazer o possível para assistir à banda tocar no dia seguinte.

— Ai, Má, foi demais, você tem que vir amanhã; A gente vai comprar o ingresso, se quiser a compramos pra você, não sei se vai ter na hora do *show*.



Será que a bateria teria atrapalhado o *show* como o Esdras havia alertado na passagem de som? Depois do *show*, fui buscar a resposta:

— E aí, Coaracy, conseguiu pegar leve na bateria?

— Consegui, rapaz, só no final que eu extravasei mais. No geral deu tudo certo. Foi só ficar com as atenções redobradas.



## **Seu Nestor celebrando o fim da mamata**

Depois de uma boa, porém curta, noite de sono para a mobília, logo pela manhã iniciavam os trabalhos em Sorocaba, no segundo dia de *shows* deles na cidade. Os rapazes passaram parte do dia trancados no hotel, que tem seus quartos

transformados em um QG da banda, com os integrantes realizando atividades da empresa *Móveis S/A*.

As atividades começaram às 10h00, com uma reunião geral. Isso era bem cedo, levando em conta que a banda saiu do bar na noite anterior às 02h00. Paulo ainda conta que

- A gente ainda chega na pilha; toma um banho, até esfriar, é difícil, ainda mais pra quem é mais agitado..

Por volta de duas da tarde, liguei para eles, para saber se alguém estava disponível para conversar comigo:

— Oi Fabio, não sei como vocês estão de tempo, mas se pudermos conversar, trocar uma ideia.

- Nós vamos ficar aqui no hotel até por volta das cinco horas da tarde, vem pra cá.

Por volta de 15h00 cheguei ao hotel e fiquei esperando um deles poder me atender. Enquanto esperava, vi que no jornal local aquele dia uma das manchetes era “*Móveis Coloniais de Acaju faz shows em Sorocaba*”. Li e reparei que um trecho da reportagem no caderno *Mais Cruzeiro*, do jornal *Cruzeiro do Sul*, dizia:

*“O grupo surgiu com a proposta de levar entretenimento às pessoas, a partir do rock. A opção pelo gênero, conforme o saxofonista Paulo Rogério, demanda controvérsias. Isso porque a formação toca jazz, blues, ritmos brasileiros. Fazemos uma mistura”, explica Paulo.*

*O Móveis surgiu em Brasília no final da década de 90 e assume influências de expoentes que fizeram sucesso por lá, como Paralamas do Sucesso, Legião Urbana e Capital Inicial. A diferença, diz o músico, fica por conta do tratamento alternativo, independente, que caracteriza o som. Ao Mais Cruzeiro, Paulo contou que o nome do conjunto foi inspirado numa revolução que teria ocorrido no século XVII na Ilha do Bananal, na região hoje incorporada ao Estado do Tocantins, no centro-oeste. O local teria sido, naquela época, invadido por saqueadores ingleses que buscavam mogno de acaju, madeira nobre utilizada na fabricação de mobiliário. Os invasores foram expulsos por índios e tropas portuguesas. “Ficamos sabendo do episódio, achamos sonoro e assim ficou”, conta Paulo Rogério.*

*(...) No show de logo mais, o grupo repassa temas dos dois únicos álbuns, Idem e C\_mpl\_te. Por ser a primeira vez que o conjunto se apresenta na cidade, Paulo Rogério adianta que pretende*

*fazer com que o público, antes de mais nada, se divirta”.*

Isso me fez pensar em mais detalhes no papel do jornalista ao passar uma informação sobre uma banda de *rock*. Seria esse texto uma boa descrição do texto sobre a banda? Passaria aos leitores uma boa ideia que as pessoas poderiam ver no *show* do Móveis aquela noite? A intermediação do jornalista pode ser decisiva e levar algum leitor ao *show*, ou a fugir do *show*. O que vale para qualquer trabalho, de qualquer artista.

Por falar em trabalho, enquanto refletia sobre isso, o BC deu um tempo no seu trabalho para falar comigo naquela tarde.



Sáímos do hotel para conversar num café da praça de alimentação do shopping ao lado. No caminho, BC me contou a história de tinha sido confundido com ele mesmo.

— Eu estava com o Tom aqui. E aí um cara chegou e falou: “pô, você parece um cara de uma banda muito famosa, um guitarrista”. Eu falei: “ah, é?”. E ele: “é, uma banda chamada Móveis Coloniais de Acaju”. Aí eu disse: “sim, sou eu.” E ele falou: “cara, que maneiro”. Aí o cara falou que adorava a banda, mas não sabia se poderia ir ao *show* hoje à noite.

— Quando aconteceu isso?

— Agora há pouco, aqui mesmo.

— Sério? Que demais! Coisa estranha... nunca ouvi alguém falar que tivesse passado por alguma confusão desse tipo.

— Eu até queria que o garçom daqui te contasse, mas eu não estou vendo ele, deve ter ido embora.

— Mas qual foi sua reação na hora?

— Isso é engraçado, porque a gente não tem muita noção da dimensão que a banda vai tomando, pelo fato de a gente não estar investindo tanto numa estratégia mainstream, embora essa não seja uma questão, um tabu; a gente não tem nada contra a *Rede Globo*, ou outras televisões, rádios, etc. Nunca aconteceu,

pode ser que agora seja necessário, e quando é necessário a gente vai. Quando tem convite, a gente vai.

— Se o Faustão convidasse vocês seria bem legal.

— Seria ótimo, eu não iria achar nada ruim, só não me limito a isso para fazer o trabalho, eu acho que não seja a condição necessária, nem suficiente, para você viver de música. Sucesso é muito relativo, o que todo mundo quer no fundo é poder trabalhar. Da mesma forma que eu posso ser economista, minha mulher servidora pública, outra pessoa é enfermeiro, médico, a pessoa pode escolher ser músico e viver com o mínimo de decência, apesar de ser uma vida com estilo e rotina completamente diferente.

Enquanto conversávamos, apareceu o garçom:

— Olha o rapaz aí. Vem cá, Gean. Esse é o Davi, que está fazendo um trabalho de conclusão de curso sobre o Móveis.

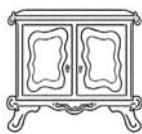
— Opa, tudo bom? Então você confundiu o BC com ele mesmo?

— Foi isso mesmo, ele estava aqui, eu fiquei olhando, olhando, sabia que conhecia ele de algum lugar, até lembrar que ele era o BC do Móveis.

— Que engraçado, rapaz. E você gosta da banda?

— Muito, tenho os dois CDs em casa, gosto muito deles.

— Eu tive aqui meu momento de *rockstar* – confessa BC. De repente toca o telefone. – Gente, dá licença um minuto. – Era o Fabio, que estava convocando a banda pois era hora do próximo compromisso daquela tarde.



Em Sorocaba, o Móveis foi convidado para se apresentar num lugar pouco comum, um *pocket show* numa livraria no centro de Sorocaba. Por volta das 16h30, André, Borém, Coaracy e BC esperavam na recepção do hotel, enquanto o resto da banda continuava nos quartos. Enquanto a van não saía, eles trabalhavam:

— André, eu e o Borém estávamos pensando algumas coisas para a loja



do Móveis – disse Coaracy.

— Que coisas? – perguntou André.

— Como vai ser? Com cores temáticas do CD, que mudam sempre que gravamos outro álbum? Precisamos analisar se temos estrutura para isso.

— Temos que ver isso direito para saber como vamos lançar. – completou Borém.

— Vamos pensar nisso com mais calma depois, é importante – André.

Em seguida, Borém fala sobre os horários da banda.

— A gente não ia sair daqui 16h30?

— O Fabrício falou quatro e meia, cinco horas – lembra BC.

— Eu odeio isso, essa indefinição. Tínhamos que estabelecer um horário – desabafa Borém.

— Cara, em meia hora dá para fazer muita coisa – lembra Coaracy.

— Eu parei de trabalhar para descer aqui. A gente precisa perceber que essa história de “entre quatro e meia e cinco horas” acaba se tornando “quatro e meia” para uns e “cinco e quinze” para o Xande. São quarenta e cinco minutos perdidos.

Aos poucos, a mobília vai ficando completa e eles entram na van. Com quase todo mundo lá dentro, Ofuji lembra:

— Alguém pegou os CDs?

— Ficou no quarto do Fabio, alguém vai ter que subir pra pegar – lembra Esdras.

Do fundo da van, ouve-se o Beto:

— Eu acho que o Esdras tinha que pegar, já que ele está mais perto da porta.

— Agora sou eu que vou, né? Pelo amor de Deus. Ô, Davi, você precisa colocar no seu livro que o Beto é o mordomo do Móveis – diz Esdras, apontando para mim.

— Sabe aquele que só manda e quando você precisa, ele pega tudo para ele? – Paulo explica do que se trata.

— O Beto tem essa cara de anjo, mas quando quer, apunhala a gente pelas costas. Não esquece de registrar isso – completa Esdras, antes da van sair.



O ambiente na livraria não era o mais comum para o Móveis. Tratava-se de uma livraria no primeiro andar de um prédio comercial, num espaço bem pequeno, algo como dois cômodos de um apartamento. Num ambiente com prateleiras forradas de livros, que ocupavam o espaço do teto ao chão, havia poucas pessoas, apenas o dono e alguns amigos e conhecidos.

Antes da banda começar, o dono da livraria propiciou um agrado etílico para que o ambiente mais despojado.

— Alguém quer uma dose de vodka?

Na hora, o clima foi tomado por um segundo de silêncio, com uma troca de olhares entre os rapazes do Móveis. Um olhar de “como assim vodka às cinco horas da tarde?”. Talvez tenham lembrado de que bebidas antes do *show* do Móveis é algo praticamente proibido (eles preferem beber só depois dos *shows*). Mesmo assim, o BC resolveu aceitar, e os demais ficaram à vontade para também beberem um pouquinho.

Meia hora depois, várias pessoas, entre banda e convidados, estavam com seus copos nas mãos. Enquanto conversava com Paulo, Borém perguntou:

— De quem é esse copo aqui?

— Não sei, mas passa pra cá – e tomou o que mais sobrava de vodka.

Ao clima da vodka e das discussões sobre livros (cada um do Móveis deve ter comprado pelo menos um livro) foi acrescentado o ritmo da *feijoada búlgara* da banda. Na versão *pocket*, apenas com André, BC, Paulo e Esdras tocando poucas músicas.

Enquanto o som rolava para quem estava na livraria, olhando de uma sacada, percebíamos que o som estava chamando atenção de quem passava na calçada, que olhava para cima, procurando de onde vinha aquele som.

Como o *show* foi em versão reduzida, o baterista Coaracy não participou, só assistiu junto com a galera, e até participou da roda de *Copacabana*.

— E aí, é legal assistir a um *show* do Móveis?

— Sabe que desde que eu assumi as baterias, não consegui assistir a um *show*. É bem massa poder ver também. – disse Coaracy.

— E participar da roda de *Copacabana*, como foi? – perguntei.

— Foi a primeira roda de que eu participei. Dizem que a primeira roda a gente nunca esquece! Bem massa.

Enquanto conversávamos, reparei que havia dois sofás antigos, que, com uma licença poética, poderiam até ser classificados como “coloniais”.

— Olha, Coaracy, você reparou que aqui tem dois Móveis Coloniais de Acaju? É por isso que vocês vieram tocar aqui – comentei com ele.

— É verdade, né, cara? Olha só, Fabio, Fabrício (que estavam preparando a lojinha), aqui tem dois móveis coloniais de acaju.

Eles apenas riram da constatação absurda, enquanto Coaracy se empolga ainda mais e resolve confirmar a procedência dos móveis com o dono da livraria:

— Rapaz, esses móveis aqui são coloniais de acaju?

— Olha, são dois móveis bem antigos, ficavam na casa da minha bisavó, estavam desocupados e eu resolvi trazer para cá.

No final do *show*, Coaracy resolveu contar sua descoberta para todo mundo:

— Gente, antes de terminar o *show*, só queria aproveitar para falar que não é a primeira vez que tem Móveis Coloniais de Acaju aqui na livraria. Como vocês podem reparar, ali – dizia, apontando para os móveis – tem dois sofás que são móveis coloniais de acaju, e por isso fomos convidados para tocar aqui hoje. Eles são da bisavó do dono da livraria.

Depois dessa declaração empolgada, pairou um silêncio constrangedor no ar, quebrado por um “que bom”, vindo do Esdras e pela indignação do Paulo:

— Aí, Coaracy. Aí, Coaracy! Sai daí, vai.

— Ahhhh, então foi uma piada ruim? A culpa é toda do Davi, ali – tentou explicar Coaracy.

— Vai ter que voltar para o hotel, Coaracy – já avisou Paulo, que depois falou comigo: - Você viu o que o Coaracy falou? Como pode falar uma coisa dessas numa apresentação que estava indo tão bem?

— Na verdade, fui eu que falei – expliquei com um certo receio. Mas não esperava que ele fosse fazer essa piada para todo mundo.

— Você não pode falar algo assim para o Coaracy, ele se empolga e conta pra todo mundo mesmo. Agora ele vai ter que pagar uma prenda e ir a pé pro hotel – falou Paulo, num tom de brincadeira.



Passado o *pocket show*, quase sete horas da noite, fomos para uma padaria comer uma coxinha de Sorocaba que é muito famosa de Sorocaba. Todos voltaram para a van, enquanto fiquei para trás com o Coaracy, que deveria voltar a pé para o hotel.

— Estou aqui ainda, pode ir de van, eu vou a pé com o Davi, tenho que pagar prenda porque falei merda na apresentação – avisava ele por telefone. - Viu só, eles ficam falando, mas ficam com dó e voltam atrás na brincadeira. Sabe de uma coisa que eu raparei? Não vai comentar isso com o pessoal, hein? Você está gravando?

— Não, nesse momento não estou gravando.

— Ahhh, tá, é que você grava tudo que acontece por aqui; às vezes é bom confirmar antes de falar alguma coisa.

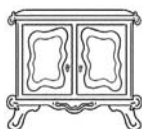
— Uma coisa que eu não sei como você conseguiu foi entrar tanto assim na rotina e na intimidade dos caras. A banda é fechada demais. Tudo bem que precisa ser assim, ter um clima mais fechado, eu acho importante, afinal, nós somos dez pessoas. Imagine como seria se todo mundo resolvesse despirocar a todo momento?

— Bom, pelo que deu para perceber, a qualquer momento vocês poderiam resolver despirocar aqui.

— Com certeza. Por isso que precisa ter um controle. As pessoas se cobram por isso, e o pessoal também se monitora. Eu acho que a banda precisa ser fechada, mas não tanto assim. E você conseguiu entrar na nossa rotina de um

jeito que eu nunca vi. – disse Coaracy, em tom de surpresa.

Enquanto conversamos, andamos meio quarteirão, descemos outro a pé e pronto, chegamos junto com a banda, que teve que fazer alguns retornos no centro e chegou ao mesmo tempo.



Às nove horas da noite – somente uma hora e meia depois do *pocket show* na livraria – já era hora de a banda ir para o *Asteroid Bar* novamente. O Móveis faria um *show* lotado naquela noite. Ainda eram dez horas da noite, faltavam duas horas para o começo do *show* e a movimentação era grande na calçada do bar. Dentre as pessoas que estavam ali, uma menina com o cabelo todo rosa estava com a mãe e o irmão, não ia poder assistir o *show*.

— Poxa, mas não estava escrito no convite que o *show* era proibido para menores, por isso eu trouxe os meninos. – dizia a mãe da menina ao Coaracy.

— Vocês são menores? – pergunta Coaracy para a menina e o menino ao lado.

— Eu e meu irmão, a gente não vai poder entrar.

— Que pena, o problema é que são normas da casa, e a gente não pode fazer nada.

— A gente quer muito ver um *show* do Móveis, e não é sempre que aparece a chance aqui em Sorocaba.

Depois de um tempo de negociação, eles tiveram mesmo que ir embora..

— Gente, desculpa, mas não podemos mesmo fazer nada, muito obrigado pela presença – lamenta Beto.

A menina de cabelo rosa estava muito triste. Aparentemente, queria muito ver um *show* do Móveis, e aquela parecia ser a sua melhor oportunidade.



Como no dia anterior, os momentos que antecediam o *show* eram de descontração, papos e histórias na calçada do bar. Quinze minutos antes do *show*, concentração total. E às 00:20, Frango anuncia o início do *show* para uma pista de dança lotada:

— Alô, Sorocaba, boa noite!!!

Ao primeiro “boa noite”, todos os dispersos voltaram suas atenções para o palco.

— Sorocaba, que coxinha maravilhosa! A galera está animada. Com vocês, Móveis Coloniais de Acaju.

Aos primeiros “Pã-rã pã-rã pã-pã pã pã-rã pã-rã-pã-pã” da música Falso Retrato, a plateia, bem maior que a do dia anterior, já estava insanamente animada. Muitas meninas na frente do palco cantavam todas as músicas.

Era mais um dia frio em Sorocaba, mas bem quente dentro do *Asteroid Bar*. No dia anterior a plateia usava muitas blusas e cachecóis, enquanto o segundo *show* já começava quente. No palco, a partir de *Swing Um e Meio*, terceira música do setlist, todos já estavam suando.

Para ajudar, esse era um *show* do Móveis em que a plateia cantava todas as músicas; *Esquilo Não Samba*, *O Tempo* e *Copacabana* em altíssimo e bom som, com André deixando que o coro do público cantasse alguns trechos de algumas músicas. Já no bloco final do *show*, reparei que o Frango tomava conta da lojinha do Móveis aquele dia.

— E aí, Frango, está de lojista hoje?

— Sim, eu sou técnico, lojista, faço de tudo.

— E hoje está bem mais animado o *show*, né?

— Bem melhor! Ontem, a galera tinha saído de Brasília meia-noite e vindo direto tocar, estava todo mundo zoadado. Hoje eles estão bem mais dispostos e a galera está insana.

— E a explosão de papel de Adeus, não vai rolar hoje? – eu me referia a uma explosão de papel enquanto toca a música Adeus.

— A máquina está com o Ofuji, hoje, ele é quem vai operar a coisa. Eu não quero mexer com aquela porra, não.

— Mas não é difícil trazer aquele trambolho enorme de Brasília pra cá?

— Não é não. Na verdade, aquele negócio é de papelão, então é tranquilo pra trazer, nem pesa muito. E o papel picado é só colocar lá dentro e ligar na hora certa, você vê que dá uma diferença na animação da galera, é muito legal.

E assim que o sopro começa a tocar pela última vez durante a música Adeus, rola uma chuva de papel na galera, que delira ainda mais.

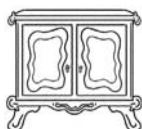


Uma coisa importante que o Móveis ainda não tem é um sujeito para ser roadie da banda, aquele cara que monta e desmonta os instrumentos, que observa tudo o que acontece no palco e está pronto para arrumar uma corda de guitarra que estoura, trocar um microfone que falha, entre outras coisas.

Quem faz às vezes de roadie é a própria banda, que monta e desmonta tudo. Reparei no tempo que o Coaracy demorou para desmontar a bateria. Enquanto André e Fabio já estavam na lojinha do Móveis há pelo menos uns 40 ou 50 minutos, o Coaracy ainda desmontava seu instrumento. O *show* terminou às 02h10, e até 02h55, Coaracy ainda estava por lá, enquanto a pista de dança já estava lotada.

— Hoje eu estava com um pouco de preguiça de desmontar o palco. Normalmente eu desmonto mais rápido – me disse ele. Tom Serralvo, um dos técnicos do Móveis, me diz, sobre isso:

— Isso porque agora ele lembra de desmontar; tinha época que ele não desmontava, não, tinha que falar, bicho, não tem roadie aqui não, é na raça mesmo.



Mais tarde a balada pós-*show* se transforma numa discussão sobre os homens entre o Coaracy e uma fã deles:

— Não vamos generalizar, nem todo homem é assim – defendeu Coaracy.

— Imagina! Todo homem olha para qualquer mulher que passar perto – rebateu a fã do Móveis.

— Olha, eu conheço uns quatro amigos que não olham para ninguém. Tem suas cônjuges e não olham nem para os lados, nem pra dizer que o outro ou outra é bonito ou bonita. Já eu olho mesmo, eu gosto de olhar gente bonita, então sei dizer se um homem ou uma mulher são bonitos, e falo mesmo.

Neste momento, o BC descia uma escada, se aproximando de nós, e Coaracy faz uma observação sobre o rapaz:

— Veja o BC, por exemplo, olha que tudo de bom, que “TDB”! Esse homem é lindo demais, e é um dos caras que eu conheço que não olha para ninguém – BC passa como se não falássemos dele.

— E sempre que vocês tocam em bares o pessoal costuma ficar na balada um tempo? – perguntei.

— É difícil, quase nunca dá tempo de ficarmos na balada, mas às vezes rola.

— E a galera apronta muito na balada?

— Olha, não apronta muito, mas a gente tem um combinado: what happens in the night, stays in the night.

—Excelente combinado, por sinal. Para evitar fofocas...

E, para evitar fofocas, este capítulo termina aqui.

## **Tudo que é bom ou ruim, não faz mais diferença**

Um dos maiores eventos culturais do Brasil é a Virada Cultural de São Paulo. São centenas de atrações culturais em centenas de pontos da cidade de São Paulo durante vinte e quatro horas. Naquela noite, São Paulo estava muito diferente, como acontece todo ano em dia de Virada. A cidade é tomada por um clima



especial, onde tem-se a impressão de que todos os paulistanos estão vivendo em função disso.

Na edição de 2010, o Móveis foi uma das atrações do evento para as cerca de duzentas pessoas que, entre tantas bandas opções culturais, escolheram assisti-los no *Sesc Santana*, às 3h30 de sábado para domingo. Às 22h00, o movimento já era grande. Ao entrar no lugar, pessoas conversando sobre o Móveis; uma roda de amigas perguntava ao segurança se já tinha fila – faltavam ainda cinco horas para o *show*. E eu pensando que era cedo demais, e que ainda havia tempo para assistir a outros *shows*...

Enquanto a mobília não chegava, liguei para o Fabrício Ofuji (seria a quinta vez naquela semana!), dessa vez para avisar que já estava no *Sesc* e acompanharia o *show*.

- A gente vai chegar perto da hora do *show*, por volta de uma e meia, duas horas.

Enquanto isso, me encontrei na fila com a Bianca Caetano, uma das “cupins”, das quais já falamos aqui.

— É meio difícil chegar aqui, né? Tive que descer no metrô uma estação antes de Santana e vir andando, achei meio longe... – eu disse a ela, para puxar conversa.

— Pois é, achei meio longe dos outros locais da Virada, mas pelo que vi o *Sesc Santana* é muito legal. – Bianca responde, admirada com o lugar.

Assistimos a algumas atrações da Virada e por volta de 01h00 voltamos para a fila do *Sesc*, para encontrar a Renata de Luna, uma das maiores fãs do Móveis. Era a primeira vez que eu encontrava com Renata, não imaginava o quanto ela era fã dos Móveis.

Na fila, quase dava volta no prédio do *Sesc*, o assunto entre das pessoas era o Móveis. Onde eu estava, ouvi uma menina falar para as amigas:

— Eu tinha preconceito porque me diziam que era muito parecido com *Los Hermanos*, eu demorei muito para escutar, mas quando eu ouvi, percebi que não tem nada a ver.

— As pessoas têm essa mania de comparar *Los Hermanos* com Móveis, não tem muito a ver, não. Eles são bem diferentes, mas eu também gosto de *Los Hermanos* – disse outra menina.

— Eu sempre gostei de *Los Hermanos* e também gosto bastante de Móveis, acho que tem tudo a ver uma coisa com a outra. Eu *adoro* os dois – diz uma terceira amiga.

— Mas o *show* deles é completamente diferente do *show* dos Los Hermanos – diz a segunda.

— Esse vai ser meu primeiro *show*, só depois para saber – diz a terceira.

— O *show* deles é muito melhor, muito mais animado e ainda é muito melhor que o CD – diz a segunda.

A conversa na minha frente foi quase a mesma que tive com as cupins Renata e Bianca.

— Eu acho que não tem nada a ver Los Hermanos, O Teatro Mágico e Móveis. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa – disse Renata.

— Eu também não acho, isso é coisa de quem não conhece as bandas. O pessoal da comunidade (do *Orkut*) que fica falando muito nisso.

— Por isso é que eu nem entro lá, a galera fica falando de *Los Hermanos*, *Teatro Mágico*, mas não de Móveis. Por isso, eu só acompanho o *blog*, os perfis deles no *Twitter* deles e só.



Entre um *show* e outro, encontrei com o Beto e sua namorada, já dentro do *Sesc*. Como todas as conversas da noite, falamos sobre como estava sendo a Virada Cultural para eles.

— A gente estava lá no Centro, tentou ver alguma coisa no Anhangabaú, mas pelo menos ali estava um clima muito ruim, um cheiro horrível de maconha com bebida e merda. Depois, apareceu um cara todo fodido pedindo ajuda, dizendo que tinha apanhado e precisava ir ao médico, foi foda. A gente resolveu sair de lá e vir direto pra cá.

— Nossa, então não foi nada bom pra vocês por enquanto. Aqui está um clima bem agradável.

— Que demais. Ah, vem cá, você conhece a Dani?

— Não, não conheço.

— Vem cá, vou te apresentar a Dani, minha namorada. Dani, esse é o Davi, que está escrevendo o livro sobre o Móveis.

— Oi, Davi, tudo bem? Prazer. O Beto me disse mesmo que você está escrevendo um livro sobre eles, que demais!

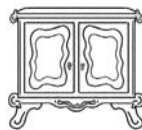
— A gente vai pedir um café e comer alguma coisa, você quer comer com a gente?

— Eu vou pegar uma água e voltar para a fila com as meninas, porque eu estou aproveitando para conversar com elas também e conhecer os fãs do Móveis, é importante, não posso deixar de colocar os fãs do Móveis no livro.

— Tudo bem, qualquer coisa estaremos aqui.



Depois de distribuídos os ingressos, percebemos a quantidade enorme de pessoas que ficariam para fora do *show* – praticamente a mesma quantidade que ficou do lado de dentro. Mas em vez de irem embora ou irem assistir a outro *show* da Virada Cultural, elas nem cogitaram essa possibilidade. Formava uma galera do lado de fora. Pelo local onde aconteceria o *show*, seria possível ouvir razoavelmente bem o som do palco. E por ali ficaram...



Enquanto a galera se posicionava para ver o *show*, percebi que a Dani, namorada do Beto, iria assistir ao *show* do fundo da plateia.

— Eu quase nunca vejo o *show* da banda, é sempre muito difícil, só em ocasiões especiais, ou coisa do tipo. Na gravação do DVD eu fui, depois não fui mais em nenhum *show* deles, tô sempre cansada – me diz assim que chego para

conversar com ela.

— É. A essa hora, por mais que seja Virada Cultural, as pessoas já estão muito cansadas.

— Eles estão super cansados – olha a cara deles –, mas estão firmes ali. Isso muita gente não vê, que para os meninos estarem no palco tocando por uma hora e meia, eles têm que fazer muitas coisas antes disso. Muita gente não sabe o quanto esses meninos trabalham, eles se divertem muito nessa uma hora e meia, mas precisam ralar muito.

— Para encerrar a noite de atrações do *Sesc Santana* na Virada Cultural Paulista, no palco: Móveis Coloniais de Acaju – diz o locutor. Para todas as duzentas pessoas que estavam ali dentro e as muitas que ficaram do lado de fora, começava ali mais um *show* do Móveis. A primeira foi Café com Leite. E a plateia toda, de dentro e de fora, cantando em alto e bom som o refrão “Vai correndo procurar, tudo aquilo que almejou”.

Mais uma vez, o público começava bem empolgado, pulando alto e cantando junto. Mesmo às 3h30 da manhã. E sem parar, emendando em Lista de Casamento, na mais frenética corrida de todos no palco, de um lado pro outro, enquanto o André tinha “quase certeza de que estou no lugar errado”.

O *show* seguia com *Esquilo Não Samba* e *E agora, Gregório?* cantado pela galera de dentro e de fora. O *show* dava para ser visto de um espaço num andar de cima, onde funcionava uma praça de alimentação. Algumas pessoas tentavam assistir ao *show* de lá, mas havia uma cortina, bem onde estávamos, que não deixava as pessoas enxergarem nada, ou quase nada, do palco. Comentei com a Dani e resolvemos empurrar a cortina.

— Vamos abrir mais, e se a gente dobrar isso? Vamos ver se eu tenho alguma coisa aqui pra prender isso – disse ela.

— Achei um elástico, vamos ver se ajuda... – tentamos, mas não parava fechada a enorme cortina. – Se ficarmos encostados aqui, o pessoal consegue ver melhor. – Ficamos ali encostados para segurar a cortina e liberarmos a visão do palco.

A banda percebeu que tinha um público naquele lugar improvisado, chamado de “camarote mudo” pelos fãs e passou a interagir com eles. No dia seguin-

te, na internet, li relatos de fãs dizendo que tinham se sentido muito importante por verem que a banda tinha percebido que eles estavam ali, e mesmo sem ouvir o *show*, sentiram-se muito felizes em poder assistir a tudo.

— Eu acho super bonitinho o pessoal. Eles podiam ter ido embora, mas ficaram aqui mesmo sem ingresso. Isso é o que eu vejo de diferente nos fãs do Móveis. Que pena que não tem como eles entrarem, eu fico morrendo de dó. Eles estão cantando junto as músicas, olha que bonito. — Dani também comenta sobre os rapazes no palco.

— Olha o cabelo do André que engraçado enquanto ele pula — dizia Dani, rindo muito. — Nossa, e olha como o Xande pula alto, parece que vai cair. — Dani cantava junto, principalmente as músicas mais famosas.

Um dos momentos mais esperados de todos os *shows* do Móveis, a roda de *Copacabana*, naquele dia aconteceu em dois locais, dentro e fora. Os sopros foram para fora, enquanto os demais organizaram uma roda do lado de dentro. Ambos os lados foram ao delírio, mas a impressão era de que o pessoal do lado de fora se divertia mais ainda, por sentir que a banda estava dando toda a atenção possível para eles.

Para fechar, *Cão Guia*, *Adeus* e o momento em que o público canta o sopro do Móveis em *Indiferença*. O coro começou do lado de dentro, até a banda conduzir todos para cantarem junto com quem estava do lado de fora. Num verdadeiro *Gran Finale*, todos vão ao delírio com os integrantes pulando e cantando junto no meio de toda a galera.



Na calçada, mais tarde, eu, Renata e Bianca falávamos sobre o *show*, quando Xande vem conversar com a gente.

— Xande, se tem uma coisa em vocês que eu não entendo é como pode vocês podem tocar instrumentos de sopro e pularem ao mesmo tempo no palco, tudo ao mesmo tempo sem perder o fôlego.

— Eu também não sei, às vezes acontece de a gente tocar um mi e sair um lá, às vezes sai assim, mas no geral dá certo, é sucesso. E você veio lá de Sorocaba, cara? Que demais, eu tô todo moído desses dias todos. Chegamos 12h00, ficamos aqui no *Sev* até às 17h00, voltei pro hotel e dormi das 19h00 às 01h00.

— Até que deu para dormir um pouco.

— Dormi até que bem. Mas o sono fica todo descontrolado e estou perdendo *shows* na Virada. Amanhã vou ver *Clinton Fearon, às 15h00*, o maior ícone de reggae do mundo.

De repente, chega o Esdras para lembrar daquele famoso filme:

— Está rolando uma vibe *Quase Famosos* com você e a gente, né?

— Está mesmo, várias pessoas que sabem do livro me falam isso.

— O Davi está em todos os *shows* do Móveis agora.

— Já que me propus a fazer o livro, tenho que acompanhar e fazer direito pra parada ficar bem legal.

— Em qual *show* você vai mais esse mês?

— Estava pensando em ir no *show* de São Carlos, e no *show* de Bauru, claro. De repente, o de Ribeirão Preto, o que você acha?

— No de Ribeirão vai ser só uma participação da banda no *show* do *O Teatro Mágico*, e vai rolar uma coisa Fernando Anitelli, a gente vai se pintar, tocar umas músicas juntos.

— Deve rolar *Paralamas do Sucesso* – diz Xande, que começava a dançar no meio da calçada. - Como são mesmo aquelas danças que o Anitelli faz? – e ele fazia uma espécie de movimento de capoeirista sem gingado.

— O de São Carlos é às duas da tarde, né? – perguntei.

— Cara, é o melhor horário pra *show*, só tem família, a galera está mais de boa. Hoje mesmo tinha um cara lá na frente muito louco, completamente maluco, dei até um toque para ele parar um pouco. O cara estava mal mesmo, sempre tem uns bêbados quando o *show* é a essa hora da madrugada. – explica Esdras.

Chega o Fabio e praticamente pula em cima do Xande:

— Cara, hoje você deu uma trombada em mim no palco. Eu fui pular, você estava atrás, trombei mesmo, o Esdras já tinha pulado em mim.

— Velho, tem que rolar uma sincronia com a banda – explica Xande. –

Esdras, e aquela hora que você subiu em cima de um banco? Olha o que você fez na minha canela (e mostra um machucado vermelho arroxeadado), e justo na canela, que dói bem pouco quando bate, né?

— Esdras, sabe criança desajeitada que sobe em cima das coisas, cai e derruba tudo? Você é mais ou menos assim, não pode subir no banco do nada – diz Fabio, com ares de quem fala com o filho mais novo.

— Eu só queria que ficasse mais fácil para enxergar o pessoal.

— Gente, vamos entrar porque o ônibus já está chegando – avisava Fabio.



## No tempo certo vou chegar

— Oi, fiz uma reserva aqui ontem, por telefone.

— Como é seu nome?

— Davi. Davi Rocha.

— Ahhh, sim, seu quarto é esse – disse-me a atendente do hotel em que eu ficaria hospedado especialmente para acompanhar mais um *show* do Móveis. Estava em Santa Bárbara d'Oeste, uma cidade do interior de São Paulo, ao lado de Americana e perto de Piracicaba. Estava na primeira cidade desconhecida que eu ia para assistir a um *show* do Móveis. Cheguei naquela tarde, assistiria ao *show* à noite e iria embora, sem saber ao certo como eram as coisas na cidade em que estive. Algo que para aos rapazes deve ser rotineiro de quem depende de viajar para trabalhar.

A banda até tem um projeto de vídeos de suas viagens, chamado “Agora ou pra viagem?”, em que eles gravam trechos de suas viagens, entrevistam pessoas, falam sobre as cidades por onde passam, etc. os rapazes gravam em formato de vídeo, editam e postam depois no *You Tube* e no *blog* do Móveis. .

Naquele sábado o Móveis seria uma das atrações da Virada Cultural

Paulista na cidade, evento idêntico ao da cidade de São Paulo, mas que acontece simultaneamente em diversas cidade do Estado.

Ao sair do hotel de encontro com a banda para acompanhar a passagem de som, reparo o quanto a cidade aparentava ser tranquila, típica cidade pequena do interior de quase cento e noventa mil habitantes. Poucas pessoas nas ruas, pouco movimento no trânsito e grande silêncio nos arredores do hotel. No lugar onde aconteceria o *show* do Móveis – um parque –, a movimentação de ambulantes era grande, mesmo duas horas antes do início dos *shows*; o pessoal preparava suas barracas de lanches e doces, para o que iria se transformar numa espécie de quermesse. Próximo ao palco, encontro o BC descendo sua guitarra do ônibus em direção ao palco:

— E aí, rapaz, chega aqui – diz ele, apontando para o palco. Subimos e lá encontro toda a banda se ajeitando para começar os trabalhos. Comento com Esdras que aquele *show* aparentava ser num local bem diferente dos que eu já havia assistido eles se apresentarem.

— O que é massa é que a gente nunca toca do mesmo jeito, nas mesmas situações, sempre muda alguma coisa nos nossos *shows* – responde Esdras.. Alguns minutos depois, chegavam as primeiras pessoas na plateia, com mais de uma hora e meia de antecedência. Conseguiram acompanhar uma versão inteira de Cão Guia, suficiente para já se animar.

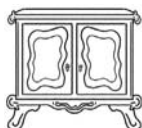
De cima do palco, vi um ponto rosa entre os que estavam na praça. Olhei com mais cuidado, e vi que o ponto rosa se tratava do cabelo de uma fã. Era a menina menor de idade e cabelo rosa que não pôde entrar no *show* de Sorocaba e pediria a mãe para ir ao *show* de Santa Bárbara d’Oeste. Desci para conversar com ela:

— Nossa, você veio mesmo! – eu disse.

— Vim, pedi para minha mãe e vim especialmente para o *show*, estou muito feliz.

— Que ótimo, depois me conta se gostou.





Terminada a passagem de som, desço com eles até onde estava montado o camarim da banda. Neste momento, me lembrei da conversa que tive com o Coaracy na semana anterior:

- Não sei como você está conseguindo ficar tanto no meio da banda, eu acho que eles são muito fechados, e até entendo o porque. Mas se tem uma coisa que todo mundo fala é que não é para ninguém além da banda entrar no camarim, porque é o momento de se concentrar. De vez em quando, entra alguém, em algum momento todo mundo se contradiz.

Enquanto andava do palco até o camarim, pensava nessa conversa. Decidi, fiquei um tempo do lado de fora, mas convidado pelo Frango, o mesmo Coaracy, que me alertou sobre ninguém entrar no camarim, me disse:

— Seja bem-vindo ao camarim do Móveis. Está com fome? – pronto, já era o suficiente para eu até comer uns lanchinhos – Mas, é claro, com a devida timidez de quem poderia estar infringindo uma barreira que deveria ser respeitada.

Aquele camarim do Móveis era bem simples. Tinha comida, um espaço para trocas de roupa e uma banda prestes a subir ao palco, que precisa de um tempo de intimidade para se concentrarem; é tempo em que eles conversam, contam histórias, relaxam. Sem toalhas brancas, sem groupies seminuas, sem rituais supersticiosos, mas com um Frango contando uma de suas histórias.

— Aí, eu estava no banheiro de um bar na Augusta, e um cara me pergunta a hora. Eu saí correndo de lá. – dizia ele, com cara de assustado e promovendo altas risadas entre a galera.

— O Frango conta umas histórias muito boas. Até comentei com o Ofuji que a gente deveria fazer um livro só com as histórias dele, mas sem ele saber.



Pouco antes do *show*, do lado de fora do camarim, Fabrício Ofuji demonstra alguns movimentos de artes marciais com alguns colegas de banda.

— Aqui é assim que a gente resolve nossos problemas: na base da luta. Vamos abrir o *Clube da Luta* do Móveis. — Com a mesma habilidade oriental de um lutador de artes marciais, Ofuji me alerta para uma situação que estava reparando no ambiente:

— Só pra você saber, todo mundo da banda lavou as roupas essa semana antes de vir pra cá.

— Eu fui pro Rio de Janeiro para o aniversário do meu avô e lavei tudo na casa dele — confessa Xande.

— Que bonito, hein? Vai visitar o avô e lava roupa na casa dele?

— Lavei mesmo, aproveitei.

Isso porque todos estavam com camisetas idênticas às usadas na semana anterior, quando também estive com eles. A banda instituiu uma regra estética para os *shows* a partir do álbum *Completa*, segundo a qual eles deveriam usar uma determinada cor de camiseta para ficar melhor visualmente. Naquela ocasião, eles haviam passado uma semana fora de casa e feito *shows* na semana anterior; com certeza, um ou outro integrante poderia estar usando a mesma roupa — e suja.



Minutos antes do *show*, Coaracy resolve ir correr. O camarim era em frente a um pequeno campo de futebol do parque. Deixou comigo sua blusa e telefone e deu duas voltas no campo.

— O que é isso? — perguntou Beto, apontando para longe.

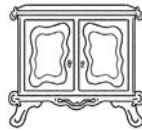
— Ele resolveu correr para desestressar.

— Nossa, que maluco.

Na volta Coaracy me explica que sempre que pode, tira um tempo para correr durante as viagens:

— Eu viajo com o tênis de corrida na mala, e quando dá tempo eu corro. Mas é difícil, porque não posso ficar muito cansado.

Na volta do Coaracy, já era o momento de eles se concentrarem de verdade para a hora do *show*.



Às sete e meia da noite, em frente ao palco do Móveis, havia muita gente, mas um número insuficiente de pessoas para lotar o espaço em que aconteceria o *show*. A frente do palco estava tomada por fãs da banda, desses que sabem cantar todas as músicas e interagem com a banda do começo ao fim, desde o coro dos primeiros versos de *Seria o Rolex?* até a agitação final da cantiga *Sessarrua* (versão da mobília para a canção infantil *Se Essa Rua*).

Exceto por essas pessoas na frente, o *show* começou bem morno, com a banda animadíssima no palco, o público na frente cantando todas, mas a maior parte do público mantendo as atenções dispersas do palco e esfriando o *show*. O tamanho do parque passava a impressão de que o *show* estava vazio; a maioria do público que foi ao parque parece ter ido para encontrar os amigos, conversar, sem necessariamente prestar atenção nas bandas que se apresentavam.

Mesmo assim, com o decorrer do *show*, a apresentação ficou mais animada por volta da quinta música, com o público esquentando a tempo da música *Copacabana* ganhar a sua tradicional grande roda – que naquele dia era uma roda imensa, animada e ao mesmo tempo dispersa, graças ao tamanho do parque.

A roda esquentou um pouco mais a plateia para o bloco final do *show*, que termina em seu momento mais animado, com os fãs na plateia crescendo em quantidade e contagiando o ambiente. Quando a grande sintonia entre público e

banda cantando juntos começava a ficar intensa, o pequeno *show* terminou. Pequeno, por se tratar de um festival, mas de grande sintonia.



Depois que a lojinha do Móveis fechou, a mobília aproveitou que o *show* havia terminado cedo para ficar um pouco ali no parque e aproveitar a espécie de quermesse em que se transformou aquela Virada Cultural. Ficamos ali um pouco. Encontrei novamente a fã do Móveis:

— E aí, gostou do *show*? Já tinha visto um *show* deles?

— Não, mas gostei muito, foi o *show* mais legal que já fui na vida.

Enquanto isso, um bêbado tentava fazer amizade com Esdras, e Beto comentava comigo que isso é bem normal:

— O Esdrinhas sempre atrai todo tipo de gente maluca.

— Nossa! E vocês devem conhecer cada lugar e cada pessoa maluca por aí – comento.

— Quando a gente começou a viajar, fazia questão de acordar cedinho para conhecer a cidade e depois tocar. Hoje em dia, não acontece muito isso. As que a gente não conhece até faz isso, mas as que já conhecemos só queremos saber de chegar no hotel e dormir para poder tocar bem disposto, porque no outro dia vai ser a mesma coisa, vamos encarar uma viagem de ônibus ou avião, dormir no avião. O que a gente faz é conhecer as pessoas, chegar mais cedo e conversar com as pessoas.

Ao lado, André cochichava para Ofuji:

— Cuidado que o Davi está aqui pra anotar todas as merdas que a gente fala. Cuidado, ele é o nosso *Inimigo*.

— Ah, sou o inimigo?

— É mesmo – confirma André.

— Você não lembra do *Quase Famosos*? – mais uma vez, o filme *Quase Famosos* aparecia como referência para meu trabalho.

— Lembro, claro, mas eu sou tão legal.

— Não importa, você é nosso inimigo.



Naquele dia, comentando com Ofuji sobre o livro e o que eu pretendia fazer, disse que gostaria de entrevistá-los separadamente para que eles contassem suas versões da história do Móveis. Poderia aparecer uma declaração diferente daquilo que os outros sabiam sobre a banda.

— É, aí vai rolar um atrito entre a banda e a banda vai acabar.

— Não, por favor. Não quero ser responsável por isso!!!

Seria eu com este livro responsável por um atrito entre a banda que os levaria ao seu fim? Leitor, que fique bem claro, jamais foi essa a minha intenção.

## **Por trás de um sorriso**

Um dos lugares mais especiais da música são os locais onde acontecem *shows*, desde os grandes espaços dos concertos dos maiores nomes do pop, até qualquer bar sujo: todos são verdadeiros antros da bagaceira *rock and roll*, que servem como pano de um dos momentos mais marcantes do encontro entre a música, os artistas e o público.

Esse lugar especial pode não significar nada duas horas antes de um *show* de *rock* começar, sendo simplesmente uma praça vazia. Duas horas antes de um *show* do Móveis Coloniais de Acaju, este lugar poderia ser uma praça pública vazia com um grande palco.

Uma hora depois da descrição acima, o ônibus da mobília chega à praça, ainda praticamente vazia, e agora já com meia dúzia de meninas prontas para assistir ao *show*.

O ônibus verde do Móveis parou atrás do palco, e o primeiro a descer foi o produtor Fabrício Ofuji:

— Que cara de sono, Ofuji.

— Claro, está cedo ainda e a gente foi dormir tarde ontem.

Um pouco mais animado, Xande apareceu em seguida:

— Rapaz, você também por aqui em São Carlos.

— Claro, faz parte da aventura.

O Xande me falava isso enquanto ajudava a tirar os instrumentos da banda de dentro do ônibus. Um ônibus que, fantasiosamente, lembra muito os filmes do personagem *Harry Potter*, em que os bruxos tiram uma infinidade de coisas de dentro de uma pequena barraca. Enquanto o pop bruxo tirava vassouras de dentro da barraca, os Móveis tiram instrumentos, amplificadores, guitarra, baixo, bateria, cabos, caixas, camisetas e o material de *marketing* da lojinha da banda.

Quando o Coaracy coloca a cabeça pra fora do ônibus, me diz: “nossa, você está parecendo o mestre dos magos”. Comentei com ele meu espanto sobre como cabia tanta coisa no ônibus:

— Quando a gente for uma banda grande, não vamos precisar disso.

Com os instrumentos no palco, começa a passagem de som deles, sempre rápida. Por sempre ter pouco tempo para montar o som, eles desenvolveram uma habilidade para passar o som no menor tempo possível. Em exatos vinte minutos, Xande e Coaracy prepararam a bateria; BC ligava a guitarra, Borém colocava o teclado no lugar com ajuda do Fábio e os metais foram ligados à mesa de som.

Ao mesmo tempo, Fabrício escrevia em folhas sulfite a playlist do *show* do dia para colocar em locais estratégicos do palco para todos os músicos. André observa e se mantém concentrado, ajudando em alguns momentos quando solicitado. Em seguida, todos juntos tocam *Cão Guia* e um trecho de *Descomplica*, já acompanhados por uma pequena plateia. Tudo isso em exatos 25 minutos.

Do lado do palco, o Frango, da técnica de som, pergunta:

— Gente, por mim está tudo certo, é só isso? – com resposta positiva, ele diz ao público: – Senhores, daqui a quinze minutos no palco, Móveis Coloniais de Acaju.

Sobravam vinte minutos para eles passarem no camarim, se concentrem, comerem rapidamente e voltarem ao palco. Enquanto a banda saía, Beto me

avisa:

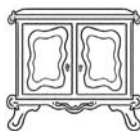
— Se quiser, nós estamos ali no camarim, desce lá.

Mas eu resolvo ficar ali, de cima do palco, observando as pessoas na plateia, e os vendedores de pipoca e sorvete. Com a saída do Móveis, um grupo de teatro de rua se apresentava, enquanto muitas pessoas começavam a chegar e encher a praça. De cima do palco, antes era possível ver carros passando, mas aos poucos era cada vez mais difícil ver as pessoas andando do outro lado da rua. Até eles voltarem do camarim, há havia uma praça lotada que esperava pelo *show*.

Quando o locutor anunciou: “E agora, na Virada Cultural de São Carlos, Móveis Coloniais do Acaju”, ouviam-se muitos gritos animados. A plateia começou quente desde os primeiros acordes de *Lista de Casamento*. Já na hora de *Perca Peso*, terceira música do *show*, a praça já estava completamente lotada. Mesmo assim, as pessoas continuavam chegando e de cima do palco “parecia um comercial de TV”, como me disse Coaracy, momentos mais tarde.

Por mais que fosse o segundo *show* do fim de semana, a mobília parecia ser composta pelos sujeitos mais dispostos daquele lugar, com direito aos tradicionais saltos de airtrombone do Xande, corridas sincronizadas de um lado para o outro, performances de Fabio, movimentos de flautarra (performance que leva esse nome por lembrar muito a performance de um guitarrista no ápice da empolgação durante um momento solo no *show*) com Beto, entre outras.

E lá embaixo, a diversão era semelhante para boa parte do público, com rodas de pessoas pulando entre amigos, passando pela movimentação circular da grande roda de *Copacabana* até o coro de *Indiferença*, que uniu todos ao final do *show*.



A plateia de um *show* do Móveis é formada, normalmente, por jovens de todas as idades, em sua maioria adolescentes que na maior parte do tempo pulam, correm, abraçam-se, como se mais nada existisse no mundo.

Dentre todas aquelas pessoas, muito me chamou atenção um senhor com cara de quem tinha ido com o filho. Aparentemente, ele não conhecia nada sobre a banda. Mas isso não foi motivo para ficar parado. Ele passou o *show* todo dançando, pulando e pseudo-cantando todas as músicas.



Terminado o *show*, enquanto uns guardam os instrumentos, outros montam a lojinha da banda, onde eles vendem material promocional, como CDs, camisetas, chaveiros, adesivos, entre outras coisas. O espaço da lojinha é montado em qualquer espaço mais próximo possível do público.

Enquanto a mobília trabalhava, conversei com o Frango sobre essa atenção do Móveis para o público e do público com o Móveis.

— Hoje, mesmo às duas horas da tarde, foi bem legal o *show*, né, Frango?

— Hoje foi massa, o público estava insano. Foi bem um *show* do Móveis.

— Você já ouviu falar por aí que o *show* do Móveis é considerado pela crítica musical um dos melhores *shows* do Brasil, pela presença de palco, pela música e outras coisas?

— Se é o melhor eu não sei, mas é um *show* que o sujeito vai para a casa feliz. Eles sempre pensam em fazer um *show* para que o público sinta que valeu o ingresso. É como comprar uma camiseta, se você comprar uma que depois de um tempo estraga, não compra mais daquela marca, e não é isso que eles querem que o público do Móveis sinta.

— E quem quiser ainda pode comprar camisetas, literalmente. Que eles mesmos vendem.

— Essa atenção com o pessoal, de parar e atender todo mundo é demais. Que banda faz isso de falar com o pessoal ali na paciência? Poucas. Isso aproxima os aproxima muito do público.





Os trabalhos da mobília na Virada Cultural terminavam – faltava arrumar as malas, almoçar às quatro e meia da tarde e enfrentar doze horas de estrada até Brasília. E ainda faltava passar num hotel.

— A gente está ali, mas é só pra cagar e ter onde tomar banho – explica Esdras.

— Enquanto o pessoal vai indo pro hotel, acho que eu vou comer – disse Beto.

— Acho que vou pegar um *Trem-Bão* – sugeriu Esdras.

— Vamos, me bateu aquela broca agora – concordou Beto, andando em direção à lanchonete. – A gente chegou e já tocou direto, sem almoçar, vamos ter que pegar um lanche rápido ali.

— Então é aqui que fica o famoso *Trem-Bão*? Eu lembro dos posts no *blog* de vocês falando disso – falei.

— Cara, aqui tem um lanche enorme, é surreal, o *Trem Nacional*, *Trem Capital*, alguma coisa assim. É muito grande, dá fácil para umas três pessoas comerem. A gente só não pede um desse porque estamos bem atrasados. O ônibus sai às seis horas, só vai dar tempo de pedir para viagem.

Ao entrar no *Trem-Bão*, Esdras e Beto são reconhecidos.

— Olha o pessoal do Móveis aí. – falou um rapaz que encarava um generoso lanche.

— E aí, beleza? Foram lá no *show*, curtiram?

— Fomos, foi demais. Vocês vão comer aqui agora?

Enquanto esperávamos o lanche, um papo de bar depois de um dia de trabalho, mesmo sendo um domingo à tarde.

— E aí, ajudou em alguma coisa esse final de semana pra você? Foi útil? – me perguntou Beto.

— Foi, cara, ajudou bastante, vários papos, várias ideias, consegui pegar muita informação no ar. Pode ser que vocês nem tenham percebido, mas pra mim foi bem útil.

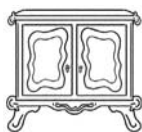
— Sempre que você precisar de alguma resposta específica, por favor, chega e pergunta direto. O pessoal responde, mas fica sempre muito disperso.

— Mas rendeu bastante, sim, por mais que eu não tenha feito muitas perguntas, gravado muita coisa, rendeu pelo fato de poder observar, ver as coisas acontecendo, isso é importante também.

— É, porque é diferente ouvir e estar junto quando a coisa está acontecendo – diz Esdras.

— Claro, com certeza, isso é o que deixa a coisa mais rica.

— Que bom, fico muito feliz com isso. – diz Beto.



Paramos em frente ao hotel, Beto e Esdras foram arrumar as malas, enquanto me sentei numa calçada com André e Frango.

— E o *show* do hoje, o que achou? – me pergunta André.

— Eu achei bem melhor que o de ontem, mais animado. Nesse *show*, parece que vocês já tinham o jogo ganho logo na primeira música. Eu percebo isso em alguns *shows* de vocês, algumas vezes vocês precisam de um tempo de umas três ou quatro músicas para ganhar a galera, enquanto em outros vocês já começam com o jogo ganho.

— É que hoje o *show* era mais do nosso público mesmo. Ontem, estava mais disperso, uma galera mais diferente, um público mais misturado.

— Mas ontem foi legal também, claro, só achei o de hoje bem mais animado.

Chega o Tom, técnico de som, com seu número do *Mc Donalds* e puxa assunto:

— Então você vai escrever um livro sobre o Móveis?

— Isso, Tom, é um livro-reportagem, relatando a história deles, além de um pouco do presente: um retrato de parte da turnê do *C\_mpl\_te*.

— Demais! Você tem que ir pra Brasília, cara, vamos marcar pra você ir pra lá.

— Vamos, cara, estou combinando.

Aos poucos, todos colocam suas coisas no ônibus e sentam na calçada. Quando quase todos estavam presentes, passa um carro azul e pára no sinal vermelho. Era uma família voltando para casa, pai dirigindo, mãe ao lado e duas filhas sentadas atrás. A mãe olha, percebe quem está na calçada e fica espantada:

— Nossa, a gente veio de Ribeirão Preto até aqui para ver o *show* de vocês e os encontramos aqui na calçada. O *show* de vocês é muito bom, parabéns!

— Que legal que vocês gostaram! Bom domingo, boa viagem – gritou algum deles.

Um tempo depois, a família aparece novamente, mas agora uma das filhas desce do carro. O pai fala lá de dentro:

— Eu tive que voltar aqui por causa de vocês, não teve jeito.

Então, desce do carro uma menininha branquinha, frágil, de no máximo dez anos, pára em frente à banda, emocionada, quase chorando.

— Quer batata? – oferece Beto.

— Não... – ela faz uma cara de choro, está muito emocionada, com os olhos cheios de lágrimas.

Ela fica parada, fixa o olhar em todos, não grita, não corre, não abraça, apenas observa. Fica um tempo ali e volta para o carro. A família vai embora e não volta mais.

## **Felicidade vai trazer**

Depois de sair de São Carlos, a mobília ficou dois dias em Brasília e caiu na estrada novamente, para Bauru, no interior de São Paulo. O Xande comentou comigo o quanto aquela semana foi cheia de atividades para eles, pois em pouco tempo tiveram que cumprir vários compromissos em Brasília.

— A gente ficou pouco tempo em Brasília; cheguei segunda de manhã

e quarta à noite estava viajando de novo, nem deu tempo de fazer tudo que eu deveria ter feito.

— Eu imagino que vocês tenham compromissos para fazer por lá e que, por viajarem muito, acabam ficando de lado – comento.

— Além disso, tem alguns trabalhos nossos. Tem algumas bandas que eu produzo ou ajudo a produzir, em Brasília. E não deu tempo de eu dar a atenção que todo mundo queria, pelo curto tempo que eu fiquei lá. Mesmo assim, tive que trabalhar pra caralho.

Neste *show* em Bauru, não seria a primeira vez que eu passaria o dia os acompanhando. Como já havia entendido como funciona a “logística” do Móveis, marquei de conversar com o baterista Gabriel Coaracy, entre um compromisso e outro, em vez de ficar a espera de um tempo livre.

Encontrei o Coaracy no *Sesc*, onde aconteceria o *show* naquela noite. Enquanto estava a caminho do local, tocou meu telefone, era o Coaracy:

— Cara, você está chegando? Onde você está? O ensaio não vai ser mais agora. – diz Coaracy.

— Estou praticamente na rua do *Sesc*.

— Mas você chega muito rápido? Porque o ônibus está saindo para o hotel, e o ensaio é só daqui a duas horas.

— Cara, em dois minutos, no máximo, eu chego aí.

— Deixa eu ver se o pessoal espera. – esperei na linha enquanto ele confirmava com se eles esperariam ou não. – Então, eu fico aqui, te espero e vamos a pé pro hotel, a banda já vai indo agora.

Depois de um minuto, cheguei e o ônibus havia mesmo ido embora. Pessoalmente, Coaracy me explicou mais uma das regras da rotina deles:

— Aqui é assim, ninguém espera, não. São dez pessoas, quem quer ir vai, quem não quer fica aqui mesmo.

— Nossa, mas eu estava tão perto!

— Tudo bem, estou acostumado com o esquema.

Esperamos Xande chegar e fomos conversando enquanto andávamos até o hotel. Ao chegarmos, em quinze minutos, encontramos parte do Móveis tomando café. Enquanto conversava com Coaracy, percebi uma coisa comum a

uma parte dos integrantes: eles nunca se desconectam da internet. Quem pode, fica o tempo todo com o celular nas mãos, sempre *online*.

Também percebi que mesmo enquanto falávamos do Móveis, com alguns dos outros integrantes presentes, eles não se manifestavam, deixavam Coaracy falar, sem interferir no raciocínio do colega. Mesmo que ficasse um clima estranho em alguns momentos, quando Coaracy falava sobre um dos presentes.



Naquela noite, o *show* estava marcado para começar às nove horas da noite, mas às sete horas Ofuji, Fabio, Paulo e Frango estavam no *Sesc*. Fabio diz ter passado a tarde toda contando as camisetas e outros materiais da lojinha do Móveis. E por causa da lojinha estava ali antes do *show*.

Às sete horas, poucas pessoas estavam no *Sesc*. Aquela noite o *show* seria num ginásio com espaço para duas mil pessoas. A dúvida no ar era se duas mil pessoas iriam sair de casa naquela noite para assistir ao *show* do Móveis. Seguramente, naquele momento, não havia nem vinte por cento de duas mil pessoas no ambiente.

Por volta das oito horas, mais pessoas começaram a chegar, com uma movimentação como a de um dia qualquer no *Sesc*. Nesse meio tempo, Beto, Coaracy e Xande comentavam comigo: “será que vai lotar aqui hoje?”, “será que vai dar gente?”, “parece ser bem grande o espaço, será que não vai parecer vazio?”. Aparentemente, “ia dar gente”. Com uma rápida circulada pelo ambiente já era possível ouvir algumas pessoas cantando, outras falando sobre o Móveis.

Meia hora antes do *show*, já havia público razoável para que as preocupações da banda por tocar num espaço que poderia “parecer vazio”, não fizessem mais sentido, mesmo que ainda faltasse muita gente para ocupar dois mil lugares. Quinze minutos depois de me distrair com uma conversa, o espaço ao meu redor estava lotado, como se metade dos convidados tivesse resolvido chegar ao mesmo tempo na festa. Ainda dava para andar tranquilamente no ambiente, mas já era

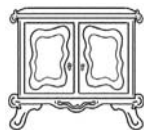
necessário pedir licença para ir a qualquer lugar.



Aos primeiros sons dos sopros de “pá-pá-pá-rá-rá-rá-rá-rá-pá-pá-pá-rá-rá-rá” da música *Seria o Rolex*, o *show* já parecia ser um daqueles em que o Móveis começa com toda a plateia animada e disposta a interagir com tudo que rolasse no palco. Conforme o tempo foi passando, mais pessoas foram chegando. Durante muito tempo as pessoas não paravam de chegar. Era tanta gente no ambiente que no geral, as pessoas precisaram se apertar para poderem abrir espaço para participar da tradicional roda da música *Copacabana*. Tanta gente fez do coro de *Indiferença*, um dos mais altos que vi uma plateia fazer.

— A gente queria o *Sesc* por tudo isso, por vocês... Nossa, é muita gente, valeu mesmo! Estamos surpresos, era pra tocarmos lá fora, para no máximo 150 pessoas, e veio todo mundo, valeu mesmo! Queremos muito agradecer ao *Sesc* também por ter liberado esse espaço maior pra gente tocar, foi demais!

Realmente, no início, quando foi anunciado este *show* no *Sesc*, a banda iria tocar num palco pequeno, para cerca de cem pessoas. Com a grande procura de informações sobre o grupo, a organização mudou a banda para um palco dez vezes maior.



Depois de acompanhar cinco *shows* seguidos do Móveis Coloniais de Acaju, em duas semanas, sempre com um olhar atento a toda e qualquer movimentação em cima do palco, resolvi mudar o foco das atenções e fiquei na plateia, junto com a galera..

O sujeito que assiste ao *show* do Móveis da plateia não percebe uma série

de coisas que acontecem no palco e em suas proximidades. O público não percebe a presença dos técnicos de som Frango e Tom, nem os combinados performáticos da banda. Quando o André canta, durante a música *Copacabana*, pela segunda vez o verso “minha intuição não me engana, você vai ser tão *Copacabana*”, Paulo, Xande e Esdras saem do palco para ir pro meio do público. Isso só para dar um exemplo. Tudo isso é essencial para o *show*, mas feito de maneira tão rápida e sutil, que o público, com suas atenções voltadas para ouvir e interagir com a música, não percebe nenhum desses movimentos.



Terminado o *show*, parte do público foi embora e parte rodeava a lojinha do Móveis. Enquanto eles trabalhavam mais um pouco, os fãs pediam autógrafos, outros apenas trocavam ideias, amigos conversavam (muitos sobre o próprio *show*), Coaracy encontrava uns primos distantes, André encontrava a prima Clarice (estudante da Unesp, em Bauru). Tudo isso até a última pessoa comprar a última coisa na lojinha e o André dar a última atenção necessária a um fã.

Em dado momento, André discutia com algumas pessoas sobre a vantagem dos *shows* gratuitos. Algumas pessoas assumiam que, se tivessem que pagar, não teriam ido ao *show*, mas diziam que a partir do que viram, pagariam para assistir a outro, em outra ocasião. No geral, todos acreditavam que o *show* tinha sido bom, mesmo para quem não conhecia a banda. Ofuji resumiu bem esses pensamentos:

— *Show* de graça assim é legal, vai se propagando, a informação vai passando de um para outro e vai juntando gente disposta a vir. Com certeza, muita gente não viria se tivesse que pagar ingresso. O legal é que se a gente vier outras vezes, tem gente que volta para ver o *show*.

**Eu trago meus  
sonhos para  
somar aos  
seus**





O QUE PRIMEIRO VEM À CABEÇA DAS PESSOAS QUANDO PENSAM NUMA TURNÊ DE UMA BANDA DE ROCK? O ESTEREÓTIPO LEVA A PENSAR EM GRITOS DE GROUPIES alucinadas, muito barulho, seguranças nas portas dos camarins, confusão, bebidas, drogas de todas as qualidades, sexo promíscuo: um ambiente verdadeiramente caótico. Pois os rapazes do Móveis Coloniais de Acaju vivem exatamente o contrário, tanto na estrada quanto no escritório. Pensemos primeiramente na tríplice sexo, drogas e *rock and roll*.

No processo de escrita desse livro, uma das coisas que mais me perguntavam era sobre drogas nos bastidores dos *shows*. Cheguei a ouvir frases como: “vem cá, verdade que aquele povo cheira horrores?”, “aquele vocalista está sempre chapado, né?”, entre outras. Essas mesmas pessoas ficavam espantadas ao ouvir que eles não usam drogas, nem antes, nem depois, muito menos durante os *shows*. Apenas o trombonista Xande fuma, e cigarro de palha.

Bebidas são proibidas antes dos *shows*. Ofuji, que cuida dos detalhes dos bastidores, controla para que as cervejas apareçam no camarim apenas depois dos trabalhos concluídos. Mesmo assim, alguns integrantes da mobília não têm o hábito de beber nada alcoólico, nem mesmo uma cervejinha de vez em quando.

O sexo é preservado na intimidade de cada músico. Pelo menos à vista de todos, não acontece. Já o *rock and roll* e toda a feijoada búlgara, como é chamado o estilo musical do Móveis, estão presentes, a todo momento.

Se pensarmos nos estereótipos roqueiros, então teríamos aqui uma banda de família. Seriam outros tempos? Estaríamos vivendo uma época diferente, pacífica e chata, se compararmos com os tempos passados? O baterista Coaracy tem uma explicação mais plausível:

— Imagine como seria se todo mundo resolvesse despirocar a todo mo-

mento?

— Bom, pelo que deu para perceber, vocês têm o perfil de pessoas que podem despirocar a qualquer momento sem nenhum problema. .

— Com certeza. Por isso é que precisa ter um controle. As pessoas se cobram por isso, e o pessoal também se monitora.

Por essas e outras, poderíamos dizer que sim, temos aqui uma “banda de família”. Uma família casada, como também fala Coaracy:

— São dois casamentos, um com a banda e um com minha esposa. Se não administrar, eles entram em crise.

E neste administrar, entra o tempo em que têm que se dividir, o que não é nada simples para uma banda que viaja muito. Cada vez mais, aumentam os dias viajando, longe das esposas, principalmente nos finais de semana, quase sempre de quinta a domingo. Às vezes, os rapazes ficam até mais de dez dias longe das esposas. Então, eles ligam para casa o tempo todo. Não é difícil vê-los lembrando constantemente da família.

Na ocasião do dia do *show* do Móveis em Bauru, faltavam vinte dias para o tecladista Borém se casar. Era inevitável que ele passasse o tempo todo pensando na cerimônia que viria em breve. Até conversamos sobre isso.

— Acaba que os noivos têm que pensar em tudo, né?

— Tudo! E a gente resolveu colocar música na festa para o pessoal dançar. Aí você pensa, “então vou chamar um DJ”, e depois “então vamos colocar uma luz legal para o pessoal dançar”, Quando você vai falar com a moça que organiza a festa, ela fala: “mas você não vai comprar plumas e óculos coloridos para os convidados dançarem?”. Bom, aí eu parei, falei “não, jamais”. Ela ainda argumentou que está na moda, mas eu não quis saber, tudo isso é dinheiro que vai.

— Nossa, mas precisa de plumas e óculos coloridos para vocês serem felizes?

— Não precisa! E eu ainda tenho tantas coisas pra pensar. nos convidados, nos parentes que chegam de Minas Gerais... são muitos detalhes a se pensar. Semana que vem, eu vou pra Brasília para fazer tudo que falta do casamento. Segunda, eu tenho reunião com o DJ da festa, terça com o rapaz das bebidas, quarta com o cara do salão, quinta-feira a prova de roupa. São tantas coisas que no dia

vamos estar mortos de cansados.

— Então no *show* em São Paulo você não vai tocar? – o *show* aconteceria um dia antes do casamento.

— Não, de jeito nenhum, nesse *show* eu nem vou, já falei há tempos para o Ofuji que ia me casar. Ele me disse que ia ter *show* um dia antes do casamento, e eu disse: “legal, mas eu não vou tocar”. Então a banda vai ficar sem mim dessa vez. Se eu faço isso, volto sem noiva.

Só para constar, deu tudo certo no *show* de São Paulo, sem o Borém, e no dia do casamento em Brasília, também, com toda a banda presente, sem plumas e óculos coloridos. Quando reencontrei Borém, em Brasília, perguntei como estava a vida de casado e ele me disse, sem titubear: “ótima!”.



Dividir o tempo com a família é algo que fica ainda mais difícil quando se tem um filho. O que é o caso do guitarrista do Móveis, o BC. Ele precisa dividir seu tempo entre a banda, a família e ainda seu segundo emprego, no *IPEA*. Ele é o único da mobília com dois empregos, algo que acontecia apenas no começo da carreira. Desde 24 de outubro de 2009, BC divide suas 24 horas diárias com tudo isso e seu filho, Heitor.

— O que o Heitor mudou em sua relação com a banda?

— Isso é uma boa pergunta, acho que você é a primeira pessoa que me pergunta isso. Eu também não sei se tinha pensado nisso. Eu acho que é o seguinte...

Pausa longa.

— Não, eu já tinha pensado sobre isso, sim. Eu acho que tem aspectos positivos e negativos, como tudo na vida. Muda como muda qualquer relação profissional quando você tem um filho. Você fica mais prático, tem que resolver tudo em menos tempo porque você quer estar mais perto do seu filho. Então eu me tornei uma pessoa mais prática, que não guarda mais tanto remorso, tanto rancor.

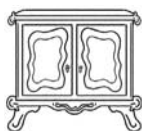
Fiquei com o coração um pouco mais leve, não perco tempo brigando.

— E tudo isso também facilita sua rotina nos dois trabalhos?

— No caso, eu ainda vivo das duas coisas, e estou começando a entrar em colapso. Porque está muito apertado. Por exemplo, esse final de semana vai ter dia das mães na escolinha e eu não vou estar lá. De certa forma, você acaba se cobrando inconscientemente e cobrando mais da banda um retorno pessoal, artístico e financeiro. Você pensa “caramba, tem que realmente valer a pena para eu estar perdendo esse momento”. Isso é uma coisa que eu estava vendo em um documentário do *Bon Jovi*, ele tem quatro filhos e quase nunca vê os teatrinhos da escola ou participa da vida das pessoas que ele gosta.

— O que é algo muito importante para qualquer um, né?

— Super importante. E isso vai ficar pro resto da vida na cabeça do moleque. O Heitor ainda não tem essa consciência, eu sei que vai ter em breve e que isso vai pesar. Mas por outro lado, tem um lance muito legal, que é o orgulho que ele vai sentir de mim. Estou numa banda super legal, com a possibilidade de defender um trabalho interessante, fiel aos valores que a gente acredita, sem pisar e nem caluniar ninguém. Ao invés de ele chegar na escolinha e falar “meu pai é médico, ele conserta as pessoas”, ele vai falar “meu pai é músico, ele diverte as pessoas”. Eu acho que ele vai se orgulhar, e essa é a parte boa, é diferente.



Na maioria das vezes a família do Móveis fica em casa em dias de *shows*, mas em algumas ocasiões, alguns vão prestigiá-los.

Em Bauru, Coaracy encontrou alguns parentes que moram na cidade. A expectativa de tocar por lá era grande, e duas semanas antes ele me disse:

— Cara, meu pai nasceu em Bauru, mas muito cedo ele foi para o Rio de Janeiro, então ele se considera carioca. E desde pequeno eu não vou lá, já cheguei a passar na estrada perto da cidade, mas só isso.

Já na cidade, dois primos de Coaracy entraram em contato e combina-

ram de encontrá-lo. Depois do *show*, ele, seus primos e esposas conversavam, num perfeito clima de reencontro.

Também em Bauru, o vocalista André e sua prima, Clarice Diamantino, que estuda *Design* na Unesp, puderam se encontrar. Clarice até me disse:

— Quando a gente era menor, passava muito tempo junto e o André sempre foi nosso primo artista. A gente passava junto as férias de julho em Barretos, e agora nos vemos menos, ele virou artista de verdade.

Além desses, sempre que possível algum parente da mobília aparece nos *shows*. O pai do Fabio, professor da UnB, sempre está nos *show* em Brasília, tanto que alguns alunos da Universidade já o viram em alguns *show*. Um deles me disse:

— Eu sempre via o professor Pedroza nos *show* do Móveis.



Dentre todas as presenças familiares, a relação que mais me chamou atenção durante a produção deste trabalho foi a de Beto com a Dani, sua namorada, no *show* da Virada Cultural, no *Sesc Santana*, em São Paulo.

No pequeno espaço dispensado pelo *Sesc Santana* para o *show* da banda, Dani ficou no fundo da plateia, ao lado da mesa de som do Tom, só observando, enquanto a galera em frente ao palco pulava e curtia freneticamente.

O mais legal de tudo isso aconteceu no final do *show*. Depois da realização da grande roda, Beto volta pro lado de dentro de onde acontece o *show*, passa pela Dani e lhe dá um beijo, antes de subir ao palco para guardar os instrumentos e terminar as atividades da noite. O que parece ser um simples beijo, pode ter sido algo muito maior aquele dia.



# **Entrevistas II**





## BC

Ele parece ser um dos caras mais reservados do Móveis. Depois de conviver algumas vezes com ele, tenho ainda mais certeza que o guitarrista, pai de família e economista BC é um dos mais reservados de toda a mobília. Embora, com as perguntas certas, conta como sente seu papel dentro do Móveis.

— Na divisão da empresa Móveis você faz a parte financeira da banda, né?

— Na banda sim, eu acho que nesse aspecto a gente não está nada mal. A gente usa um *software* bem completo, que dá todos os relatórios que a gente precisa. Assim, a gente sabe quanto a turnê tal rendeu ou deu prejuízo, quem está devendo, quem a gente tem que pagar, tem que mexer no *Excel* também, mas qualquer pergunta do ponto de vista financeiro a gente consegue responder. Dá um trabalho necessário. Contabilidade é muito isso, eu não gosto muito dessa parte muito contábil, não, mas sobrou pra mim, vamos lá.

— Legal que vocês mesmo fazem, sem depender de um terceiro.

— O Móveis não pode se dar a esse luxo de depender de outra pessoa para fazer. O Móveis está vivendo um momento muito massa, eu acho que tem muita lenha para queimar, só que tem um fluxo. Eu acho que tudo na vida é um fluxo, então você se resolve por alguma razão, não adiantava eu chegar com a visão que eu tenho hoje do que é ser uma banda-empresa há quatro anos. Primeiro que eu não tinha essa visão e essa clareza que eu tenho hoje. E segundo que meus colegas também não tinham.

— É uma maturidade que a banda foi ganhando com o tempo?

— A gente ganha naturalmente. Claro que a gente é uma banda que pla-

neja muito, se dedica, faz nossa parte, mas você também tem que deixar as coisas acontecerem um pouco, tudo tem seu momento. Eu lembro em 2007, 2008, a gente teve discussões horrorosas, se a gente ia assinar com gravadora, se não ia, tinha nego na banda dizendo que se a gente não assinasse ia sair da banda, porque se não ia ter futuro. Eu inclusive pensava assim, que seria o grande passo. Talvez até hoje eu pense um pouco assim, que seria uma ajuda, não sei.

— Mas isso seria algo ou alguém que acompanhasse vocês? Apoiasse o Móveis, você quer dizer, uma gravadora, um produtor, algo assim?

— Pode ser, a questão é que a gente tem que achar nosso caminho. E naquela época eu acho que a gente não teria estrutura para aguentar uma pressão desse tipo. A gente não tinha. Eu pessoalmente encarava a banda como um hobby, um hobby de luxo, isso só para te dar uma coisa, só para te dar um aspecto. As visões eram cada um com a sua, hoje a gente está bem mais alinhado, o que eu quero falar mesmo, é que a gente tem que deixar as coisas se abrindo, chances aparecendo, tem que estar preparado para aquela bola que quica na área para fazer o gol. Não que a gente vá contar com a sorte, mas a sorte aparece para quem está preparado.

— Você está trabalhando ainda?

— Eu to acabado, tenho que me dividir entre o *IPEA*, a banda, minha família. Para mim é um sonho trabalhar lá, como economista estou muito feliz lá, mas eu tenho que trabalhar, compensar o fato de não estar lá.

— Mas pode?

— Os chefes fazem vista grossa, poder não pode, mas como eu tenho uma produção legal, trabalho legal, resolvo tudo. Ontem fiquei sabendo que tinha que entregar um resumo de três artigos de quinze páginas, nem tinha lido, mas entreguei. Isso me dá uma certa tranquilidade, eu fico sempre *online*, eu sempre cumpro minhas tarefas. Isso foi uma coisa que aprendi com o Heitor, ter um pouco mais de leveza na vida, se não você surta. Se quiser prever tudo que for acontecer você fica arrasado, quando o menino tem um probleminha, criança é criança. Eu ainda estou aprendendo, às vezes eu estou bem carregado.

— O palco parece que vocês estão se divertindo tanto que vocês não tem problema nenhum. Não sei se vocês disfarçam bem...

— Musica pra mim é como se fosse meditação. O que eu acho legal tocar quando está tudo certo é não poder pensar mais em nada, esquecer que o resto do mundo existe, seu dedo vai, você já sabe tocar aquilo, aquela coisa da meditação da consciência só no presente. Aí compensa tudo. Agora uma das coisas que eu menos gosto é o oposto, quando começa a dar tudo errado, sem condição para seu trabalho render, é um pouco mais frustrante, mas às vezes acontece.

— Mas tem acontecido cada vez mais o positivo ou negativo?

— Tem acontecido cada vez menos roubada, mas tem algumas situações que chateiam ainda um pouco. Mas estão melhorando mesmo, a gente está ficando cada vez mais profissional, mas ágil.

— Você já parou para pensar nos solos de guitarra, parece ser uma coisa que não tem muito hoje em dia e você ainda faz isso no Móveis.

— No começo do Móveis tinha um pouco disso. Minha escola de *rock* sempre foi *rock* clássico, *Jimi Hendrix*, *Clapton*, *David Gilmour*, caras que eu escuto até hoje. No começo por uma limitação técnica não tinha espaço, tinha aquele discurso tudo muito tem que fazer tudo, é o coletivo, não tem espaço para o individual. Mas eu sempre achei que todos eles tem momentos de improvisação muito bons e isso não era usado na banda. Por outro lado, eu acho que se isso não tivesse sido tolhido desde o começo o Móveis ia se tornar uma *big band* muito chata. Quando eu entrei fui colocando minhas influências, fazendo meu jeito de tocar guitarra e as pessoas foram entendendo que faz parte da música. Até mesmo para inovar no *show*, a gente tem aberto espaço para improvisação. Hoje a gente atingiu um equilíbrio interessante, não é gratuito, mas também não fica algo oprimido.



## PAULO ROGÉRIO

Certa vez, depois de um *show* do Móveis, sentei para conversar um pouco com o Paulo, enquanto o ônibus deles não chegavam. Sem fazer uma pergunta, ele começou a me contar parte de sua história no Móveis. O que não era para ser uma entrevista, começou com uma resposta dele e seguiu num bate-papo que jamais parecia uma entrevista.

— O Móveis é toda loucura que eu sempre imaginei fazer e não podia fazer por aí e aqui eu posso, eu invento o povo gosta e eu posso fazer.

— Desde sempre foi assim?

— Sempre. No começo eu até estranhava. A primeira vez que o Borém me ligou pediu pra eu ir de preto, todo de preto para me apresentar. Ai eu cheguei lá e ele me colocou um chapéu de chinês na cabeça. E o André estava vestido de gueixa, eu pensei, eita porra onde foi que eu vim parar. Minha mãe mesmo falava, filho onde é que você está se metendo com esse playboys, mas foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

— Sua família estranhava? Mas não era algo que você estava se divertindo, fazendo com prazer?

— Pra mim sempre foi muito difícil, meus pais são analfabetos, nunca foi prioridade os estudos em casa, sempre foi ajudar a família, trabalhar, então pra mim sempre foi muito difícil. Tanto que eu tive educação diferente dos demais, mas consegui chegar na *UnB*, e foi lá que eu conheci o Esdras, consegui muita coisa. Minha mãe não entende a importância do Móveis, o que a gente faz, representa. No dia das mães eu fui pra casa e mostrei pra ela fotos da banda, dos *shows* na Europa e ela não entende, ela diz: “mas vocês tem que tocar em Planaltina por-

que aqui ninguém conhece vocês”. O Borém, o pessoal da banda sempre me deu muito apoio, mas não por eu ser o pobre coitadinho, de forma alguma. Eu tocava numa banda de baile, que tem que ser tudo muito certinho, muito perfeito, tem que chegar na hora. Tanto que em muitos ensaios do Móveis eu chegava primeiro e ficava esperando o pessoal chegar muito depois.

— Você entrou no Móveis a convite do Esdras, né?

— Foi sim. Eu entrei, depois ele foi para a Europa um tempo. Lembro um dia que eu atendi o telefone e era o Esdras. Eu até achei estranho, nem era tão amigo assim do Esdras, era colega de encontrar na faculdade, não de ser parceiro. Ele me ligou lá da Europa, meia hora falando comigo no celular. Eu sempre pude contar muito com ele, de poder ouvir uma palavra amiga quando preciso, por mais que ele sempre pareça esse cara de aparência enorme brutamontes, meio ursão enorme na mesa, ele sempre tem alguma coisa pra te dizer, está sempre pronto para te ouvir. Uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida foi conhecer o Esdras.

— Mas entre a banda toda vocês parecem ser muito amigos.

— Em todo lugar que vc tem grupos de amigos podem surgir panelinhas, no Móveis a gente sempre tem a liberdade. Eu estava falando com o Borem, agente é tão amigoq eu não mede as alavras para falar com os outros, a ponto de chegar e falar, bicho, tu é um filho da puta, não devia estar falando isso. E antes podia dar uma sensação de “não quero mais trabalhar com esse cara”. Mas o nível de conhecimento que a gente tem com a banda. E a cada ano que passa a banda se fortalece.

— E quanto a brigas? Vocês brigam muito? Por que motivos?

— A gente briga de sacanagem, de birra. Essa semana teve briga na reunião, no ensaio. A gente mudou para a sala nova e o Esdras tem mania de ficar virando na cadeira e eu briguei com ele porque ele raspou a parede toda. O André e o Esdras deixaram o ar-condicionado ligado, tive que brigar com eles, mas não existem brigas muito sérias. O legal do Móveis é que a gente tem a liberdade de, se quiser, levantar, pegar o instrumento e sair. Já aconteceu comigo de ficar de saco cheio e ficar um tempo fora, acontece cara. E só funciona porque a gente é assim e pelo grau de intimidade.

— E isso reflete nos *shows* de vocês? Já percebi que vocês se emocionam muito em alguns *shows*.

— Tem *shows* que rola de chorar. O último *show* do Renato ele chorou muito no palco, ele e o Esdras choraram muito. No Circo Voador eu chorei pra caramba, você vê as reações das pessoas e fica feliz porque vale a pena.

— *Show* fechado tem alguma coisa diferente?

— Pra gente é a mesma coisa. A gente tocou numa festa de casamento em Brasília, o presente do noivo pra noiva foi o *show* do Móveis e ela não sabia, a gente ficou escondido, rolando o casamento, a gente ficou atrás do altar escondido. Terminou a apresentação dos caras e do nada a gente começa a tocar menina moça, ela começou a dançar com o noivo e o André chegou atrás dela, e foi muito bonito, presente do noivo pra ela.

— Isso é algo que a música faz, né? Tocar o sentimento das pessoas de maneira inexplicável.

— Tinha uma menina que cantava todas as músicas, com tanta vontade e você olha pra a menina e fica emocionado, porque ela está feliz e saber que você deixou alguém feliz isso valeu por tudo. a gente já recebeu vários *emails* de pessoas dizendo que era a música de suas vidas. E não existe dinheiro no mundo que pague isso, esse poder de tocar as pessoas. Não é o dinheiro, não é a coisa da televisão, é isso, as pessoas. Você olhar para o casal de namorados que estão ali e você sentir que conseguiu tocar as pessoas. Acho que é a grande meta do artista, é tocar o sentimento das pessoas, fazerem elas sentirem isso.





## Leo BURSZTYN

Um dos fundadores do Móveis fez economia na *UnB* e deixou a banda para ser doutor em *Harvard*. Antes de atender alguns alunos, via *Skype*, lembrou da história do Móveis e falou um pouco sobre seu novo projeto de música.

— Você estava no começo do Móveis, como foi isso?

— A gente começou a chamar as pessoas, um baterista, depois outro, outro, outro e como o André não tocava nada, resolvemos que ele seria o vocalista. Depois vimos que ele era um cara bem talentoso, mas na época foi assim. Tinha um saxofonista chamado Jordachi, um trompetista chamado Hugo, um baterista chamado George, o André chamou o Borém, um outro guitarrista que chamava Juan Carlos. Era muito assim, na época, está a fim, entra aí, sacou? Tanta formação, tanta gente já tocou no Móveis, você nem imagina. Principalmente sopro, teve muita gente que tocou.

— E como que foi o primeiro *show* da banda? Você também ajudou a organizar?

— O Milos que arranjou o *show*, eu corria muito atrás das coisas no começo, eu era o cara pilhadão no começo. A gente conseguiu esse *show* e organizou tudo, na tora. Foi de graça, deu uma galera, cem, duzentas pessoas, bastante para um primeiro *show*. Depois surgiu um monte de *shows*, de escola, festivalzinhos.

— Desde sempre vocês organizaram muitas coisas, né? Até a festa do lançamento do primeiro cd foi um marco para vocês, né?

— Foi a história da venda casada, uma coisa que eu estava empurrando muito na banda e o pessoal estava a fim, com a ideia de vender cd junto com in-

gresso. Eu sou da economia e sei que venda casada é uma boa, porque as pessoas acabam comprando. Você vende um preço sem o disco, com um preço caro. Se o ingresso custa dez reais e o disco dez reais, você vende o ingresso com disco por vinte reais e sem o disco por dezessete. Ninguém queria ser o disco.

— Fazer economia foi fundamental para ajudar a banda mas ao mesmo tempo foi seu motivo para sair?

— Eu sempre fui muito nerd, em 2005 eu sai. Em 2003 eu quase sai porque passei em mestrados de universidades melhores que a *UnB*, eu fiquei meio assim, mas resolvi ficar, Em 2005, eu passei em *Harvard* e tive que vir, sair do Brasil. Na boa, eu tentei trancar, largar, fiquei muito balançado. Mas eu continuava fazendo muita música.

— Músicas que iriam para o Móveis?

— Acredite, eu tenho umas cinquentas músicas que nunca foram gravadas. Mas é difícil quando você não está lá, eu tentei fazer parte. Compunha e mandava para eles numa gravação tosca. Depois de cinco, seis meses nos Estados Unidos eu voltei para o Brasil com uma música, *Lista de Casamento*. Nessa mesma viagem o André estava com a letra de *Cheia de Manha* e eu fiz a primeira versão da música. Eu continuava indo para o Brasil para tocar com a galera. Eu viajava, tirava música, tocava. Eu participava da parada. Mas foi ficando difícil, com dez pessoas ficando juntas e um cara fora, não dava.

— Naturalmente você foi saindo do Móveis?

— Eu estava ficando tão distante da banda e não tinha moral de largar de *Harvard*, então acabei saindo em 2008, não tinha tempo, nem condições de ficar.

— Dessa época você começa a compor os *mashups*?

— Em 2006 eu comecei a fazer isso, porque eu queria compor música mas não conseguia cara, fazer, botar sopro. Eu falei, cara, vou roubar as músicas dos outros e compor minhas músicas. Eu ia para o Brasil, tocava nas festinhas, depois de sair do Móveis comecei a levar isso mais a sério. Eu escolhi esse nome Faroff por se tratar de misturar tudo mesmo, fazer uma coisa meio pop misturada com tudo.

— E você toca muito com seu projeto?

— Eu comecei a tocar na Bootie, uma festa de mashups, que tem em dezesete cidades do mundo. Eu toquei na de Boston, virei residente na de Boston, depois toquei na de *Nova York, Los Angeles, Berlim, Paris*, comecei a tocar no mundo inteiro. Hoje em dia toco em *Los Angeles e São Francisco* e ajudei a consolidar a festa no Rio de Janeiro. Tem um público grande para isso, mas eu toco como um hobby.

— Agora você é professor de *Harvard*?

— Eu sou professor de economia da *UCLA*, estou morando em Los Angeles agora. E quando estou a fim eu toco.

— E você acompanha a banda, os caminhos deles, como acha que vai ser o futuro deles?

— Eu acompanho menos a banda, sempre estou muito ocupado, é difícil acompanhar. Hoje em dia eu acompanho, vez em quando eu entro no *site* vejo o covers deles. Apesar de achar que é tudo bem feito, o estilo do que eles tocam não é mais minha praia. A banda está indo muito bem. O problema é que o mercado musical está fudido e a banda está criando formas de inventar modos de viabilizar o projeto, mas eles estão indo muito bem, acho que eles tem um presente muito lindo e vão ter um futuro muito lindo.



## POSFÁCIO

Um dia qualquer estava navegando pela internet. De um *link* a outro cai no *blog* do Móveis. Depois de

ler alguns posts, pensei alto: “nossa, a história deles, por mais que ainda curta, já rende um livro”. Em seguida, tive uma luz no fim do banho e resolvi que escrevia este livro. Li mais um pouco, pensei algumas coisas e mandei um *email* para o saxofonista Esdras Nogueira. Um grande *email* explicava a ideia, de onde tinha surgido minha inspiração para falar de Móveis num único livro e porque eles mereciam tamanha publicação.

“...a história de vocês é bem legal, com uma pesquisa bacana, dedicação a valer, criatividade e a disponibilidade da banda, sairia algo de dar vontade de ler. Mas tem a parte da disponibilidade da banda, por isso tô mandando o *email*. Se rolasse mesmo, se eu apresentasse uma ideia mais concreta, por enquanto isso é só um *email* com a primeira ideia e tals, interessante, enfim, a banda toparia que eu fizesse um trabalho assim com vocês?”

Naquele fim de ano, a banda viajava e por isso, Esdras demorava a me responder o *email*. Resolvi telefonar:

— Alô, é o Esdras?

— Sim, isso, é o Esdras.

— Ooooo, Esdras, aqui é o Davi, estudante de jornalismo da *Unesp*, tudo bem?

— Pô, cara, tudo bem, tô te devendo a resposta daquele *email* ainda, não respondi?

— Não, não respondeu não.

— Pô, é que a banda está viajando e ainda não deu tempo, quando a gente chegar em Brasília vamos sentar todo mundo e conversar sobre isso pra

acertar. Mas não vai ter crise, não, acho que rola sim.

— Você acha que rola? Estou ligando porque você não respondeu, e como é um processo demorado levantar todo o material, e como estou bem empolgado, resolvi te ligar pra começar tudo.

— Tranquilo, a gente está aqui em Florianópolis, depois vamos pra Brasília, aí a gente senta, conversa e te responde, claro.

— Bom, beleza, fico aguardando a resposta de vocês, então.

— Opa, abraços.

Da primeira ideia até este livro estar em suas mãos, foi muito tempo de dedicação. Entrevistas com a banda, viagens, reflexões sobre o rumo que o livro tomava, conversas com amigos que me orientavam na execução deste trabalho, textos escritos e jogados no lixo, ideias guardadas por meses na gaveta para nascerem meses depois... e a aura *Quase Famosos*.

Desde que comentei com alguém sobre a realização deste trabalho, uma das comparações mais naturais e imediatas feitas por amigos, conhecidos, professores era deste livro com o filme “*Quase Famosos*”, do diretor *Cameron Crowe*. Na história do cinema, em 1973, inspirado pelo famoso jornalista *Lester Bangs*, *William Miller*, um rapaz de quinze anos consegue um trabalho para a revista *Rolling Stone*, para acompanhar a turnê da banda *Stillwater* pelos Estados Unidos.

A certa altura do filme, a banda apelida William de *Inimigo*. Em alguns momentos, por mais negativa que seja a palavra *Inimigo*, parte da mobília me chamava de inimigo, com o devido tom de bom humor no discurso. Lembro de Ofuji e André cochichando:

— Opa, cuidado que o Davi está aqui pra anotar todas as merdas que a gente fala, cuidado, ele é o nosso *Inimigo*.

— Puxa, mas eu sou tão legal – tento me defender.

— Não, importa, é nosso inimigo.

Quando pensei em escrever este livro, nem lembrava deste filme, mas claro, a comparação faz sentido, em alguns momentos. Dentre várias outras, uma comparação é certa, o momento do *rock and roll*. No filme, acompanhando a rotina da *Stillwater*, temos um retrato do que era ser uma banda de *rock and roll mainstream* nos anos 1970. Neste livro, acompanhando a rotina do Móveis, temos

o retrato do que é uma banda de *rock* independente contemporânea, em seus mais diversos aspectos, com suas apresentando suas características, ouvindo suas histórias e acompanhando parte de sua rotina.

Depois de tudo que acompanhei e escrevi, do tempo dedicado a este trabalho, tenho a sensação de que este grande retrato é apenas parte de um todo, parte de uma história que ainda tem muito para acontecer. Como no diálogo que tive com André um dia, quando a banda estava prestes a voltar para Brasília, depois de dias viajando:

— E aí, André, depois de vários dias longe de casa, voltar pra Brasília agora dá uma sensação de dever cumprido agora?

— Não, acho que não, ainda tem muito mais, não para não.







**MÓVEIS  
COLONIAIS  
DE  
ACAJU**